

CARLOS FALCÃO DE MATOS

SERES & MUNDOS

FÍSICOS E ESPIRITUAIS

“...ALÉM DAS ESTRELAS... NOVOS MUNDOS
REVELAM-SE E DESDOBRAM-SE EM FORMAS
DE VIDA, QUE AS NOSSAS CONCEPÇÕES NÃO
PODEM IMAGINAR...”

ALLAN KARDEC (A GÊNESE)



A LUZ DO SER
edições

CARLOS FALCÃO DE MATOS

SERES & MUNDOS

FÍSICOS E ESPIRITUAIS

“...ALÉM DAS ESTRELAS... NOVOS MUNDOS
REVELAM-SE E DESDOBRAM-SE EM FORMAS
DE VIDA, QUE AS VOSSAS CONCEPÇÕES NÃO
PODEM IMAGINAR...”

ALLAN KARDEC (A GÊNESE)



A LUZ DO SER
edições

SERES & MUNDOS
FÍSICOS E ESPIRITUAIS

Título:

Seres & Mundos Físicos e Espirituais

Autor:

Carlos Falcão de Matos

Editora:

A Luz do Ser, edições

Direitos reservados:

© A Luz do Ser

ISBN:

978-65-00-23042-0

Proibida a reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (mecânico, eletrônico, fotocópia, gravação, distribuição na Web, etc.), sem prévia permissão escrita da editora.

Carlos Falcão de Matos

SERES & MUNDOS
FÍSICOS E ESPIRITUAIS



A Luz do Ser

edições



*Ao Criador, nosso amado Deus, com
infinita gratidão pela sua benevolência.
Aos nossos Anjos e Guias espirituais,
pela sua proteção e valiosos conselhos.
À minha amada esposa, Cleonice Matos,
musa inspiradora e alma gêmea, pelo
seu amor, companheirismo e incentivo.*

Índice

Corpos Sutis

Corpo físico

Corpo etérico

Corpo astral

Corpo mental

Corpo causal

Corpo búdico

Corpo átomico

A Aura

O ESPELHO DA ALMA

[Fotografia Kirlian](#)

[A Leitura de Aura](#)

[Vampirismo energético](#)

[Universo Setenário](#)

[OS SETE PLANOS VIBRATÓRIOS](#)

[Os sete planos vibratórios](#)

[O plano físico](#)

[A morte física](#)

[Despertar no outro mundo](#)

[O plano astral](#)

PLANO ASTRAL

Umbral: um verdadeiro inferno!

Sofrer eternamente?

Tiranos e escravos

As trevas: as regiões abissais do Umbral

Expulsos do planeta

As equipas de resgate

Táticas de aliciamento

A crosta terrestre

Colônias espirituais

REGIÕES INFERIORES E SUPERIORES

Campo de Paz

Nosso Lar

Aruanda: onde há paz e amor

Os espíritos de Luz já foram índios ou escravos negros?

Regiões superiores

PLANO ASTRAL

Plano mental

Seres Físicos e Extrafísicos

Seres humanos

ENCARNADOS

[Mestres espirituais](#)

[Médiuns](#)

[Técnicas de apometria](#)

[Pessoas comuns](#)

[Feiticeiros](#)

[Um bruxo convertido](#)

[Seres humanos](#)

[DESENCARNADOS](#)

[Desencarnados](#)

[ENTIDADES DO BEM E ESPÍRITOS COMUNS](#)

[Mestres e missionários](#)

[Guias espirituais](#)

[Desencarnados comuns](#)

[Restaurar a consciência](#)

[A morte violenta](#)

[O regresso ao lar](#)

[Desencarnados](#)

[ENTIDADES DO MAL E ESPÍRITOS INFERIORES](#)

[Magos Negros](#)

[Quiumbas](#)

[Pelos atalhos do Umbral](#)

[Um caso de obsessão](#)

[Os suicidas](#)

[Déspotas e assassinos](#)

[Os reféns do vício](#)

[Obsessores sexuais](#)

[Parasitismo ovoide](#)

[Os egoístas](#)

[Seres não-humanos](#)

[ANJOS E SERES ANGELICAIS](#)

[Os Anjos no cristianismo](#)

[Os Anjos em outras religiões](#)

O Anjo da guarda

Os Orixás

Seres não-humanos

SERES ENCANTADOS

As Mouras Encantadas

Encantados que nunca encarnaram

Humanos que viraram Encantados

Seres não-humanos

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Qual é a origem dos Elementais?

Os Reinos dos Elementais

REINO DA ÁGUA, DO AR, DA TERRA, DO FOGO

Reino da Água

Sereias

Ondinas

Ninfas

Reino do Ar

Silfos

Fadas

Reino da Terra

Hamadriades

[Gnomos](#)

[Duendes](#)

[Reino do Fogo](#)

[Salamandras](#)

[Seres não-humanos](#)

[CRIATURAS ARTIFICIAIS](#)

[Formas-pensamento](#)

[Miasmas ou larvas astrais](#)

[Elementais artificiais](#)

[Implantes de elementais artificiais](#)

[Sombras e Cascões astrais](#)

[Invólucros vitalizados](#)

[PUBLICADOS](#)

[Bibliografia dos três volumes](#)

Introdução

Os três volumes que compõem esta trilogia publicada inicialmente num único volume com o título *A Evolução do Ser Espiritual* e que assinei com o pseudônimo de *Alexandre Mattos*, oferecem uma visão global dos múltiplos mistérios que fazem parte do nosso ser espiritual e dos planos invisíveis que nos permeiam, sem dogmas nem preconceitos religiosos, numa linguagem de fácil entendimento e, sempre que necessário, apoiada por abundante e útil informação em notas de rodapé.

O primeiro volume - *Carmas e Encarnações* - procura explicar o que são os carmas, como ocorrem e como nos ressarcimos desses débitos espirituais ao longo da caminhada evolutiva da nossa alma. A reencarnação, como processo depurativo do espírito, é tratada de forma exaustiva, com muita informação e exemplos, frequentemente enriquecida com pequenos textos de conhecidos teólogos, cientistas e investigadores.

O segundo volume - *Mediunidade e Fenômenos Paranormais* - debruça-se sobre os mecanismos da mediunidade e do animismo, com particular ênfase da importância da pineal como órgão biológico da espiritualidade, assim como das características e importância dos chakras e da complexa rede de nadis que rodeiam o duplo etérico. Mais de cinquenta fenômenos paranormais - anímicos e mediúnicos - são amplamente explanados nesta obra.

O terceiro volume - *Seres e Mundos Espirituais* - inicia-se sobre o que são os corpos sutis e a aura, como resultado das vibrações energéticas emanadas por esses corpos. O Universo físico e extrafísico é visto sob a visão setenária que engloba sete planos vibratórios. Descrevem-se os seres e mundos que habitam nesses orbes, desde os níveis mais baixos do Astral, aos mais elevados e sublimes e, naturalmente, à eterna luta entre o Bem e o Mal.

Sobre o autor

Carlos Falcão de Matos foi editor de livros didáticos, paradidáticos e infantis, entre outras publicações e coautor de manuais escolares de ciências naturais. Também foi autor de livros infanto-juvenis, destacando-se a agenda pedagógica A MINHA AGENDA, com desenhos de Zé Manel e parceria comercial com a RTC/RTP (Rádio Televisão Portuguesa). Essa publicação foi durante onze anos uma importante referência editorial devido ao seu sucesso junto dos jovens (e menos jovens) leitores.

Na sua longa carreira profissional de mais de três décadas como editor, o autor fez parte de prestigiadas editoras portuguesas, como a PLÁTANO EDITORA, de que foi sócio fundador em 1972 e diretor de produção. Em 1975 foi sócio, administrador e diretor-geral da DIDÁTICA EDITORA, empresa fundada em 1944 por três sócios, entre os quais o seu avô, o insigne professor e autor didático Alves de Moura.

Em 1979 fundou a EDITORIAL O LIVRO, uma empresa pioneira em muitos projetos didáticos inovadores e que alcançou uma invejável posição no mercado do livro escolar. Nessa época foi igualmente diretor da revista pedagógico-recreativa A TURMA X com cento e vinte mil assinantes, constituídos na sua maioria por alunos e professores das escolas do ensino médio.

A residir no Brasil desde 2005, o autor tem-se dedicado à fotografia de Natureza e à escrita de livros sobre o meio ambiente e a vida animal. Os fenômenos paranormais e outras manifestações das esferas espirituais têm sido, também, motivo de estudo e reflexão por parte do autor que sempre se sentiu atraído por um tema que tem tanto de fascinante, quanto de misterioso e transcendente.

Já radicado em terras brasileiras, o autor foi convidado a realizar alguns trabalhos no estrangeiro, nomeadamente em Angola e Moçambique, com reportagens fotográficas de regiões do interior, do litoral e de centros urbanos, para recolha de material iconográfico e conteúdos didáticos destinados a manuais escolares adotados nesses países.

Corpos Sutis

Capítulo I

Um conceito geralmente defendido pelas filosofias e religiões reencarnacionistas é o Universo estar organizado segundo um sistema setenário¹.

Esse sistema pressupõe a existência de sete planos em todo o Cosmos. Consequentemente, o ser humano, como elemento integrante do Universo, é igualmente constituído por sete planos, designados por corpos sutis ou planos de consciência.

Esses corpos estão sobrepostos em camadas, correspondendo cada camada às distintas vibrações da natureza multidimensional do homem e são, por ordem crescente – do material mais grosseiro à essência mais pura – constituídos pelos corpos físico, etérico, astral, mental, causal, búdico e átmico.

O corpo físico e o corpo etérico correspondem à personalidade do encarnado durante o período de uma vida no plano terrestre. O corpo astral e o corpo mental fazem igualmente parte da personalidade do indivíduo, embora “vivam mais tempo”, pois mantêm-se ativos ao longo das suas diversas reencarnações, voltando a revestir os corpos físico e etérico sempre que estes são criados para uma nova existência no mundo físico.

Quando o Ser atinge um elevado grau de evolução, não carecendo de mais ciclos reencarnatórios, o Espírito, ao ascender para os planos superiores, dispensa o corpo mental, abandonando-o. Nessa fase, a personalidade e o “Ego” que faziam

parte da criatura, deixam de existir. Por esse fato, os corpos físico, etérico, astral e mental, que são veículos primários e perecíveis, mas fundamentais para a evolução espiritual, denominam-se “corpos inferiores”.

Acima desses corpos sutis existem mais três corpos, que são imortais e que correspondem a um nível espiritual superior. São o corpo causal, o corpo búdico e o corpo átomico e representam a individualidade do ser, o seu “Eu”, ou seja, o Espírito em si. Ao conjunto desses corpos sutis, onde imperam a bondade, a sabedoria e uma índole de sagrada pureza, é dada a designação de “corpos superiores”.

Consideremos algumas propriedades dos sete corpos sutis segundo a visão setenária:

Corpo físico

Também chamado de corpo somático, o corpo físico é o meio mais denso em que o Espírito se manifesta quando reencarna. É constituído por matéria do plano físico, isto é, por substâncias do mundo onde vivemos atualmente. É aqui, no plano da matéria, que o encarnado é submetido às provas que terá de superar, de acordo com os carmas e compromissos assumidos antes de reencarnar.

O centro de forças dominante é o chakra básico, responsável pelas energias telúricas – as energias da terra – e pela poderosa força da kundalini ou fogo serpentino, assaz utilizada nas escolas de magia negra das antigas civilizações orientais, pelo que é extremamente perigoso lidar com esta poderosa energia.

Segundo Charles Leadbeater existe sério risco em «avivar as camadas inferiores do fogo serpentino antes de purificar e refinar a conduta» espiritual do homem. Por outro lado, o «fogo serpentino desempenha na vida quotidiana uma parte muito mais importante (...) que atua dia e noite levando a cabo a sua obra, ainda que estejamos inconscientes de sua presença e atividade (...) Como as demais modalidades de energia, kundalini é invisível».

Corpo etérico

O corpo etérico ou duplo etérico é composto por substância etérica. Envolve o corpo físico e é absolutamente impercetível ao sentido da visão do ser humano, pelo que é apenas observável pelos clarividentes. Este plano de consciência apresenta a mesma estrutura do corpo físico, sendo uma cópia fiel do mesmo, embora ligeiramente maior, e registra todos os acontecimentos vivenciados pela criatura na sua vida terrestre.

É através deste corpo que se manifestam alguns fenómenos supranormais, como a materialização e a telecinesia – capacidade de movimentar objetos à distância pela força do pensamento –, que são produzidos por médiuns de efeitos físicos, com largo recurso de ectoplasma. A função vitalizadora do duplo etérico, que estabelece ligação entre os corpos astral e físico, é responsável pelo metabolismo do ectoplasma e da estrutura fisiológica do encarnado.

É no duplo etérico que se situam os chakras. Nesse corpo sutil existe uma espécie de teia, de textura muito delicada, que o reveste inteiramente, incluindo a entrada dos chakras por onde passa o prana ou fluido vital.

Nos médiuns, devido à capacidade mediadora com o mundo espiritual, a teia apresenta-se incompleta ou inexistente em determinados chakras, conforme o tipo ou tipos de mediunidade do indivíduo. Quando essa teia, constituída por uma única camada de átomos etéricos é danificada por vícios, como a droga e o álcool, pode provocar irremediáveis danos de ordem física e mental.

O chakra sacro tem uma ligação mais profunda com o duplo etérico, por ser um regulador da entrada da energia prânica, fato que mantém o corpo físico em atividade.

Mediante a morte do corpo físico e após algum tempo, o duplo etérico desintegra-se. Quando se trata de um indivíduo moralmente pouco evoluído, o corpo etérico pode ficar ativo por períodos mais longos, assemelhando-se, por vezes, a um espectro quando observado por sensitivos ².

Esse fenómeno, embora possa ter um aspeto algo sinistro, não deverá ser confundido com a aparição de um espírito, que é um ser com inteligência e que age por vontade própria, contrariamente ao corpo etérico que não passa de um clone do corpo físico, mas desprovido de entendimento.

Corpo astral

Constituído por matéria do plano astral, este corpo também chamado de perispírito ou psicossoma, apresenta a forma humana e está relacionado com as emoções. A densidade vibracional deste plano de consciência apresenta intensidade diferente de indivíduo para indivíduo, sendo mais densa nos espíritos menos evoluídos.

É por meio deste corpo que se manifestam as entidades espirituais, podendo esse fenômeno ser percebido por médiuns clarividentes. A maioria das incorporações é feita através do corpo astral, que também é o mediador do próprio Espírito nos seus corpos físico e etérico. É através do chakra do plexo solar, que o médium fica habilitado a reconhecer a presença de energias amistosas ou hostis que possam existir nos ambientes em que se encontra.

Durante o sono, o corpo astral separa-se facilmente do corpo físico, ficando ligado a este pelo cordão de prata, que é um entrançado energético que liga permanentemente os dois corpos, sem nunca se quebrar, por mais afastados que possam estar um do outro. No decurso de uma viagem astral este corpo, pelo fato de apresentar a forma do corpo físico do indivíduo, é facilmente reconhecido por familiares e amigos.

A viagem astral ou desdobramento pode ser voluntária ou involuntária, ocorrendo esta última em maior proporção durante o sono ou em experiências de quase morte (EQMs).

Corpo mental

O corpo mental é formado por elementos do plano mental, constituindo-se como uma via de transição entre os planos das energias terrenas e as espirituais.

Sem uma forma aparentemente definida, alguns autores defendem que o corpo mental apresenta um aspeto ovalado e luminoso, sendo visto por alguns médiuns como um halo dourado.

Neste corpo são registradas todas as experiências vividas pelo indivíduo ao longo das suas diferentes existências – sendo o primeiro centro de memorização do Espírito. Também neste corpo se localizam a inteligência, a percepção e a consciência, na verdade, os instrumentos cognitivos do raciocínio. A mente física procura aqui as informações de que carece, por estar mais relacionada com a personalidade do encarnado – do seu “Ego”.

Quando desequilibrado, o corpo mental cria estados comportamentais desregrados e prejudiciais à evolução moral da criatura, como preguiça, egoísmo, vícios e prazeres fúteis, entre outros desvios.

O chakra cardíaco é o que está mais relacionado com este corpo, sendo um agente de equilíbrio nos sentimentos e nas emoções humanas.

Corpo causal

Este corpo é formado por partículas desse plano de consciência. O corpo causal ou manásico pertence à individualidade do Ser e é imortal, tal como os corpos sutis que se lhe seguem. É o segundo arquivo de todas as experiências vividas e a sede da mente abstrata e do nosso “Eu” superior, pelo que a meditação é o acesso principal a este plano de consciência.

Dedica-se ao estudo e pesquisa para o aperfeiçoamento do Ser, podendo captar o conhecimento universal. O centro de forças correspondente é o chakra laríngeo.

Esse corpo, quando em desequilíbrio, pode dar azo a manifestações inferiores, como vaidade, orgulho, avidez, autoritarismo e sede de poder.

Corpo búdico

O corpo búdico ou espiritual é formado por elementos do plano búdico, sendo o plano de consciência que está mais próximo do Espírito. É o corpo do saber, das inspirações divinas, do amor, dos valores éticos e dos sentimentos superiores que nos aproximam do Uno, de Deus.

É o terceiro banco de dados do Espírito, onde ficam armazenadas todas as experiências que foram positivas. Apresenta a particularidade de ser o promotor da consciência, aquele que ajusta com o planejamento reencarnatório os seus novos planos de vida terrena, no sentido de se ressarcir das experiências que aí ficaram mal resolvidas.

O chakra frontal está profundamente relacionado com este corpo que, quando atinge um elevado grau de desenvolvimento, pode ascender à sublime essência das dimensões espirituais superiores.

Corpo átomico

O corpo átomico ou nirvânico, sendo o mais elevado dos corpos sutis, é o Eu cósmico ou o Espírito na sua máxima pureza, na bem-aventurança extrema, aquele que está mais próximo do grande arquiteto do Cosmos, de Deus.

Nesse plano de consciência está contida a mónada ou centelha divina ³, forma perfeita do ser transcendental e imortal.

O corpo átomico é a emanção mais pura do Criador, da Luz Divina derramada por Deus. Essa vibração portentosa está presente na transmigração de um mundo para outro nas múltiplas dimensões do Universo. O centro de forças presente neste corpo é o chakra coronário, poderoso veículo de comunicação com o âmago do próprio Espírito e com o divino Criador.

A Aura

O ESPELHO DA ALMA

A aura, também chamada de psicofera, é formada pelo conjunto de vibrações energéticas emanadas pelos corpos sutis. Conforme o estado físico e psíquico do indivíduo, a aura apresenta cores específicas, que são observáveis por alguns sensitivos.

Mas não é necessário ser-se clarividente para nos apercebermos desse fato, pois, em muitos casos, a energia da aura de uma pessoa faz-se sentir pela sensação – boa ou má – que nos provoca a sua presença. Na verdade, se há pessoas positivas e cativantes que brilham em qualquer ciclo social onde se encontram, de tal forma que todos se deixam seduzir por elas, outras há, que apenas provocam mal-estar, cansaço e desânimo, parecendo sugar as nossas boas energias – como um buraco negro que tudo devora, de tão sombrias que são.

Esta faculdade de transmitir simpatia ou de provocar tristeza e fadiga está relacionada com o poder da nossa aura. A aura é como que um “espelho da alma” que revela o nosso estado físico, emocional e espiritual.

De constituição etérea, apresentando normalmente uma configuração ovoide, a aura envolve o corpo humano como um campo energético multicolorido, permitindo através das suas cores e da forma que apresenta, identificar os nossos estados emocionais – medo, raiva, alegria, etc. – e, até, do ponto de vista clínico, prever a ocorrência de patologias ainda não detetadas, entre muitas outras propriedades relacionadas com a sua leitura.

Fotografia Kirlian

Devido à sua natureza imaterial, a aura só se torna perceptível por parte de pessoas de sensibilidade especial, muito embora haja métodos de aprendizagem e de registro para a ler, baseados em cursos e exercícios de meditação ou por meio da máquina de Kirlian. Esse aparelho, criado pelo casal russo Semyon e Valentina Kirlian, permite capturar imagens eletrônicas da aura de objetos, plantas, animais e pessoas, através de uma corrente elétrica de voltagem muito alta, mas com baixa amperagem.

Ficou demonstrado a partir dessas imagens, conhecidas como fotografias kirlian, que cada elemento fotografado apresentava padrões claramente distintos, os quais sofriam alterações – mudanças dos estados de “humor” – mediante estímulos provocados nos corpos físicos de plantas e animais ou impressionando o estado emocional das pessoas que foram objeto dessas experiências.

A bioeletrografia, um termo modernizado da fotografia kirlian, tem sido utilizada por médicos e terapeutas em inúmeras clínicas e estabelecimentos hospitalares de vários países como instrumento auxiliar de diagnóstico médico. Por outro lado, existem várias publicações científicas que referem a sua importância na diagnose de diversas patologias, como asma, cancro, depressão, etc.

Essas técnicas baseiam-se no fato de várias substâncias químicas serem emanadas dos poros da pele, devido ao metabolismo celular, espelhando, assim, o estado físico e mental do paciente. Por meio da bioeletrografia, os fluidos libertados pela pele são ionizados, permitindo que os halos energéticos do corpo fiquem registrados em imagens fotográficas. Nestes trabalhos, as auras dos dedos das mãos são as mais usadas para se fazer o diagnóstico de um paciente, dado que apresentam correspondência com os diversos órgãos do ser humano.

A Leitura de Aura

Com a leitura da aura, o terapeuta – chamado de leitor da aura – analisa os chakras do consulente e obtém informações visuais que simbolizam pessoas, objetos, ideias, sentimentos ou emoções reveladas pelo Espírito de quem está a ser examinado. Através de técnicas apropriadas, o terapeuta procede a diversos tratamentos de acordo com o diagnóstico, assim como no equilíbrio energético dos chakras. É possível, ainda, efetuarem-se limpezas espirituais de ambientes e fazer a leitura de pacientes a longa distância, quando não é possível a presença física do terapeuta.

Por meio da leitura da aura avalia-se o estado emocional do paciente e qual o grau em que se encontra a sua evolução espiritual. Também se tem acesso a episódios de vidas passadas, com resultados bastante gratificantes. São técnicas de regressão, conhecidas como terapias de vidas passadas (TVPs), que possibilitam a descoberta de traumas – mortes violentas, ligações cármicas, doenças, etc. – que ficaram registradas no Espírito do indivíduo e que, pela sua revelação, poderão ser úteis nos processos de cura.

O estudo da aura é de suma importância, não apenas na resolução de problemas da vida atual – muitas vezes condicionada por traumas de existências anteriores – como também por ser um meio de se evitarem situações que no futuro poderiam ser irremediáveis.

Graças à leitura da aura, certas enfermidades que estão num estágio de ausência de sintomatologias podem ser detetadas numa fase inicial, o que facilita o tratamento da doença, a ponto de impedir a sua ocorrência ou propagação.

Como uma aura brilhante e saudável é gerada por bons pensamentos e boas atitudes, devemos ter uma visão positiva da vida e das pessoas com quem nos relacionamos. Essa postura, associada a uma alimentação sadia e à prática da

meditação, assim como de outras atividades que nos proporcionem relaxamento, ajudam-nos a usufruir de uma melhor qualidade de vida e a nos precaver das energias negativas dos outros.

Vampirismo energético

Ao iniciarmos o tema da aura, referimo-nos a certas pessoas que parecem absorver a nossa alegria, o nosso bem-estar, em suma, a nossa energia. Na realidade, estamos rodeados por elas e, por estranho que possa parecer, se não formos positivos e não soubermos recarregar as nossas “baterias”, também poderemos fazer parte desse grupo de sugadores de energias.

Os indivíduos que assim se comportam são vampiros energéticos que – consciente ou inconscientemente – absorvem a energia das auras alheias sem que as vítimas, muitas vezes, se deem conta dessa pilhagem fluídica.

Essa energia de origem cósmica e que torna a aura sadia, é consumida e restituída de forma natural, de acordo com as nossas necessidades e com o estilo de vida que levamos. Se uma pessoa saudável consegue alimentar instintivamente a sua aura com boas energias, em contrapartida, o vampiro energético não quer ou não sabe recarregar a sua aura, devido à extrema negatividade que o caracteriza e pela doentia incapacidade de usufruir de momentos de relaxe.

O estranho é que, na maior parte dos casos, o vampiro energético parece gostar do fardo que carrega – como um masoquista –, pois está sempre a encher a mente com pensamentos tristes e sombrios, muitas vezes animados pelo rancor e pela inveja. Nestas condições, acaba por ter imperiosa necessidade de se reabastecer de energia áurica, mas vai fazê-lo à custa dos outros, deixando-os quase sempre exaustos, por serem tão avidamente sugados.

O fato é tão grave que uma pessoa que se encontra bem-humorada, depois de permanecer algum tempo com um vampiro energético, fica desanimada e até esgotada, enquanto aquele que passa a vida taciturno e a maldizer a vida, após sugar a pobre vítima, arrebita e parece ficar mais alegre.

Não se trata de uma questão psicológica ou de autossugestão, como se poderia supor, mas de vampirização de energia. Na verdade, um médium clarividente diante de um vampiro energético em plena atividade, consegue ver projetarem-se da sua aura diversos filamentos que, como horrendos tentáculos serpenteantes, rodeiam e tateiam o campo energético da vítima, em busca de pontos fracos onde se possam fixar.

Ao encontrá-los, crava os tentáculos na aura do involuntário doador e começa a drenar os seus fluidos, havendo por parte do vampiro uma certa preferência pelas regiões correspondentes aos chakras coronário, cardíaco e sacro.

A convivência com os vampiros energéticos, pelos riscos que comporta, deveria ser evitada, o que nem sempre é fácil, pois muitas vezes fazem parte de um ciclo social que nos é próximo.

Universo Setenário

Capítulo II

Somos viajantes de longo curso. Viemos das regiões mais profundas do Universo, estagiámos nos diferentes reinos da Natureza, passámos por um sem número de vivências... e sempre acumulando experiências das muitas histórias vividas.

Toda essa maravilhosa odisseia começou a partir do momento em que o Criador nos deu “o sopro da vida”, ao nos conceder a centelha divina como génese do nosso espírito.

Já fomos guerreiros, nómadas e aventureiros, mas também sonhadores, mártires e inocentes. De tudo já experimentámos um pouco, com vidas tranquilas, felizes e de fartura, mas também com existências sofridas e miseráveis.

Tudo isso se faz necessário, porque é preciso vivenciar todas as realidades da vida, passar por todas as situações – boas e más –, para que a alma se aperfeiçoe e possa, por mérito, ascender a planos cada vez mais elevados.

Nessa intemporal viagem, que fazemos na condição de seres transmigratórios, a passagem pela Terra é uma etapa que se realiza neste planeta, como poderia ser num outro qualquer dos incontáveis mundos existentes.

Universo Setenário

OS SETE PLANOS VIBRATÓRIOS

Em todo o Cosmos existem sete planos vibratórios, onde a vida física e espiritual se manifesta de diferentes formas.

Nos graus mais elevados há planos extrafísicos impossíveis de visitar por meio de técnicas de desdobramento ou por quaisquer outras. O conhecimento que temos desses lugares paradisíacos é assaz diminuto, tendo-se apenas uma leve ideia das inexprimíveis maravilhas de tão elevadas dimensões espirituais.

Esse estado de “iluminação”, de supremo bem-estar alcançado em níveis tão sublimes, será aquilo a que os cristãos poderão chamar de Céu.

Sabe-se que a ascensão do espírito a planos tão puros – quando terminarem as reencarnações e os estágios nos planos astral e mental – fará despertar a sua consciência para a real natureza do Universo e do Criador, assim como do verdadeiro amor crístico e de um sentimento eterno de indescritível felicidade.

Os sete planos vibratórios

Na escala mais elevada dos planos vibratórios, existem quatro planos superiores que, por ordem decrescente, se apresentam nas seguintes formas:

– Plano divino ou Cristo cósmico, formado por uma delicadíssima vibração que tudo entremeia, seja qual for a sua dimensão física ou extrafísica. É o plano a que poderíamos chamar de “a mansão do Pai”, embora Deus esteja em todo o lado.

– Plano monádico, onde vibram as centelhas divinas ou mónadas, que são princípios divinos, incorruptíveis e sujeitos a evolução. A centelha divina, ao assumir uma individualidade quando encarna no ser humano, converte-se num Espírito.

– Plano átmico ou espiritual, que é o plano mais elevado onde se manifesta a centelha divina.

– Plano búdico, lugar onde reside a sabedoria, a mais perfeita intuição, a maior devoção e o amor como a expressão mais pura.

Na mesma escala e também por ordem decrescente, sucedem-se os planos inferiores, constituídos por:

– Plano mental, apenas acessível aos indivíduos que apresentam uma evolução

espiritual muito avançada. É o plano da inteligência, do pensamento e do raciocínio.

– Plano astral, que é para onde iremos quando desencarnarmos. É o plano dos desejos, dos sentimentos e das emoções. Compõe-se de sete regiões ou subplanos que vão do mais baixo estrato – o Umbral ou sétimo subplano – até ao mais elevado – o primeiro subplano.

– Finalmente, o plano físico, que é a dimensão terrena ou material na qual vivemos como encarnados. É o plano das formas, das cores, do som, do peso e do volume, dos movimentos e da luminosidade. Nesta região também vivem ou atuam muitos desencarnados, ainda agarrados à matéria, mas num padrão vibratório diferente.

Estas dimensões não estão dispostas em camadas, mas interpenetram-se, sem que interfiram entre si, pelo fato de serem constituídas por vibrações de diferentes intensidades. Essas vibrações, servindo-nos de um exemplo simples, são como a propagação das ondas de raios X que podem atravessar o nosso corpo e que não detetamos, a não ser com aparelhos apropriados. O mesmo se passa com as vibrações dos distintos planos que nos interpenetram e sem que dessa realidade tenhamos a mínima consciência.

Na verdade, não há conflitualidade nem interferências entre as diversas esferas astrais, tal como não há nas frequências das estações de rádio que, como sabemos, não interferem entre si. Conforme refere Lobsang Rama ⁴, na obra “Além do 1º Décimo”, não é como nas ruas movimentadas das grandes cidades, onde vemos «pessoas dando encontrões umas nas outras e, ou desculpando-se ou descompondo-se, de acordo com o seu temperamento, mas tais coisas jamais ocorrem no Astral. Não há colisões. Os únicos que podem chegar próximos uns dos outros nos mundos astrais, acima do astral inferior, são aqueles que são afins».

O plano mais elevado, como referimos, é o plano divino ou Cristo cósmico. Esse plano permeia e influencia todo o Universo, sendo essa vibração tão sutil que não é perceptível a nenhum dos planos que se situam abaixo dele.

Segue-se o plano monádico que atravessa e afeta os planos inferiores – átmico, búdico, mental, astral e físico –, sem que possa influir no plano divino ou ser permeado ou afetado pelos planos inferiores. E assim sucessivamente, em que cada um dos planos permeia e interfere nos que lhe estão abaixo e nunca nos que lhe estão acima.

De acordo com o investigador Carlos Pastorino⁵, na obra “Técnica da Mediunidade”, «as vibrações mais sutis sempre interpenetram e permeiam as mais densas, e nelas influem, ao passo que as mais densas (...) não influenciam as mais sutis. As vibrações, à medida que vão baixando de frequência, se vão separando e “localizando” cada vez mais, porque se “densificam”. O máximo de localização separatista dá-se no plano físico em que o corpo é limitado pela forma rígida e material grosseiro».

Mais adiante, o referido autor comenta que «o plano astral é um plano de vibrações, já sujeito à forma e à limitação que se encontra no nível mais próximo, vibratoriamente, do plano físico-material», sendo que o plano físico, seja qual for a matéria que o constitui, é sempre permeado pelos restantes planos. Reencarnamos, também, para «aprender a perceber, mesmo enquanto materializados na forma densa, as vibrações dos planos mais sutis».

Finalmente, Carlos Pastorino considera que a nossa percepção, atualmente mais focada na consciência da matéria, vai-se estender e «passará a vibrar conscientemente no plano astral, (...) no mental, e a seguir nos outros, até que atinjamos o estado de Homem Perfeito».

Relativamente aos sete planos vibratórios, apenas referiremos o plano físico e o plano astral por fazerem parte dos nossos roteiros como encarnados e desencarnados. O plano mental, por ser subsequente ao astral, será igualmente objeto de uma breve descrição.

O plano físico

É o plano que melhor conhecemos na atual existência carnal. O plano físico é um ponto obrigatório de estadia e de passagem, porque dele partimos quando desencarnamos, a ele regressamos quando reencarnamos e nele permanecemos enquanto encarnados. Nessa curta estadia, teremos ocasião de aprender muitas lições, sobretudo as que estão mais relacionadas com o vicioso mundo do egoísmo, da vaidade e da iniquidade, pelo que muitos de nós ainda sofreremos numerosas reencarnações.

É no mundo terreno, também, que ocorre intensa atividade dos Espíritos de Luz nos seus trabalhos de socorro, auxílio e aconselhamento, em oposição aos entes trevosos, sempre dispostos a exercer as suas más influências junto do ser humano. Esse combate, entre o bem e o mal, não se confina apenas às regiões mais baixas do Astral, porque a Terra é palco privilegiado dessas ações devido ao atraso moral de muitos seres humanos.

Existem inúmeros centros de apoio espiritual assistidos por espíritos benfeitores que, por meio de médiuns moralmente qualificados, auxiliam todos aqueles que aí recorrem em busca de auxílio. É o caso dos centros e terreiros espiritualistas, tal como em todas as religiões, seitas e cultos onde se pratica a caridade e o amor fraterno.

A morte física

Ao desencarnamos, iniciamos mais uma viagem de partida, das muitas que já fizemos. O espírito abandona o corpo físico e parte para as regiões astrais correspondentes à sua faixa vibratória.

Se a vibração do corpo astral for densa – como resultado de condutas erradas – é para os estratos inferiores que o espírito será conduzido. Caso haja méritos, a vibração será leve, pelo que o espírito ascenderá a estratos mais elevados.

A permanência da alma desencarnada em qualquer uma das regiões do Astral é temporária, pois cumprido esse tempo – maior para uns, menor para outros – terá de se submeter a novas existências no mundo terrestre para se ressarcir de carmas, aprender novas lições e ganhar evolução.

De reencarnação em reencarnação, com vidas mais duras ou mais tranquilas no plano físico, entremeadas de penitências ou de estágios doutrinários no plano astral, o espírito vai progredindo lentamente até se libertar, finalmente, dos ciclos reencarnatórios. É um processo muito, muito longo, que, na maioria dos casos, ainda se irá arrastar por muitos séculos.

Despertar no outro mundo

A transição do mundo físico para o plano astral – a morte, no sentido corrente – pode ocorrer de forma totalmente inesperada, bastando para isso, por exemplo, um acidente rodoviário fatal.

Quem desencarna nestas circunstâncias pode ver-se brutalmente envolvido numa situação de indescritível horror e confusão, como vaguear perdido entre corpos inertes e ferros retorcidos, com sangue por todo o lado e, para seu assombro, deparar-se consigo próprio no meio de outros cadáveres.

Tudo lhe será pavoroso e irreal diante de cena tão dantesca, tanto mais que o infeliz desencarnado fala, grita e movimenta-se – o que o faz supor que está vivo – mas, em contrapartida, vê o seu corpo ensanguentado e inerte entre os destroços, o que significa que está morto. É um quadro difícil de imaginar, mesmo por parte de pessoas que, quando encarnadas, acreditavam na imortalidade da alma e praticavam algum tipo de religião.

Compreende-se, então, a conhecida relutância de alguns desencarnados em aceitar que morreram, ou seja, que já não fazem parte do plano físico. Muitos deles, inclusive – referimo-nos aos mais obstinados – alegam que se conseguem pensar é porque têm consciência de si próprios, logo, não podem estar mortos. É um argumento um pouco à maneira da famosa frase de Descartes: “penso, logo existo”.

Parte dessa impreparação deve-se ao irrealismo de muitas religiões que, conquanto possam apregoar e praticar o amor cristão, muito pouco sabem ou pouco informam sobre o que se passa no “lado de lá” e, quando o fazem, é mais para confundir do que para esclarecer. Esse desconhecimento provoca um

tremendo choque para quem sempre acreditou em determinados modelos que se revelam irreais na hora do desencarne.

Os relatos das experiências de quase morte – que formam uma espécie de padrão, devido às semelhanças que apresentam entre si – constituem uma minoria de casos, face à grande maioria de pessoas que também foram “ressuscitadas” à última hora, mas que não se lembram ou não tiveram nenhuma experiência para contar.

É como se essas EQMs só fossem permitidas a um restrito número de indivíduos, provavelmente os de maior mérito, já que todos eles foram recebidos por familiares desencarnados e seres maravilhosos de intensa luminosidade, num ambiente celestial de extrema paz e amor.

Ou, talvez, essas viagens para o Além – com retorno à vida carnal – sejam fruto de uma bondosa revelação divina, porque quem passou por uma EQM reconhece, de modo geral, que ocorreu uma mudança significativa na sua vida, tornando-se um ser mais espiritual, menos apegado aos bens materiais e deixando de ter medo da morte, não a encarando mais como um final triste e sem continuidade, mas como um recomeço promissor.

As questões relacionadas com o que sucede a quem transpõe o portal entre a vida e a morte encontram-se abundantemente explanadas nas religiões orientais e em diversas correntes e doutrinas reencarnacionistas. É no contexto desse conhecimento que se faz uma abordagem mais séria sobre tão candente tema e se explicam os mecanismos da vida e da natureza multidimensional do ser humano, assim como a importância das reencarnações e dos carmas como veículos indispensáveis ao progresso do espírito.

O plano astral

É o plano que nos deveria ser mais familiar, bastante mais do que o atual mundo em que vivemos, embora a consciência dessa realidade nos seja vedada quando reencarnamos. O Astral, para muitos investigadores e espiritualistas, é a nossa verdadeira casa, o “nosso lar”, para onde regressaremos depois do dever cumprido na Terra. Um dever que, quase sempre, não é inteiramente cumprido.

O plano astral é o plano dos desejos, onde as emoções vibram com mais intensidade, elevando o ser quando são honrosos os sentimentos ou submergindo-o, quando os instintos inferiores se lhe sobrepõem.

Sobre a dificuldade de se descrever uma cena por mais comum que possa ser do Astral – referimo-nos às regiões mais elevadas –, Charles Leadbeater, na obra “O Plano Astral”, comenta que todos os indivíduos que têm «o poder de ver claramente no plano astral, são unânimes em reconhecer que a tentativa de evocação de uma pintura cheia de vida desse cenário perante olhos inexperientes, equivale a querer fazer admirar a um cego, por uma simples descrição oral, a requintada variedade dos matizes de um pôr de sol».

Na realidade, os nossos sentidos físicos e as limitações do nosso vocabulário não nos permitem descrever com a devida riqueza de detalhes as sensações e maravilhas vivenciadas numa viagem astral, ao visitarmos as regiões mais elevadas dessas esferas espirituais. Podemos ter a percepção pura e nítida do que vemos e experimentamos – dos aromas, das cores, dos sons, da essência do lugar, das energias do ambiente, da doçura dos seus habitantes –, mas como transmitir com a mesma beleza e autenticidade os sentimentos e emoções que experimentamos?

O plano astral é constituído por sete subplanos, cada um com distintas faixas vibratórias, sendo o primeiro subplano o de maior elevação espiritual e o sétimo subplano, conhecido por Umbral, o de maior densidade vibracional.

Para simplificar o seu estudo, o que tornaria inutilmente excessivo este trabalho, vamos considerar o Astral composto por dois grandes grupos: as regiões inferiores e as regiões superiores.

Regiões inferiores

PLANO ASTRAL

São as esferas mais densas do Astral, formadas por extensos territórios de sofrimento e expiação. Nestas regiões há de tudo quanto possa ser atraso e decadência moral, aí expiando milhões de almas desencarnadas, desde o mais reles pecador ao que tem menos erros a pagar.

É nessas regiões que as forças do bem e do mal se confrontam nos esforços de salvação ou de condenação das criaturas moralmente atrasadas.

A maioria das colônias espirituais encontra-se nestas regiões, de forma a assegurar um melhor desempenho no socorro a desamparados e no combate às forças trevosas.

Umbral: um verdadeiro inferno!

Localizado nas camadas mais profundas do Astral, o Umbral é um local de sofrimento e penitência, para onde são levados os piores marginais que, quando encarnados, cometeram todo o tipo de crimes.

O Umbral, segundo o Espírito André Luiz, fica «situado entre a Terra e o Céu [e é uma] dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermiça». ⁶

Nestas regiões tristes e sombrias, existem construções, lugarejos e cidades onde vivem gigantescas populações de almas sofredoras, agrupadas em locais de idêntica faixa vibratória – de acordo com a sua natureza moral – dando jus ao ditado: “a cada um de acordo com o seu mérito”.

Esse escalonamento, na verdade, faz todo o sentido, já que o vício de um alcoólico, por exemplo, não é de nenhuma forma igual à bestialidade de um estuprador ou de um assassino.

O sofrimento dos espíritos que aí vivem é sentido de formas tão diversas, quanto os erros ou perversidades cometidos por cada um. Desde sentimentos de ódio doentio, de louco desespero ou de amargo arrependimento, até às crueldades infligidas pelos líderes locais sobre aqueles que tomaram como servos, tudo acontece neste mundo desolador, obscurecido por viscosa neblina cinzenta e carregado de nuvens negras que, de tão pesadas, parecem querer desabar a todo o momento, ameaçando transformar essa paisagem de pesadelo num medonho dilúvio.

As formas naturais apresentam-se tristes e deformadas, com extensos campos lamacentos onde emerge, aqui e além, ressequida vegetação. Pântanos fétidos, como manchas negras pestilentas, jazem ao longo das depressões de um solo sempre estéril. Profundos vales sombrios mergulham tortuosos nas entranhas da terra, enquanto penhascos escarpados e pontiagudos como agulhas rompem para o alto, perdendo-se na imensidão esmagadora de um céu escuro, prenhe de nuvens.

Ao longo dessas terras devastadas por chuvas ácidas, erguem-se morros pardacentos, martirizados pelas constantes intempéries, onde despontam algumas árvores ressequidas pelas condições agrestes do ambiente, cujos ramos retorcidos assemelham-se a mãos e braços implorando por socorro.

A atmosfera no Umbral é densa e sufocante, oferecendo a desconfortável sensação de ser espessa, devido à incessante emanção dos sentimentos baixos e da dor aí reinantes, aos quais se juntam os fluidos negativos exsudados pelos habitantes do mundo terrestre e que para aí convergem, atraídos pela compatibilidade vibracional. Essa atmosfera de cheiro nauseabundo condensa-se numa amálgama energética, terrivelmente tóxica, provocando náuseas e sofrimento aos seus infelizes habitantes.

Nessas paisagens desoladas as tempestades são frequentes, com tremendas chuvas e inimagináveis trovoadas, cujos relâmpagos rasgam a penumbra do céu com violentas descargas, incendiando o ar de clarões avermelhados a que se seguem trovões ensurdecedores. Essas formidáveis faíscas desintegram partículas de fortíssima negatividade, evitando a sua excessiva acumulação na atmosfera, que seria insuportável às grosseiras formas de vida aí existentes, tal como para os espíritos desterrados nessas regiões.

Conforme nos refere Kardec, na obra “O Céu e o Inferno”, se conseguirmos imaginar «um lugar circunscrito de castigo, tal lugar é, sem dúvida, nesses mundos de expiação, em torno dos quais pululam espíritos imperfeitos». Para

muitos, esses paradeiros de grande sofrimento são o próprio Inferno, embora se saiba que as penas jamais são eternas, conquanto possam ser longas e penosas.

Os espíritos aí retidos vivem num clima de opressão e de permanente infelicidade, arrastando-se em multidões de sofredores, como vultos esfarrapados ou acoitando-se em lúgubres tocas e construções rudimentares, procurando fugir da dor que os atormenta. Os infelizes que puseram termo à vida escondem-se em lugares sombrios – como o vale dos suicidas, longe das cidades –, lamentando a sua desdita, num sofrimento sem fim.

Outros, ainda, pelo terror de se tornarem reféns dos tiranos locais, passam o tempo em permanente aflição, fugindo de perseguidores reais ou imaginados pela sua mente delirante que, em qualquer sombra ou vulto, entrevê uma terrífica ameaça.

Há desencarnados que padecem numa angústia solitária, vergados pelos remorsos da lembrança incessante dos crimes cometidos – como imagens revivescentes –, enquanto outros, como feras desvairadas, procuram consolar-se nas maldades que perpetraram com intenso regozijo, num gozo sádico, mas efêmero, que apenas lhes aumenta o vácuo existencial de uma vida néscia, brutal e sem sentido, após satisfazerem os seus repugnantes instintos.

Nessas urbes miseráveis, existentes aos milhares, os gritos das almas sofredoras são tão aflitivos que os seus prantos estridentes percorrem as ruelas sombrias e os becos escuros, como um vento gélido de arrepiar. A tais brados lancinantes, juntam-se os urros dos tresloucados e o gemer doloroso dos que já não têm mais forças para chorar. A esses gritos de desespero, apenas responde o eco, numa ressonância multiplicadora e insensível ao suplício dos sofredores, o que torna ainda mais angustiante essa região flagelada pela dor.

Sofrer eternamente?

Perante tanto sofrimento, seria natural concluir que o Umbral é um terrífico campo de concentração, destinado a punir com implacável severidade todo o marginal, numa expiação sem fim.

Na realidade, como sabemos, nenhuma pena é eterna, nem injusta, pois esses nunca foram os desígnios do Criador. Se um espírito vai descambar nessas regiões é devido aos erros muito graves que cometeu como encarnado.

Esses erros formam uma espécie de substância etérica que, à medida que o infrator prossegue nas suas ações condenáveis, vai acumulando no perispírito. Ao desencarnar, devido à densidade dessa matéria deletéria agregada no corpo astral, a vibração do desencarnado torna-se muito pesada, não lhe permitindo ascender para os planos vibratórios mais sutis, ou seja, mais elevados.

É essa vibração muito densa que arrasta o espírito moralmente atrasado para as profundezas do Umbral, até se fixar num lugar de idêntica faixa vibratória – compatível com a sua natureza inferior –, onde permanecerá. Aí chegado, aguarda-o uma vida penosa, extremamente penosa, sendo para alguns desencarnados de sofrimento inimaginável. No entanto, é por via dessa punição que o malfeitor irá sentir, no âmago do seu ser, o quanto é duro sofrer e que, se agora está nessa situação – de alma sofredora – foi porque na vida carnal agiu erradamente, fazendo sofrer outros irmãos.

Para muitos, porém, não há esse entendimento, esse mérito de reconhecer que erraram. O facínora, vinculado ao mal, não se retrata facilmente dos maus atos por si perpetrados. Ao precipitar-se nas regiões umbralinas, revolta-se como uma fera enraivecida, destilando ódio e praguejando juras de vingança contra tudo e

contra todos. A violência desses sentimentos obrigá-lo-á a permanecer nessas terras sombrias por longo e doloroso tempo.

Pelo contrário, a alma que se arrepende e que deseja enveredar pela senda do bem, rejeitando o mal, poderá dar início a um lento, mas frutuoso processo de redenção interior, que irá promover a limpeza das energias densas que lhe estão agregadas no perispírito, melhorando o seu padrão vibratório. O corpo astral, ao libertar-se dos grilhões que o tolhem, torna-se mais “leve”. A partir daí, já estará em condições de ser recolhido pelos espíritos socorristas.

Após um período de tratamento nos hospitais espirituais e doutrinação nas colônias do Astral, essa alma será encaminhada para um novo plano reencarnatório que incluirá nos seus objetivos, naturalmente, a reparação das faltas que cometeu na sua anterior passagem terrena.

Assim se cumpre a Lei de Deus, ao dar inteira liberdade ao homem para decidir se quer ganhar progresso espiritual – e ser feliz – ou se prefere perder-se por meandros errados – e sofrer –, pelo que o bom ou mau uso do livre-arbítrio irá ditar a sua vida futura, quer como encarnado, quer como desencarnado, pois “cada um colhe o que semeia”.

Mesmo com os espíritos mais rebeldes, mercê da sua infinita misericórdia, o Criador jamais deixou de dar oportunidades de regeneração aos filhos mais atrasados, desde que haja arrependimento e vontade de crescimento moral.

Tiranos e escravos

Nestas regiões existem numerosas cidades que albergam vastas populações de almas sofredoras. São lugarejos construídos de forma grosseira, com casas distribuídas por um espaço urbano, triste e caótico, sem qualquer tipo de organização, como que semeadas ao acaso por uma mente insana, tal é a confusão de construções, ruelas, becos e ruínas de habitações degradadas, onde o lixo se acumula à toa.

Seres de aspeto repugnante, escuros e peludos como ratazanas, vagueiam pelas sombras, vasculhando com avidez, aqui e acolá, os detritos infectos, não raramente disputando-os com outras criaturas igualmente ignóbeis.

Nesses escombros sórdidos e ruinosos, vivem milhões de desencarnados que vegetam como farrapos humanos, numa penitência muito sofrida e por eles considerada como um castigo eterno. O Espírito André Luiz, numa digressão por essas cidades umbralinas, refere que existem «aleijados de todos os matizes [e] entidades visceralmente desequilibradas [que oferecem] paisagens de arrepiar». ⁷

Mais afastados desses lugares de decadente promiscuidade, existem frondosos espaços com construções apazíveis, destinados às elites locais que, mercê dos seus poderes e malignidade, controlam ferreamente a população em volta, tendo ao seu serviço inúmeros escravos.

As criaturas mais temíveis são os Magos Negros, os senhores das forças trevosas que dominam os segredos ocultistas e que possuem grande inteligência, utilizada com astúcia para o mal. Outros marginais, formando poderosas falanges – como os Quiumbas, que agem por conta própria ou a soldo dos magos –, infundem o terror no Umbral e em todas as regiões onde a maldade se faz sentir.

Nestas cidades imundas não existem crianças, o que é compreensível, pois são planos expiatórios apenas destinados a malfeitores adultos e conscientes dos seus atos. As crianças, mesmo aquelas que cometeram erros nas suas vidas, em virtude de uma infância dura e estigmatizada pelo ambiente marginal da família ou do meio social, são encaminhadas para regiões mais elevadas do Astral para serem cuidadas e educadas em centros infantis, onde terão o amor, a educação e a proteção de mães carinhosas.

As trevas: as regiões abissais do Umbral

Nas regiões mais profundas do Umbral existem redutos onde ficam confinados os espíritos mais perversos, que estão de tal forma viciados na malvadez, por séculos e séculos de selvajarias cometidas, que acabaram por ter o corpo astral completamente deformado. Segundo alguns autores, esses degredados têm formas monstruosas, algumas delas bestiais, dando origem a fenômenos como os da licantropia – meio homem, meio lobo –, embora haja outras manifestações semi-animalescas igualmente hediondas.

Esses redutos abissais, referidos como Trevas pelo Espírito André Luiz, no livro “O Nosso Lar”, são as «regiões mais inferiores que conhecemos». Enquanto há «milhões de seres que perambulam no Umbral», outros há que «preferem caminhar às escuras (...) [e que] costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado. (...) Não será demais, portanto, que se precipitem nas Trevas, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos».

Os próprios passos são o resultado do bom ou mau emprego do nosso livre-arbítrio, o qual nos conduz para o destino que traçamos. Esse destino – a região das Trevas – é o resultado de um livre-arbítrio apenas moldado para a prática do mal, sem que o bem, alguma vez, tenha aflorado nas decisões da criatura que para aí é desterrada.

Uma alma para sofrer tão dura expiação tem de ser muitíssimo atrasada, de tão densa faixa vibratória devido à gravidade dos seus crimes que nem mesmo as tradicionais regiões umbralinas lhe são compatíveis. Tem de passar para um lugar ainda mais profundo, de uma vibração extremamente densa, adequada ao perfil da sua brutalidade.

Há pessoas assim, cujas mentes frias, calculistas e perversas, jamais sentem remorsos pelas atrocidades cometidas. São seres totalmente desprovidos de senso moral, apenas virados para a voracidade dos seus instintos abomináveis.

Expulsos do planeta

As criaturas mais bárbaras, por vezes, nem chegam a expiar nas regiões umbralinas, onde teriam de permanecer por séculos sem fim, até alcançarem algum tipo de evolução.

Para uma remissão mais rápida dos seus pesados carmas e algum desempenho útil das suas estéreis existências, esses espíritos são enviados para mundos incivilizados, a grande distância da Terra, onde reencarnam no seio de povos muito primitivos, caracterizados pela barbárie e violência.

Sobre essas migrações, Allan Kardec, na obra “A Gênese”, refere que alguns espíritos «são excluídos da humanidade a que até então pertenceram» e encaminhados para «mundos menos adiantados, onde aplicarão a inteligência e a intuição dos conhecimentos que adquiriram».

De idêntica forma, o Espírito Ramatís ⁸, na obra “Evolução no Planeta Azul”, psicografada por Norberto Peixoto ⁹, refere que «a transladação de espíritos imorais e despreparados para a vivência amorosa da Era de Aquário está sendo levada a efeito para planetas mais atrasados, ao mesmo tempo que espíritos com melhor condição moral estão encarnando» no nosso planeta, oriundos de mundos espiritualmente mais desenvolvidos.

Face ao baixíssimo nível civilizacional desses alienígenas, o espírito oriundo do nosso planeta e que aí renasce é necessariamente mais evoluído e, não será de espantar, frequentemente menos bestial do que aqueles. Ao encarnar nessas paragens, vai ter oportunidade de resgatar muitos carmas e contribuir de alguma forma para o progresso desses orbes primevos.

As equipas de resgate

Nas regiões umbralinas existem diversos postos de recolha e tratamento de almas enfermas, onde trabalham espíritos benfeitores conhecidos como socorristas. Têm como missão o resgate de desencarnados desterrados nesses lugares de expiação e que estão em condições de serem socorridos.

Os postos de socorro, vistos ao longe, assemelham-se a estrelas brilhantes nas paisagens sombrias do Umbral, disseminando-se como refúgios luminosos por vários pontos dessas regiões desoladas, assim como nas urbes mais populosas.

Localizados em pontos estratégicos, as equipas de resgate saem para socorrer almas sofredoras e retirar desses antros os que anseiam por liberdade e querem regenerar-se. Outros, porque nos seus corações ainda imperam o ódio, a vingança e o prazer de fazer mal, não são socorridos, pois carecem de maior permanência nesses lugares de penitência.

Os espíritos recolhidos são conduzidos para centros de socorro, onde serão tratados. Quase sempre, apresentam-se num estado lastimável, carecendo de intensos cuidados terapêuticos nos hospitais espirituais. Posteriormente são doutrinados em colônias situadas acima dessas regiões. Na formação aí processada, em apropriados centros educativos, inclui-se a realização de trabalhos de ajuda ao próximo, igualmente úteis para o desenvolvimento moral dos discentes.

Junto à crosta terrestre também existem núcleos de apoio localizados nos cemitérios, hospitais e igrejas e que prestam auxílio aos espíritos que acabaram de desencarnar. Quando ocorrem tragédias de grandes proporções – como guerras e catástrofes naturais – são imediatamente instalados postos de socorro

nesses locais, dada a grande afluência de espíritos transtornados e necessitados de urgente assistência.

Nas incursões feitas pelas equipas de resgate por territórios umbralinos, não são poucos os marginais que, afetados pela iniquidade ou por viciosa indolência, se recusam a aceitar os caminhos do bem e seguir os bondosos conselhos dos espíritos socorristas, preferindo acoitar-se nas trevas, como ratos que fogem da luz. Rebeldes por natureza, odeiam tudo o que representa ordem, asseio e trabalho.

Essas criaturas são uma espécie de anarquistas do Umbral, uns vadios que não reconhecem regras e que optaram por viver numa ociosidade miserável, vagueando sem eira nem beira num aparente gozo libertário, que não é mais do que o adiar de um destino que, mais cedo ou mais tarde, lhes será imposto. Muitos deles, quando encarnados, já tinham essa feição rebelde, fruto da sua natureza indisciplinada e irresponsável.

Os espíritos que vivem nessa ilusória liberdade são frequentemente caçados pelos Quiumbas, onde, subjugados pela brutal violência dos seus algozes, passam a obedecer com enorme servilismo. Outras vezes, saturam-se de tal forma dessa existência inútil que, arrependidos pelo tempo desperdiçado nesse marasmo doentio, acabam por procurar ajuda para serem recolhidos.

Em certas operações mais delicadas em território inimigo, as equipas de resgate têm de passar despercebidas, pelo que manipulam a sua própria vibração, tornando-se impercetíveis à deteção das forças trevosas. Também podem mudar a forma do corpo astral, ao qual mesclam odores apropriados, assumindo com essa vestimenta a aparência de Quiumbas, de maneira a se infiltrarem discretamente no seio da escória urbana, de onde retiram informações úteis para as suas missões de resgate ou de desmantelamento de redes criminosas.

Os estratagemas de invisibilidade e camuflagem permitem a estes combatentes das forças do bem agir com mais segurança e eficácia nos seus objetivos, evitando, em muitos casos, o confronto direto e o recurso a meios mais persuasivos. Quando esse confronto parece inevitável, a forte personalidade dos Guardiões e a sua roupagem fluídica de combate – tal como um grupo de operações especiais – já infundem medo, o que muitas vezes é suficiente para intimidar os espíritos malfeitores.

Para os mais rebeldes e que oferecem resistência, os Guardiões são obrigados a usar vibrações magnéticas de grande intensidade, que provocam sensações de dor insuportável, colocando os marginais em fuga – totalmente apavorados – ou obrigando-os a renderem-se.

Táticas de aliciamento

Muitos espíritos extraviados, alguns até pertencentes às elites locais, são aliciados a desertar das hordas do mal, através de bem arquitetadas ações psicológicas executadas pelas falanges de Luz, que lhes mostram a vantagem de se passarem para o lado do bem. Particularmente hábil nessas operações de abordagem e aliciamento é a chamada linha de esquerda da Umbanda ¹⁰ – os Guardiões – que são dedicados agentes policiais do Astral, habituados a lidar com marginais e com grande experiência no combate ao crime nesses bastiões do mal.

O escritor e jornalista Leal de Souza ¹¹, num brilhante trabalho da sua autoria, revela-nos alguns passos da atuação desses incansáveis combatentes que, tão habilmente, sabem conquistar os espíritos atrasados para as fileiras do bem.

Segundo o referido autor, os espíritos doutrinadores, «mantendo-se em contacto com a banda negra, de onde provieram, não só resolvem pacificamente as demandas, como convertem, com hábil esforço, os trabalhadores trevosos».

Essa estratégia processa-se por diferentes fases. Em primeiro lugar, os espíritos que têm essa missão, ao encetarem diálogo com os delinquentes, «gabam-lhes as qualidades, exaltam-lhes a potência fluídica, louvam a mestria de seus trabalhos contra o próximo, e assim lhes conquistam a confiança e a estima».

A seguir, enaltecendo-lhes as suas qualidades e aproveitando «para o bem um atributo nocivo, como a vaidade (...) passam a pedir aos acolhidos para a conversão, pequenos favores consistentes em atos de auxílio e benefício a esta ou àquela pessoa, e, realizado esse obséquio, levam-nos a gozar, com uma emoção nova, a alegria serena e agradecida do beneficiário».

Finalmente, convidam os espíritos que estão a ser objeto desse doutrinamento, a assistir a alguns trabalhos de caridade, «mostrando-lhes o prazer com que o efetuam em cordialidade harmoniosa, sem sobressaltos, (...) em comunhão com homens igualmente satisfeitos, laborando com a consciência e paz. Fazem-nos, depois, participar desse labor, dando-lhes, na obra comum, uma tarefa à altura de suas possibilidades, para que se estimulem e entusiasmem com o seu resultado».

Desta maneira, essas almas da “banda negra” vão reforçando o seu convívio com os Espíritos de Luz, identificando-se cada vez mais com «os trabalhadores do amor e da paz, e, para não se colocarem em esfera inferior, (...) começam a imitar-lhes os exemplos, elevando-se até abandonar de todo a atividade maléfica».

A crosta terrestre

No convívio diário com os encarnados é significativo o número de espíritos existentes nas proximidades da crosta terrestre, muitos deles agarrados aos bens materiais, vícios e inclinações condenáveis. Alguns, ainda não entenderam que o seu lugar já não é aqui, no plano físico, enquanto outros retornam das profundezas umbralinas para se vingarem, obsidiando as vítimas, quando não vêm a soldo de demandas e bruxarias encomendadas.

Sendo o plano terreno uma zona de confluência e transição entre os mundos físico e imaterial – com coabitação de encarnados e desencarnados – acaba por ser território de eleição para a atuação de todo o gênero de espíritos, como os brincalhões que se deleitam a perturbar as pessoas; os falsos-sábios de muita vaidade e poucos conhecimentos; os viciados que continuam apegados ao álcool, drogas ou jogo; os amantes da luxúria em busca de bares e prostíbulos; os avaros que, de tão apegados aos bens materiais, teimam em não deixar o que já não lhes pertence; os preguiçosos que vivem na ociosidade; os pequenos farsantes e delinquentes que subsistem à conta de expedientes ilícitos; e, finalmente, os mais perigosos, os seres trevosos como os Quiumbas, que se servem de todos os meios para praticar o mal nas suas vertentes mais hediondas.

Muitos encarnados, mercê de um comportamento moral nada edificante, acabam por ser alvo fácil da atuação dessas criaturas, pelo que não faltam pessoas que, por iniquidade ou tola ingenuidade, são manipuladas por esses agentes do mal.

Nas regiões astrais da crosta terrestre também se manifestam espíritos de pessoas comuns que não aceitaram o fato de terem morrido, sendo que muitos deles se poderão converter em encostos de encarnados – transmitindo a sua tristeza, dor ou vícios de que padeceram enquanto vivos –, prejudicando a existência de quem obsidiam. Alguns nem o fazem por mal, pois, na sua ignorância, pensam que estão a ser úteis.

Outros desencarnados, de tão agarrados à matéria, mantêm-se vigilantes nas residências que lhes pertenciam, afastando as pessoas que consideram intrusas, chegando a tratar com hostilidade os novos proprietários. Casos como estes são comuns nas chamadas casas assombradas.

Atuam igualmente nestas regiões, espíritos que expurgaram parte dos seus erros no Umbral e que, ganhando alguma alforria que lhes permitiu sair desses lugares umbralinos, em vez de colaborarem com as forças do bem, para evoluir, preferiram retomar os trilhos da perversidade. São usados por encarnados e desencarnados que agem nas fileiras do mal.

Colônias espirituais

REGIÕES INFERIORES E SUPERIORES

Ao longo da crosta terrestre diversos postos de socorros e colônias espirituais dão assistência aos irmãos desencarnados e necessitados de ajuda. Os espíritos benfeitores que aí trabalham, também amparam encarnados e desencarnados nos templos e centros espiritualistas, igrejas e em todos os locais onde o amor, a caridade e a solidariedade são praticados. Essas bondosas entidades, como sabemos, também descem às regiões inferiores onde prestam socorro aos sofredores.

As colônias espirituais, igualmente chamadas de cidadelas espirituais, independentemente da sua localização “geográfica” – seja nas regiões umbralinas ou nas orlas da crosta terrestre –, são domínios espirituais que protegem e isolam os seus habitantes dos ambientes mais densos do Astral. Essas colônias proporcionam segurança e conforto aos seus trabalhadores de Luz, tal como aos desencarnados em processos de aprendizagem e aos espíritos enfermos aí internados.

Há vários tipos de colônias, conforme os fins para que foram criadas, desde pequenos postos socorristas inseridos em pontos estratégicos do baixo astral – com poucas dezenas de indivíduos –, até às grandes colônias – com milhões de habitantes. Algumas desempenham um papel específico num determinado campo de ação, como nas áreas de estudo e investigação, socorrismo, internamento correcional e doutrinário, entre outros. Outras, como as maiores, quase sempre ligadas às grandes metrópoles do mundo terrestre, englobam todos esses serviços, dispondo ainda de sofisticadas unidades hospitalares, centros de estudo doutrinário, laboratórios de investigação científica, bibliotecas, etc.

A atividade dos espíritos trabalhadores é intensíssima e, para levarem a bom termo os seus objetivos, as colônias possuem elementos especializados em áreas muito diversificadas, desde guardiões, médicos, funcionários administrativos e

professores, a entidades de Luz de elevada hierarquia, normalmente responsáveis pela gestão dessas comunidades.

O dia-a-dia numa grande colônia é muito movimentado face aos múltiplos afazeres dos seus habitantes. Em vários aspetos assemelha-se à vida agitada de uma grande metrópole terrestre, embora tudo se processe com grande harmonia, organização e disciplina.

Uma situação relativamente comum nessas comunidades espirituais são as viagens que os seus habitantes fazem para visitar outras colônias e rever familiares e amigos ou para estudar e angariar novos conhecimentos.

Muitos de nós, durante o sono e através de desdobramento, visitamos essas colônias para conviver com parentes e amigos desencarnados e para trabalhar em obras de caridade. Por vezes, inclusive, participamos em operações de resgate de espíritos sofredores.

Algumas colônias tornaram-se famosas após a sua divulgação por parte de conhecidos autores espiritualistas. Entre outras, é o caso de “Campo de Paz” e “Nosso Lar” – referidas por Chico Xavier –, “Aruanda”, dos pretos-velhos, caboclos e outras entidades das fileiras umbandistas e a colônia “Grande Coração”, referida por Hercílio Maes ¹².

Campo de Paz

Nas regiões mais densas do Astral, existem vários postos de socorro, cujas guarnições de socorristas e guardiões, além de resgatarem os sofredores, ainda têm de estar atentas às várias investidas das criaturas aí retidas. É uma missão dura, mas assumida com coragem e dedicação por parte dos bondosos espíritos que aí trabalham.

O posto “Campo de Paz”, descrito pelo Espírito André Luiz na obra “O Mensageiro”, psicografada por Chico Xavier, é um desses casos. Nesse pequeno reduto, onde a Luz Crística do amor brilha intensamente, são recolhidos muitos obsessores, pelo que, pela boca de um dedicado espírito que aí trabalha, «há muita gente que se revolta, [sendo] mais fácil remediar o que geme, que atender ao revoltado».

Mais adiante, o mesmo espírito comenta que essa «colônia foi instituída para socorro urgente. A nosso ver, “Campo de Paz” é, mais que tudo, um avançado centro de enfermagem, rodeado de perigos, porque os irmãos ignorantes e infelizes nos cercam o esforço por todos os lados. De dez em dez quilômetros, nas zonas de nossa vizinhança, há postos de socorro como este, que funcionam como instituições de assistência fraternal e sentinelas ativas, ao mesmo tempo».

Nesses postos, os espíritos trabalhadores vêm-se obrigados a lidar com alienados de toda a espécie, desde almas muito atrasadas e rebeldes, a sofredores e, até, a outras que nem têm consciência da sua própria degeneração. É uma missão de amor e de grande sacrifício, e que exige muito esforço e paciência por parte desses abnegados benfeitores.

Nosso Lar

A paisagem desta grande colônia encanta pela beleza, conforme nos testemunha o Espírito André Luiz, ao dirigir-se para o Bosque das Águas na colônia “Nosso Lar”: «O bosque, em floração maravilhosa, embalsamava o vento fresco de inebriante perfume. (...) Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulinas flores, deslizava um rio [cuja] corrente rolava tranquila, (...) árvores frondosas ofereciam sombra amiga (...) na claridade do Sol confortador».

No meio dessa esplendorosa Natureza, existem grandes metrópoles habitadas por espíritos de maior elevação espiritual e que se ocupam de diversas tarefas, muitas das quais relacionadas com a ajuda a encarnados e desencarnados das regiões inferiores.

A caminho do Ministério do Auxílio e em companhia de Lísias, um espírito amigo, André Luiz confessa-se impressionado com o «espetáculo das ruas. Vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não havia, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, porque as vias públicas estavam repletas. Entidades numerosas iam e vinham. Algumas pareciam situar a mente em lugares distantes, mas outras me dirigiam olhares acolhedores. Incumbia-se o companheiro de orientar-me em face das surpresas que surgiam ininterruptas».

Chegados frente ao Ministério, Lísias comenta para o amigo que, «tudo o que vemos, edifícios, casas residenciais, representam instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição».

Depois de referir os diversos colaboradores que aí prestam serviço, como

orientadores e operários, Lísias explica que é nesta zona que se atendem «doentes, ouvem-se rogativas, selecionam-se preces, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento».

Aruanda: onde há paz e amor

Aruanda é uma extensa região no plano astral, relacionada com a Umbanda e que foi criada em conformidade com as superiores diretivas do plano espiritual. Essa grande colônia, “onde há paz e amor”¹³, é formada por cidades e comunidades espirituais que alojam espíritos muito evoluídos que, nos trabalhos espirituais, se manifestam com arquétipos de Pretos-velhos, Caboclos, Crianças, Marinheiros e Linhas do Oriente, entre outros.

Nesse lugar de excepcional beleza, erguem-se maravilhosas construções rodeadas de jardins floridos e magníficos lagos. São edifícios destinados a hospitais, escolas para médiuns e mensageiros espirituais, ministérios e centros de doutrinação, entre outros organismos dedicados ao amparo, assistência e formação de desencarnados.

Em volta, num grandioso cenário a perder de vista, estendem-se grandes florestas, percorridas por rios e riachos onde não faltam impressionantes cachoeiras. O verde das matas confunde-se com os tons esverdeados dos cursos de água e o matiz azul-esmeralda do mar que, ao longe, bordejando suavemente o litoral arenoso.

Toda essa Natureza de exuberante formosura, onde abundam árvores de grande porte e pendem cipós e delicadas orquídeas – numa indescritível profusão de cores e de formas – é em tudo semelhante às luxuriantes paisagens dos recuados tempos em que os Caboclos (ameríndios) viviam livremente nas matas terrestres como povos silvícolas.

Mais além, protegidos pela sombra de acácias e de imponentes embondeiros, existem lugares acolhedores que, pela sua privilegiada localização, são como que

memórias vivas das antigas sanzalas, quando os negros não viviam sob o jugo da escravatura colonial.

Será por esse motivo que os Espíritos que laboram sob a designação de Pretos-velhos, quando acabam os seus trabalhos nos terreiros e regressam a Aruanda, dizem, no seu linguajar simples e humilde, que vão para as sanzalas, como se evocassem esses tempos distantes?

A par das belezas paisagísticas e da inestimável evolução espiritual dos seus habitantes, Aruanda constitui-se igualmente como um marco relevante do saber científico e tecnológico, muito avançado relativamente aos atuais conhecimentos da Ciência terrestre.

Nessas regiões astrais são frequentes as visitas de extraterrestres oriundos de distantes civilizações alienígenas, pelo que, além do precioso papel de colônia espiritual consagrada à evolução do ser humano – na situação de encarnado ou desencarnado –, Aruanda também é um importante centro de intercâmbio cultural e de relacionamento com povos procedentes de outros sistemas estelares.

Os espíritos de Luz já foram índios ou escravos negros?

Naturalmente que muitos espíritos benfeitores foram, em vidas passadas, escravos negros e índios americanos, mas também tiveram inúmeras reencarnações em outras regiões do globo e no seio de diferentes comunidades étnicas.

As entidades que vivem na Aruanda utilizam esses arquétipos nos seus trabalhos, já que os espíritos, independentemente de terem sido negros, brancos, vermelhos ou amarelos quando viveram no mundo físico, são seres luminosos – sem cor, raça ou cheiro –, embora possam mudar a aparência do seu corpo astral.

Ao integrarem essa roupagem fluídica, fazem-no porque é a “vestimenta” que usam nos trabalhos de caridade da Umbanda. Assim, um espírito que se assume como Preto-velho nessa religião e se trabalhar igualmente num centro Kardecista ou numa igreja Católica, Protestante ou em qualquer outra, certamente que não o fará com as mesmas características.

Os espíritos de Luz seguem sempre o mesmo princípio, que é o de praticarem o amor e a caridade sem discriminações e jamais causar constrangimentos culturais ou religiosos a quem a eles recorre. Na verdade, o sectarismo e os preconceitos religiosos são, como sabemos, fruto da mente do homem, pelo que para essas entidades benfazejas é indiferente o local ou a igreja onde vão trabalhar. O que importa é produzir obra meritória, sempre a favor do amor e da caridade.

O Espírito Ramatís, na obra “Mensagens do Astral”, psicografada por Hercílio Maes, ao falar desses abnegados trabalhadores, assim se lhes refere: «Servem-lhes o ambiente do templo protestante, a abóbada da igreja católica, (...) a

penumbra da sessão espírita, o canto dos salvacionistas nas praças públicas, a ruidosa umbanda, as posturas muçulmanas, os lamentos mosaístas, o fatalismo budista (...).».

Mais adiante, Mestre Ramatís acrescenta que os espíritos «respeitam e compreendem a necessidade que os homens sentem de buscar a verdade, quando se situam em círculos doutrinários simpáticos, a fim de se exercitarem para os voos crísticos do futuro. Não se adaptam, porém, a exclusivismo algum, e evitam que os postulados doutrinários lhes cerceiem a liberdade da razão».

Do mesmo modo, Pai João de Aruanda, na obra “Aruanda”, psicografada por Robson Pinheiro, afirma não haver «do lado de cá da vida (...) departamentos nem escolas iniciáticas separadas pela preferência religiosa. Não há um departamento católico, outro espírita, umbandista ou evangélico».

Os espíritos esclarecidos – ou seja, os mais evoluídos –, «já estão além dos títulos e das preferências religiosas, bem como da arrogância de muitos religiosos», conclui o bondoso Preto-velho, desmistificando assim esse falso conceito criado pelo homem.

Essas divisões e mesmo rivalidades entre os espíritos mais evoluídos não passam de lucubrações fantasistas de indivíduos pouco conhecedores do mundo espiritual.

Certa vez, numa sessão espiritualista, Vovó Maria Conga, sorrindo naquele seu jeitinho de vovozinha sábia e amorosa, sussurrou-me ternurenta: «Sabe, meu filho, essa brigalhada entre espíritos é coisa de encarnados, não tem cabimento, não... Nós trabalhamos todos para o nosso Pai Maior, com muito amor e fraternidade... Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado e para sempre será louvado, não é, meu filho?».

Regiões superiores

PLANO ASTRAL

Acima das zonas inferiores existem dimensões de indescritível luminosidade. São as regiões do Astral superior, apenas acessíveis a espíritos que alcançaram grande evolução.

Vibratoriamente distante do mundo físico e dos subplanos inferiores, a aura das regiões mais elevadas do Astral alarga-se como uma gigantesca esfera, ultrapassando mais de metade da distância entre a Terra e a Lua.

Além de admiráveis construções e de insofismável beleza natural, essas regiões incluem «ministérios de preparação e assistência para reencarnação de espíritos (...) que vão desempenhar papéis de maior importância quando regressarem ao corpo físico», revela-nos Carlos Pastorino, na obra “Técnica da Mediunidade”. Este autor acrescenta, ainda, que para estes lugares se encaminham «os seres que, na Terra, já se haviam entrosado no trabalho filosófico e religioso, e que assistem os encarnados como mentores de maior “gabarito” e elevação comprovada».

Da mesma forma, o Espírito Ramatís, no livro “A Vida Além da Sepultura”, psicografado por Hercílio Maes, explica que os espíritos, à medida que ganham progresso, «se elevam para regiões mais “puras” ou mais “altas”, [sendo óbvio] que ingressem em coletividades de maior responsabilidade administrativa do planeta terráqueo; a sua supervisão abrange nações, raças e até continentes».

Nas franjas mais elevadas do Astral, os espíritos aí residentes já adquiriram um notável progresso moral e uma invejável erudição em todas as áreas do conhecimento. Não é de surpreender que, à parte espiritual, se tenha de juntar a sabedoria, pois, conforme refere Kardec, «ao Espírito cumpre progredir em

ciência e em moral. Se somente se adiantou num sentido, importa se adiante no outro, para atingir o extremo superior da escala». ¹⁴

Plano mental

São extremamente raros os casos de encarnados que, pelo desdobramento do corpo mental, tiveram oportunidade de viajar até esta tão bela e pura dimensão, a qual, devido à sua resplandecência, deixaria qualquer um de nós deslumbrados. A matéria existente é similar à chamada energia primordial, a energia que provém do fluido cósmico presente em todo o Universo.

Neste mundo celestial não são perceptíveis aos nossos sentidos quaisquer testemunhos de construções humanas, como metrópoles ou colônias, à semelhança das existentes no plano físico e nas diversas regiões do plano astral.

No entanto, apesar de não serem visíveis aos nossos olhos – enquanto seres humanos em evolução – quaisquer referências tidas como civilizacionais, o conhecimento e a evolução espiritual dos seus habitantes é incomparavelmente superior ao existente nos planos inferiores.

Para os projetores de consciência que tiveram o privilégio de viajar até tão idílicas paragens, não há palavras que consigam descrever o que lhes foi dado observar, mas ficou-lhes o fascinante sentimento de uma beleza inenarrável, em que a percepção maravilhosa de Deus se faz sentir por todo o lado, num fantástico Universo jamais observado pelo homem.

Ao entrar neste plano o espírito encerrou definitivamente os ciclos reencarnatórios, porque deixou de ter carmas a resgatar, tornando-se um espírito puro. Reencarnações, a haver, serão de ordem missionária ou por caridade, como voltar à carne por amor a uma alma amiga que, entretanto, se atrasou e ficou para trás na senda evolutiva.

Seres Físicos e Extrafísicos

Capítulo III

A vida manifesta-se em todo o Universo testemunhando a grandeza do Criador... desde os mundos físicos mais recônditos e grosseiros até às mais excelsas dimensões imateriais... tudo, no Cosmos, pulula de vida.

Inúmeras galáxias acolhem milhões de corpos celestes e de planetas exóticos, povoados por seres vivos que, por mais estranhos que possam parecer aos nossos olhos, também são criaturas concebidas pela mesma mente divina, tal como nós.

Há dois mil anos, Jesus Cristo afirmou com admirável sabedoria: «Na casa de meu Pai há muitas moradas» (João 14:2). Com estas simples palavras, Jesus descreveu o quanto é grandiosa a obra de Deus, onde são inumeráveis as moradas – os mundos ¹⁵ e formas de vida existentes no Universo.

Os habitantes desses orbes físicos e espirituais, além do homem – na condição de encarnado ou desencarnado –, incluem uma infinidade de seres que não são humanos, desde formas de vida que nos são totalmente desconhecidas, passando pelos misteriosos Encantados, os Espíritos da Natureza e muitos outros seres extraordinários – grande parte deles alienígenas –, até culminar nas entidades mais elevadas, os Anjos ou Devas.

Seres humanos

ENCARNADOS

Comunicar com seres espirituais e viajar pelo Astral não é um privilégio apenas destinado aos espíritos, já que muitos encarnados fazem-no com frequência. Durante o sono, por exemplo, não é raro desligarmo-nos do corpo físico e viajarmos até às regiões astrais, assim como para qualquer outro lugar do globo terrestre.

Esse desdobramento ou viagem astral tanto pode ser praticado de forma consciente, como inconsciente. Outras pessoas, ainda, apresentam faculdades anímicas e mediúnicas, fato que lhes permite ser um importante meio de comunicação entre o mundo físico e os planos espirituais, promovendo ligação e interação com encarnados, desencarnados e seres não-humanos.

Consideremos, então, algumas dessas capacidades dos seres humanos, enquanto criaturas encarnadas.

Mestres espirituais

Nas culturas orientais, tradicionalmente favoráveis à meditação e a uma filosofia de vida mais espiritualista – como os yogis hindus e os lamas tibetanos –, fato também presente em algumas correntes e religiões esotéricas de cunho ocidental, há um maior número de iniciados que, mercê dos seus conhecimentos, podem visitar e permanecer em dimensões inacessíveis ao comum dos mortais.

São gurus, mestres e adeptos de grande evolução, que viajam para essas regiões para estudar e aumentar o conhecimento das ciências metafísicas, assim como intervir em trabalhos de auxílio e caridade. Servem-se do corpo astral e mental nos desdobramentos que fazem para visitar esses planos espirituais, orientando os discípulos nesse sentido.

O teósofo Charles Leadbeater designava estes grupos de “adeptos e seus discípulos”. A eles se referindo, comentava ser «comum o investigador encontrar no plano astral ocultistas de todas as partes do mundo (...) que geralmente buscam a verdade, com uma convicção e um espírito de abnegação surpreendentes».

Avisava, mais adiante, que os indivíduos psiquicamente adiantados, mas não orientados por um mestre e sem possuírem suficiente maturidade moral, poderiam desenvolver «esforços nobres e altruístas», mas também corriam o risco de agir como «cegos, mal dirigidos e até de caráter extremamente condenável», porque o progresso psíquico e o mérito espiritual «não andam necessariamente juntos».

À exceção dos mestres e seus discípulos, o meio utilizado pelos encarnados que fazem desdobramento é o corpo astral, já que estão inabilitados a servirem-se do

corpo mental.

Médiuns

A mediunidade é uma capacidade inata do ser humano, igualmente comum em algumas espécies animais. No homem, essa faculdade tanto pode estar ativa, convertendo-se num valioso instrumento de trabalho espiritual, como permanecer num estado latente, sem despertar.

Apenas um número restrito de indivíduos está apto a praticá-la de forma regular, porquanto para se ser médium é necessário que o espírito, antes de encarnar, tenha assumido esse compromisso no plano astral.

Para levar a bom termo esse objetivo, um médium tem de possuir certas características, como ser dotado de uma pineal mais rica em cristais de apatita e ter sido objeto de ajustes nas teias do duplo etérico, onde se situam os chakras.

Além dessas adaptações físicas e etéricas, há todo um conjunto de metas a cumprir, relacionadas com a prática da caridade, não apenas para se ressarcir de dívidas cármicas, mas também para acrescentar créditos espirituais a si próprio e aos espíritos que o vão assistir nessa jornada terrena.

Técnicas de apometria

Como resultado de uma maior divulgação das ciências espiritualistas, que deixaram de ser uma área reservada a uns poucos iniciados, abriram-se novas vias de conhecimento, cura e regeneração moral para a humanidade.

Grande parte dessa mudança deve-se à imigração de espíritos mais evoluídos que têm encarnado na Terra, nomeadamente as crianças Índigo, Cristal e Arco-Íris. Esses espíritos, tais como mensageiros astrais, provêm geralmente de mundos distantes, cujo grau civilizacional é superior ao do nosso planeta.

Essa renovação cultural e espiritual – com o esmorecimento de tabus que nada devem ao amor Crístico – tem facilitado a ação dos espíritos trabalhadores em diversas frentes, algumas delas não vinculadas a correntes ou cultos religiosos, como é o caso das técnicas de desdobramento usadas na Apometria e que são igualmente adotadas em alguns terreiros umbandistas e centros kardecistas.

Na obra “Evolução no Planeta Azul”, psicografada por Norberto Peixoto, o Espírito Ramatís refere que a Apometria, sendo um «conhecimento milenar e mais antigo que o homem na Terra, será sentido como “novo” conhecimento que [nos] chega com mais “força” nesta Nova Era, fundindo-se com os sentimentos amorosos. Semelhante técnica fornecerá inúmeras oportunidades de experimentação anímica e mediúcnica para a ciência comprovar a existência dos mundos paralelos e a procedência cósmica dos espíritos».

Divulgada inicialmente com o nome de Hipnometria pelo bioquímico Luiz Rodrigues, natural de Porto Rico e radicado no Rio de Janeiro, foi posteriormente fundamentada e desenvolvida cientificamente pelo médico brasileiro José Lacerda de Azevedo (1919-1997), que passou a designá-la por

Apometria. Trata-se de uma técnica de desdobramento que utiliza a energia mental de um ou vários terapeutas e que tem apresentado resultados muito positivos no tratamento de doenças, casos de obsessão e outras patologias do foro físico, psíquico e espiritual.

Como o desdobramento é feito pelo espírito dos encarnados que realizam a terapia, essas técnicas são essencialmente anímicas, embora haja mediunidade quando ocorrem tratamentos do corpo espiritual dos pacientes através de médicos desencarnados que vivem nas dimensões astrais.

Da sua obra “Energia e Espírito”, José Lacerda defende que com estas técnicas podemos visitar os habitantes dos planos extrafísicos, tal como esses seres o fazem relativamente ao nosso mundo material, possibilitando-nos «penetrar em seu habitat natural e, limitadamente, vislumbrar algo do que lá se passa. O intercâmbio daí decorrente é extremamente complexo, variado e altamente útil para nós humanos e para eles, almas desencarnadas».

O principal objetivo dos trabalhos de Apometria é, segundo o citado autor, «anular a ação maléfica e predatória de algumas dessas criaturas desencarnadas sobre o comum dos mortais».

Por meio da Apometria, refere ainda José Lacerda, é possível «capturar almas dedicadas ao mal, tratá-las dos males e deformidades de que eram portadoras, orientá-las e conduzi-las para locais preparados para recebê-las».

Pessoas comuns

A maioria das pessoas não se apercebe do desligamento do corpo astral quando se encontra a dormir. Nessas incursões noturnas não é raro o corpo astral fluir e ficar à deriva, flutuando ao sabor das correntes astrais – sem rumo, nem discernimento –, cruzando-se aqui e além com outros indivíduos que se encontram nas mesmas condições, daí resultando todo o tipo de experiências, a maioria delas confusas, estranhas e sem qualquer nexos.

Outras pessoas, ainda, apresentam uma sensibilidade psíquica tão baixa que, o mais provável é o corpo astral permanecer adormecido, tal como o corpo físico.

Nenhuma destas situações reverte em benefício do indivíduo, já que este poderia recolher preciosas informações das viagens astrais que faz, ou que poderia ter feito, se procurasse desenvolver ferramenta tão útil.

Feiticeiros

Entre os encarnados existem criaturas possuidoras de capacidades paranormais e de profundos conhecimentos das ciências ocultas, infelizmente consagradas à prática do mal.

São, a bem dizer, o lado oposto dos bondosos Mestres de que falámos anteriormente. Referimo-nos aos feiticeiros, também conhecidos por bruxos e macumbeiros ¹⁶, embora estas designações possam ter diferentes significados e, nem sempre, pejorativos.

Argutos e malvados, os feiticeiros aceitam de bom grado qualquer trabalho que lhes propicie lucro e prazer, reconhecendo-se que esse prazer é sempre para satisfação do seu desvirtuado Ego, num saciar desmedido de poder e iniquidade.

Muitos deles dedicam-se ao voduísmo, usando bonecos que simbolizam as pessoas que pretendem flagelar, assim como procedem a amarrações e feitiços que, não raramente, conduzem à desgraça das vítimas de quem lhes encomenda tão abomináveis serviços.

Como lacaios nessas práticas hediondas, servem-se de espíritos moralmente atrasados, muitos dos quais são identificados comumente como demónios, embora tais criaturas não existam no sentido literal da palavra. Devido à sua malignidade, porém, os termos demónio e diabo aplicam-se não a seres eternamente condenados à prática do mal, mas a desencarnados de índole perversa e muito perigosos.

Os espíritos imperfeitos, sejam eles maus ou corruptos como os feiticeiros, um dia também conseguirão emergir da obscuridade moral em que vivem e dar início à sua caminhada para a Luz – para o progresso espiritual – porque não há nenhum poder superior ao de Deus e à Lei do amor e da evolução por Ele criada, princípio sagrado que está presente em todo o Cosmos.

Um bruxo convertido

Foi o caso da conversão ao Cristianismo de um dos mais famosos bruxos da Antiguidade, o feiticeiro Cipriano (250-304), mais tarde conhecido por São Cipriano.

Nascido de uma família rica na antiga cidade de Antioquia, na atual Turquia, Cipriano sempre se interessou pela prática da feitiçaria e da magia negra. Viajou pelo Egito, Grécia e Caldeia, onde conheceu a Bruxa de Évora que lhe legou preciosa documentação sobre magia negra.

Na posse desses manuscritos e com os profundos conhecimentos ocultistas que já detinha, Cipriano tornou-se um mago poderoso e temido naquela época. Foi nessas circunstâncias que um homem rico de Antioquia o contratou para, através de encantamentos, arrebatou o coração de Justina, uma jovem por quem se apaixonara.

Para conseguir esse intento, era necessário que Cipriano lhe destruísse a fé, pois a jovem era cristã e decidira consagrar a sua vida ao culto religioso, fazendo da castidade um ato de devoção à causa que abraçara.

O feiticeiro de Antioquia, que tinha aceitado de bom-grado o trabalho, logo de início começou a deparar com inesperadas dificuldades, pois os feitiços que forjava não resultavam. Devido aos crescentes insucessos, um caso que inicialmente parecia fácil, veio a revelar-se frustrante para os propósitos de Cipriano, obrigando-o a uma luta cada vez mais renhida, mas sempre inútil, porquanto todos os trabalhos de magia negra e oferendas aos demónios continuavam a ser barrados pelas orações de Justina e pela sua inquebrantável fé.

Furioso e já descrente dos poderes diabólicos que desde sempre sustentaram os seus feitiços, rebelou-se contra as forças do mal, rejeitando-as. Através de um amigo cristão, veio a converter-se com grande ardor ao Cristianismo, reconhecendo em Deus a verdadeira soberania, pelo que destruiu os livros de magia negra e ofereceu os seus bens aos pobres.

Essa surpreendente conversão, assim como as posteriores obras de Cipriano e Justina a favor do Cristianismo, confundiram a sociedade da época e acabaram por chegar aos ouvidos do imperador romano Diocleciano, que os mandou prender.

Capturados e obrigados a negar a fé cristã, recusaram fazê-lo. Foram torturados, mas continuaram irredutíveis na sua crença. O imperador, enfurecido por tanta obstinação, mandou-os lançar num enorme caldeirão, onde fervilhava uma terrífica mescla de banha e cera, liquefeita pela temperatura abrasadora. A esse atroz suplício, Cipriano e Justina, resistiram estoicamente, sem demonstrar o mínimo sofrimento.

Um ex-discípulo de Cipriano, o bruxo Atanásio, desconfiado de algum feitiço do seu antigo mestre, quis exhibir-se diante dos assistentes, provavelmente para ganhar os favores de Diocleciano. Invocando a proteção dos demónios, lançou-se para dentro do enorme recipiente, mas logo morreu, destruído pela brutal fervura do caldeirão.

Por ordem do imperador os mártires Cipriano e Justina foram posteriormente decapitados. Devido à sua inabalável fé e pelo martírio que sofreram, São Cipriano e Santa Justina foram beatificados pelas Igrejas Católica e Ortodoxa, sendo venerados como Santos.

Seres humanos

DESENCARNADOS

A maioria da humanidade é constituída por desencarnados. De acordo com o Espírito Emmanuel, na obra “Roteiro”, psicografada por Chico Xavier, mais de «vinte bilhões de almas conscientes, desencarnadas (...) cercam o domicílio terrestre, demorando-se noutras faixas de evolução».

São dados que se reportam a 1952, quando a população mundial de encarnados andava próximo dos três mil milhões de habitantes, o que leva a admitir, naturalmente, que o atual número de desencarnados seja bastante mais elevado.

No entanto, não se pode inferir que a população de desencarnados tenha aumentado na razão direta dos mais de sete mil milhões de habitantes atuais, o que representaria cerca de quarenta e seis mil milhões de almas no mundo astral.

Considerando o crescimento demográfico dos terrícolas, alimentado pela contínua imigração de espíritos que encarnam na Terra, assim como daqueles que partem para outros mundos (mais evoluídos ou mais atrasados), não há dados seguros para determinar quantos desencarnados existem atualmente nas diferentes regiões astrais do nosso planeta.

Desencarnados

ENTIDADES DO BEM E ESPÍRITOS COMUNS

Mestres e missionários

Incluem-se neste grupo os Mestres de elevada formação moral e intelectual e os Espíritos Missionários, que apenas reencarnam para a realização de missões de grande importância no mundo terreno.

Muitos deles, quando encarnados, distinguiram-se como profetas, pensadores e gurus de notável desempenho filosófico e evangelizador.

Guias espirituais

Na Sua infinita misericórdia, Deus concedeu à humanidade o privilégio de ser protegida por espíritos maravilhosos que amparam e guiam os encarnados e desencarnados na sua jornada evolutiva, pois todos nós somos almas necessitadas de proteção e orientação, quer no plano físico, quer nas esferas imateriais. A benéfica ação dessas entidades de Luz, mercê da sua elevação espiritual, reflete-se em inumeráveis situações do dia-a-dia.

Sobre o papel de um Guia espiritual, na obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, os Espíritos São Luís e Santo Agostinho assim se referem ao providencial desempenho desses amados protetores: «Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós, seres que vos são superiores, sempre prontos a vos aconselhar e amparar (...) mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus (...) onde quer que estejais, estarão convosco».

Na perspectiva kardecista, e não apenas nessa, esses maravilhosos espíritos protetores são os conhecidos Anjos da guarda, sendo almas desencarnadas que atingiram um estágio espiritual muito avançado e que se ocupam da proteção de um encarnado.

Os espíritos, ainda de acordo com São Luís e Santo Agostinho, gozam «de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada Anjo da guarda tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho».

Deste modo, o espírito protetor fica feliz quando vê o desencarnado que protege no bom caminho e, de igual forma, sente-se triste quando os seus conselhos não são escutados.

O trabalho desses espíritos, sendo benéfico para os seus protegidos, é igualmente proveitoso para essas bondosas entidades, porquanto além de se sentirem felizes pela caridade que praticam, ainda ganham créditos para o seu progresso espiritual, de forma a poderem ascender a planos mais elevados, consoante os méritos de cada um.

Outros espíritos, também adiantados, ainda poderão voltar à carne, uma ou outra vez, para repararem algumas questões que ficaram por resolver. Cumprem frequentemente o papel de protetores de médiuns e de outros encarnados, sendo comum terem vínculos afetivos com os protegidos, eventualmente relacionados com anteriores ligações familiares. Na mitologia romana, tais entidades benignas, eram conhecidas por Lares – os génios protetores da família e do lar.

Além dos Guias e Protetores, o plano astral conta com um elevado número de espíritos especializados nas mais diversas áreas do conhecimento – como médicos, professores, socorristas, arquitetos, engenheiros e cientistas, entre outros, além dos imprescindíveis soldados ou guardiões, que são uma força policial do Astral responsável pela segurança e resgate de muitos desencarnados, além de cumprirem outras tarefas importantes, como desmanchar trabalhos de magia negra e ajudar os consulentes em dias de sessões mediúnicas.

No plano astral há muitos espíritos trabalhadores que já cumpriram o ciclo das reencarnações. São entidades de hierarquia superior e que desempenham diferentes funções de responsabilidade, podendo, também, fazer parte da coroa de um médium como Guias ou Mentores.

Desencarnados comuns

A duração de uma vida no plano físico não fica previamente determinada, como se existisse um relógio do tempo que marcasse o dia e a hora da nossa morte.

Não há um relógio do tempo, mas um período de vida – melhor dizendo, um ciclo vital – que nos é destinado para cumprirmos diversas tarefas que assumimos no plano astral. Desse modo, o tempo de permanência na esfera terrestre tanto poderá ser prolongado, como encurtado, muito dependendo da forma como são resolvidos os objetivos que fazem parte do nosso planejamento reencarnatório.

Esse ciclo, todos os dias, termina para muitas dezenas de milhares de pessoas, formando enormes contingentes de almas que carecem de pronto auxílio, pelo que, em todas as regiões do planeta, inumeráveis falanges de espíritos benfeitores amparam e socorrem esses desencarnados.

Outros espíritos, porém, face a um acumulado de erros graves, não são recolhidos. Ficam abandonados à sua sorte, vagueando pelo etéreo terrestre, quando não vão descambar para regiões mais profundas, como o Umbral.

Aí, perambularão como sofredores, até ao dia em que lhes será dada uma nova oportunidade para saírem do degredo que eles próprios criaram.

Restaurar a consciência

À exceção dos infelizes que ficam retidos nas regiões inferiores, os recém-desencarnados são acolhidos em hospitais e colônias espirituais.

Indivíduos que sofreram doenças prolongadas, vítimas de acidente e pessoas assassinadas, entre outros casos de grande sofrimento, carecem de tratamento e restauro dos corpos sutis, quer do ponto de vista dos traumatismos psicológicos sofridos, quer das terapias necessárias para a reparação de órgãos incorpóreos eventualmente danificados.

Seja qual for a natureza da sua morte, um espírito é sempre objeto de terapia espiritual. Mesmo nos casos de desencarne mais tranquilo, há vivências e apegos que têm uma forte matriz emocional e que necessitam de cuidados especiais. Não se trata de uma lavagem cerebral, com a remoção de sentimentos afetivos, mas de desligamento emocional das recordações mais apelativas ou traumáticas.

Todo esse processo é necessário para restaurar a consciência do Espírito, isto é, promover o despertar do seu Eu espiritual, que ficou num estado de suspensão durante o período em que viveu como encarnado.

A morte violenta

Quando a morte ocorre por circunstâncias trágicas, como num acidente, o Espírito Emmanuel¹⁷ refere-nos que sobrevêm «sensações muito dolorosas à alma desencarnada, em vista da situação de surpresa ante os acontecimentos».

A par dessas pungentes sensações, quem morre de forma violenta, devido ao brusco desencarne, arrasta a matéria densa que lhe ficou agregada ao perispírito e da qual não teve tempo de se libertar, como seria natural suceder se a morte fosse provocada por doença ou por idade avançada.

Essa substância de natureza extrafísica, não sendo forçosamente má, é incompatível com as vibrações mais sutis do Astral, fato que pode obrigar o recém-desencarnado a mergulhar para os planos inferiores, como se fosse um pesado lastro arrastado por insuperável força gravítica.

Quando tais lugares não lhe estão destinados, o espírito é prontamente socorrido por equipas de resgate, que promovem a libertação desse material grosseiro e o conduzem para locais acima dessas regiões, protegendo-o, ainda, dos ataques das criaturas aí retidas. Por vezes, o espírito nem se apercebe dessa incursão por território umbralino, podendo passar por tudo isso de forma inconsciente – como se estivesse em profundo coma – até despertar tranquilamente nos planos situados acima do Umbral.

O regresso ao lar

Nesses planos elevados, espíritos de intensa luminosidade aguardam o recém-desencarnado com muito amor. Na sua maioria, são familiares e amigos de longa data, que o acolhem com imenso carinho e que o vão ajudar a dar os primeiros passos no novo ambiente a que chegou.

Na realidade, esse ambiente não é novo, nem tão-pouco desconhecido, porquanto, como espírito, já por aí passou e viveu inúmeras vezes. Todavia, nos primeiros momentos, o Astral pode afigurar-se-lhe como algo estranho e confuso, mas ao mesmo tempo deslumbrante e irresistível.

A atmosfera de paz e de amor aí reinantes e a saudosa alegria dos entes queridos que o recebem, envolvem-no num grande abraço de calor fraterno, transmitindo-lhe imensa serenidade e bem-estar. E será com um mesmo clima de carinho e amor que o espírito permanecerá numa unidade hospitalar até completa convalescença.

Quando ganhar alta tudo começará a ser-lhe mais familiar e, tal como uma neblina que se dissipa, a sua consciência espiritual passará a gozar de enorme lucidez.

Ao retomar a vida ativa podemos dizer que o espírito regressou ao seu lar, à sua terra, onde irá reencontrar muitas almas amigas que o acolhem com alegria – são inumeráveis os amigos e familiares que temos no mundo astral –, abençoando o seu regresso, tal como um emigrante que retorna ao seio da sua comunidade, depois de uma longa ausência por terras estrangeiras. O espírito, agora reintegrado, repartirá o seu dia-a-dia com o trabalho, o estudo, as viagens, as visitas aos amigos e os momentos livres, se assim podemos dizer.

Durante essa estadia no plano astral, em que o tempo e o espaço não existem tal como o conhecemos, esse espírito tem consciência de que um dia voltará a ausentar-se do seu lar, para regressar ao mundo físico e renascer num novo corpo.

Aí, nesse mundo – no planeta terrestre ou em outro orbe do Universo –, dará início a uma nova jornada para reparar questões que ficaram pendentes e receber mais lições, pois “é aqui que se aprende”, conforme o sábio dizer de um espírito que se manifestou na forma de uma criança.

Desencarnados

ENTIDADES DO MAL E ESPÍRITOS INFERIORES

Magos Negros

Conhecidos como Magos Negros, estas sinistras personagens são, na sua grande maioria, espíritos de antigos feiticeiros, sacerdotes e Grão-Mestres que, ao desencarnar, se recusaram submeter às Leis Divinas para expiar as faltas cometidas pelo mau uso dos seus conhecimentos ocultos.

Muitos deles frequentaram escolas iniciáticas de Magia Branca na Antiguidade, nomeadamente nas civilizações persa, egípcia e caldeia, onde aprenderam a lidar com o poder das ciências mágicas, através do conhecimento e manuseio das energias e fluidos da Natureza.

No entanto, o orgulho, a perfídia, a vaidade e a sede de poder, afastaram alguns desses magos para o lado contrário dos princípios sagrados que juraram defender. Ao desencarnarem, acoitaram-se nas regiões umbralinas mais esconsas onde, mercê dos seus conhecimentos magísticos, se tornaram líderes das forças trevosas, comandando autênticos exércitos de espíritos e entes infernais que tanto mal têm provocado aos habitantes dos mundos físico e astral.

O espírito Pai João de Aruanda, na obra “Legião”, psicografada por Robson Pinheiro, revela que os Magos Negros usam nos seus trabalhos de «força mental, hipnose e magnetismo, promovendo inclusive o sequestro do duplo etérico de encarnados para experimentos, nos laboratórios que administram em aliança funesta com os cientistas do mal». Estas poderosas criaturas aliam os conhecimentos milenares das ciências ocultas às mais modernas tecnologias, que sabem usar com grande proficiência.

Aludimos anteriormente ao poder e à perfídia dos bruxos encarnados mas, comparados aos Magos Negros, não passam de uma tosca imitação, pois estes

magos possuem «requintes de elaboração e sordidez em seus projetos, que os feiticeiros estão longe de alcançar [além de serem] exímios manipuladores das forças mentais», conforme nos revela Pai João de Aruanda, adiantando haver bruxos que, depois de desencarnar, são obrigados a servir estas poderosas entidades.

O verdadeiro propósito dos Magos Negros é impedir por todos os meios o curso evolutivo da humanidade, não se tratando apenas do procedimento típico de quem é mau – daquele que tem prazer na crueldade – mas, sobretudo, da luta pela sobrevivência. Se o domínio dos seres trevosos do Umbral e de milhões de encarnados do mundo terreno é fundamental para essas criaturas terem poder, então, entravar o progresso moral do homem é garantir-lhes segurança por tempo indefinido, pois sem o mal não conseguem subsistir.

Os Magos Negros, ao longo dos séculos, tornaram-se magistras conhecedores das fraquezas humanas, pelo que são hábeis manipuladores da mente dos encarnados que estão sob a sua dominação.

Sabem instilar o veneno da intriga, da inveja e do ódio entre os homens; incutem os vícios mais corrosivos e degradantes no seio dos mais fracos, como drogas, álcool e jogo; e, entre outras perversidades, incentivam a ganância, a luxúria e o frio individualismo do “vale tudo para ganhar” – tão patente nesta época –, mascarando o que é condenável em sedutores exemplos de triunfo pessoal, como referências enganadoras para os incautos que embarcam nessas ilusões.

Para outras pessoas que não incorrem tão facilmente em desmandos morais, mas que são potencialmente vulneráveis, a estratégia desses seres demoníacos é mais ardilosa. Como hábeis conhecedores da psique humana, exploram os pontos mais fracos de quem tomam por alvo, de forma a agirem com eficácia cirúrgica nas ações a perpetrar. Se for um indivíduo de natureza muito sensível e propenso a crises emocionais, por exemplo, os magos procuram injetar ideias negativas na sua mente, explorando sentimentos aniquiladores, como os de culpa ou de

frustração – totalmente desproporcionados com a realidade – de forma a desagregar a autoestima da vítima e afetar a sua capacidade de discernir o verdadeiro do falso.

A pobre criatura, cada vez mais fragilizada por essa trama corrosiva e por um quadro depressivo cada vez maior, vai-se afastando dos alicerces da fé e da razão, até resvalar perigosamente para condutas alienadas, que poderão culminar na sua autodestruição.

Nesse trabalho de terrorismo psicológico, arquitetado com extrema frieza e inteligência, esses bruxos do Além contam com largos contingentes de marginais que, movidos pela maldade, mas também pelo medo – os Magos Negros não perdoam fraquezas ou traições – se prestam aos mais diversos serviços, como os obsessores, os Quiumbas e todo o género de almas erráticas que perambulam pelas regiões umbralinas.

Sobre esses serviçais a soldo dos magos, o Mestre Matta e Silva¹⁸, na obra “Umbanda e o Poder da Mediunidade”, através de desdobramento ao submundo do Astral, em companhia de um poderoso Guardião e de um Preto-velho seu protetor, descreve-nos algumas das horrendas criaturas que aí vivem. Entre outras ignóbeis aberrações observadas, refere que há seres que são como “vampiros das esferas negras” e que «formam uma classe (...) muito baixa na escala espiritual, porquanto [são usados] pelos Magos Negros do Astral para provocar misteriosas doenças nos encarnados, através de certas operações de magia negra».

O referido autor, mergulhando mais abaixo nessa viagem às regiões umbralinas, depara-se com outras criaturas ainda mais asquerosas. Confessa, sem disfarçar a sua repugnância, que descrever «os horríveis defeitos [no corpo astral desses seres] seria quase que causar ao leitor traumas emocionais», mas que «todos eram mais ou menos peludos, tinham exageradas corcundas (...) e um grande olho (...) no centro da testa».

Também assobiavam, talvez para «conter a enxurrada de vermes que saíam das aberturas que chamamos de boca, à falta de outro termo». Essa incursão pelas regiões umbralinas teve como fim uma visita de estudo a três «covas do mais baixo-astral, ou melhor (...) ao reino do bruxedo».

Finalmente, Matta e Silva, comenta que «dentro da nossa experiência de vinte e tantos anos, compreendemos automaticamente porque as descargas, defumações e rezas especiais conseguiam tanto êxito em casos nos quais a medicina terrena já havia esgotado todos os recursos».

Além dos espíritos trevosos, são inumeráveis os encarnados que, no plano físico, fazem o jogo dos Magos Negros, nomeadamente em lugares de liderança na sociedade civil e no seio de mesquitas e igrejas, onde o fanatismo faz apelo ao terror e à perseguição de fiéis de outros credos religiosos.

Como se não bastassem os aliados humanos – na condição de vivos ou de mortos – os Magos Negros servem-se de outros meios para a prática do mal, como as Larvas Astrais, geradas artificialmente pelo poder da mente, e dos Cascões, que são restos de matéria astral de desencarnados. Essas criaturas, tal como outras de igual jaez, são de grande eficácia quando programadas para fins perversos. Implantadas na aura ou no duplo etérico da vítima, robotizam-na, condicionando-a em muitos aspetos da sua vida, sem que esta se aperceba que não está a agir por sua expressa vontade, mas pela de outrem, que a domina.

Outra monstruosa maquinação são os Implantes de Elementais Artificiais introduzidos nos corpos sutis das pobres vítimas. Esses vírus – uma forma mais sofisticada de Larvas Astrais – podem acompanhar o indivíduo ao longo de várias reencarnações. Os implantes são programados para criar doenças e provocar a morte da vítima, entre outras monstruosidades (ver, mais adiante,

Seres Não-humanos).

Perante tantos e tão poderosos meios, ocorre perguntar de onde vem esse colossal “combustível” que faculta tanto poder a esses magos, considerando que todas as manifestações físicas ou extrafísicas carecem de energia e, neste caso, de tão descomunal quantidade?

Na realidade, não faltam generosos doadores energéticos, pelo que os Magos Negros dispõem de farta abundância desses recursos, os quais são produzidos diariamente por uma humanidade insensata que não se cansa de os gerar com pensamentos e atos maldosos. Se estes magos deixassem de ser nutridos por tanta energia deletéria, o seu poder se extinguiria como pó, tal como o despotismo de um tirano quando derrubado do trono.

Como isso não sucede e nem será nas próximas gerações que o mal se erradicará deste mundo, o potencial risco de sermos afetados pelos Magos Negros e seus acólitos parece elevado. Esse perigo em larga escala, felizmente, não existe, porque o mal não dispõe de poder tão incomensurável graças à infinita misericórdia de Deus, que não permite que tais criaturas possam atingir a humanidade no seu todo e, muito menos, os corações inocentes. Na verdade, os espíritos malignos «falham completamente perante um espírito puro e reto, nada podendo contra qualquer indivíduo que jamais tenha acalentado em si semelhantes tendências criminosas», conforme nos tranquiliza Charles Leadbeater.

Por outro lado, a ação benfeitora dos Espíritos de Luz e dos Guardiões – excelsos representantes do Criador na luta contra o mal – tem permitido o resgate e a salvação de milhões de almas que seriam presa fácil desses marginais.

Essas falanges do bem não desempenham apenas o louvável papel de conselheiros de encarnados e desencarnados, mas também executam verdadeiras ações de combate contra os redutos onde se acoitam as criaturas trevosas, dismantelando esses antros e capturando espíritos transviados que são conduzidos para campos de reeducação, onde serão doutrinados.

No entanto, a melhor proteção contra as forças do mal é feita pelo próprio indivíduo, se este se acautelar, alimentando bons sentimentos, ser caridoso com os seus semelhantes e ter fé em Deus, apelando à Sua divina misericórdia.

Reproduzimos de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, a resposta de um Espírito de Luz quando se lhe perguntou como se poderia neutralizar a influência dos espíritos maus: «Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejam ter sobre vós». Seguidamente aconselha que nos mantenhamos vigilantes, não alimentando maus pensamentos «que sopram a discórdia entre [vocês e] insuflam as paixões más» e para desconfiar «especialmente dos [espíritos] que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus (...) vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” ».

Quiumbas

Já nos referimos a estes seres atrasadíssimos, os Quiumbas, também conhecidos como Kiumbas. É um termo usado por algumas religiões espiritualistas e que engloba todo o tipo de marginais desencarnados que agem com extrema maldade. Muitos estão organizados em moldes militares, formando verdadeiras falanges do mal, lideradas por chefes astutos e implacáveis.

É habitual receberem oferendas com sangue para procederem a trabalhos de amarração, obsessão e outras práticas malignas, pelo que estes celerados são muito perigosos. Há pessoas que, impelidas por paixões inferiores, pactuam com estas criaturas para atingirem os seus fins – obviamente censuráveis –, firmando o que se costuma dizer de um “pacto com o diabo”, acordo que todo o Quiumba aceita com prazer. É uma tolice de grande ingenuidade, pois ficam presos a um contrato de que dificilmente se livrarão...

Os Quiumbas, como bandos militarizados, constituem uma vasta população de desencarnados das regiões mais sombrias do Astral e incluem nos seus efetivos toda a escória humana que viveu e cometeu delitos graves no mundo terrestre, como assassinos, violadores e sádicos, entre outros facínoras. Se uns têm um histórico de crimes verdadeiramente aterrador, outros, embora igualmente prevaricadores, têm menos culpas no cartório. Mas todos eles, por ofensa às Leis Divinas, são enviados para esses planos inferiores de expiação – como o Umbral – onde, por maiores ou menores períodos de tempo, aí se manterão cativos.

Alguns, por serem muito inteligentes e profundamente versados em magia negra, possuem imenso poder, um poder por vezes comparável ao dos Magos Negros, conquanto estes antigos sacerdotes pertençam a uma estirpe que tem as suas raízes em escolas iniciáticas de magia e ciências ocultas da Antiguidade.

A atuação dos Quiumbas é feita em todo o lado onde o vício, a maldade e o sofrimento se fazem sentir de forma mais intensa, como nos cemitérios, necrotérios, bares e bordéis. Também os antros onde se pratica magia negra e os lugares onde se verte sangue pela via da dor – como nos matadouros e no sacrifício de animais – são avidamente disputados por bandos de Quiumbas e outros criminosos que, aí chegados, sugam com imenso regozijo os fluidos derramados pela matança de seres inocentes.

Quanto aos cemitérios é necessário lembrar que não são apenas o lugar físico onde se depositam os mortos e se presta homenagem à sua memória. Também são um manancial de energias lúgubres que provêm do sofrimento, desespero e revolta dos que choram a perda dos entes queridos.

Essa amálgama de sentimentos e os fluidos emanados pelos corpos em decomposição formam energias de baixa vibração que atraem todo o tipo de seres trevosos. Enquanto uns se comprazem a perseguir as almas recém-desencarnadas que, por falta de mérito, não têm a proteção dos Guardiões dos cemitérios, outros, como vampiros sedentos, banqueteam-se das emanações pútridas dos cadáveres, como se estivessem num farto festim.

O Espírito André Luiz, na obra “Obreiros da Luz”, psicografada por Chico Xavier, testemunha-nos esse sinistro quadro, ao referir que nos cemitérios «costuma congregar-se compacta fileira de malfeitores, atacando vísceras cadavéricas, para subtrair-lhes resíduos vitais».

Um cemitério, então, não é só um local de paz e de saudosa memória pelos familiares e amigos que partiram. Também é um lugar que pode apresentar riscos desnecessários se não formos prudentes. Deste modo, ao entrarmos num cemitério, procuremos ter o máximo respeito pelos defuntos que aí repousam, pedindo proteção ao nosso Anjo da guarda e licença aos Guardiões do local.

Por aquele que desencarna, devemos sempre orar e nunca condenar, por muito reprovável que tenha sido a sua vida no plano terreno, pedindo a Deus que ilumine esse espírito. Assim procedendo, agimos com caridade cristã e evitamos possíveis maus-encontros.

Pelos atalhos do Umbral

Pecamos por “pensamentos, palavras e obras”... É uma sentença bíblica que traduz claramente o poder do pensamento, pois é através dele que se geram os sentimentos que dão vida, forma e movimento às ideias, palavras e atos. Na verdade, é tudo uma questão de energia e essa energia, mesmo que não passe de um simples ato mental – sem se manifestar de outra forma –, já por si, produz um sentimento.

Se a energia é positiva – benéfica – a sua vibração é sutil, pelo que ascende a planos mais elevados, onde se agrupa por afinidade nos ambientes de idêntica natureza. Se, pelo contrário, for negativa – maléfica –, torna-se pesada, fato que a conduz aos meios astrais mais densos, com os quais partilha o mesmo padrão vibratório.

Pensamentos e sentimentos propagam-se a uma velocidade alucinante, havendo poucas barreiras que os possam deter, nomeadamente na esfera astral. Assim, quando pensamos em algo de bom ou de mau, geramos automaticamente um sentimento que, na forma de energia, se dirige para o meio vibratório que lhe é próprio. Para que essa energia se mantenha ativa é necessário que seja alimentada pelo mesmo tipo de sentimento que esteve na sua origem, de contrário extingue-se por inanição (este tema é desenvolvido mais adiante, na rubrica Formas-pensamento).

Logo, é pela força do pensamento que podemos atrair energias boas ou más e, naturalmente, seres espirituais, que tanto podem ser benignos, como malignos, tudo dependendo da natureza dos nossos sentimentos. Não é por acaso que a maioria das religiões reconhece nos maus pensamentos a principal razão para atrair tudo o que há de perverso e, até, de demoníaco.

Falar-se do demónio, por exemplo, para muitos cristãos já é chamar o maligno, pois, segundo acreditam, se o capeta for invocado, de pronto comparece.

Mas não são as preces satânicas, as sinistras cerimónias de velas negras, os rituais de sangue e crucifixos invertidos, entre outras parafernâlias dantescas que atraem o Anjo das trevas? Claro que sim, se esses símbolos estiverem impregnados de sentimentos nefastos, ou seja, se forem imantados pela energia de pensamentos e más intenções. Sem essa energia, ou seja, sem a força motriz do pensamento, esses artefatos não passariam de inútil encenação.

O demónio, longe da imagem mitológica que dele fazem, não é mais do que um desencarnado com elevado défice cármico. Mas, como se trata de um ser perverso e manhoso, gosta de assumir esse perfil junto dos adeptos – para se impor – ou, simplesmente, para se divertir com o terror que provoca nos mais assustadiços. Chifres, pés de cabra, tridentes e outras vestimentas são meras artimanhas fluídicas, criadas pela plasticidade do perispírito ou, simplesmente, ilusões induzidas na mente das pobres vítimas. De qualquer forma, essa imagem do demo é muito apreciada pelos Quiumbas, que dela se servem para um melhor desempenho das suas atividades maléficas, considerando o pavor que o demónio inspira à maioria das pessoas.

Se o diabo não existe, já um Quiumba – devido ao seu enorme atraso moral – comporta-se como um verdadeiro demónio, sendo muito mais perigoso que o mafarrico, porque se este é de ficção, o outro é bastante real.

Então, invocar esses seres, é abrir as portas aos malfeitores do Umbral, sendo que essa invocação não carece de cenas de grande aparato, como vimos. Basta a força do pensamento, o desejo do mal, fato tantas vezes provocado pela malvadez e imprudência dos encarnados. Se uns o fazem conscientemente, outros fazem-no de forma inconsciente, por ignorância ou estupidez ...

São esses pensamentos iníquos que produzem energias semelhantes às da atmosfera psíquica do baixo astral, fato que estabelece imediata conexão entre o foco emissor – o seu autor – e o receptor, neste caso, toda a escória de marginais. Essa conexão, quando forte, cria uma passagem multidimensional – um atalho astral – que permite o livre acesso das criaturas umbralinas às regiões superiores, por onde se movimentam para a prática do mal.

Se a força do pensamento permite a todo o encarnado invocar e criar ligações com o submundo dos espíritos inferiores, da mesma forma, o praguejar desatinado e imprudente de quem está sempre a xingar também é um claro convite para receber esses visitantes indesejáveis ...

Um caso de obsessão

Extremamente arditos, alguns Quiumbas mais afoitos conseguem passar-se por Exus e outras entidades respeitáveis, quando a vaidade e a ganância dos encarnados lhes facilita o campo, como é o triste caso de alguns médiuns e dirigentes espirituais pouco escrupulosos. Ao se deixarem enganar pela astúcia dessas criaturas, acabam por ser facilmente obsidiados, já que os verdadeiros Guias e Guardiões deixam de os proteger.

Os Quiumbas, como dizíamos, são pródigos nas artes da obsessão, quer perseguindo as suas vítimas, quer aliciando os incautos que se deixam levar por sentimentos fúteis, como a vaidade. Na obra “Umbanda sem Medo”, Claudio Zeus conta-nos um caso de obsessão em que existe claro consentimento da pessoa obsidiada em ser dominada por um obsessor – apenas por tola vaidade – e que ocorreu num centro espírita kardecista, como podia ter sido noutra qualquer.

O referido autor, presente nesse centro, refere que numa dessas reuniões, uma frequentadora levou «uma amiga que passava por grandes perturbações emotivas. Médiun não preparado, ela recebia em casa uma entidade do tipo “luminar” que [era] poliglota! Paralelamente a isso, sua vida era um inferno! Problemas, problemas e mais problemas!».

Na sequência dos trabalhos, descobriu-se que essa entidade era o seu obsessor e que «queria a senhora só para ele (...), tentou-se convencê-lo de que estava errado (se apresentava como homem) em se meter na vida material dessa senhora e decidindo sobre o que ela poderia fazer ou não, ou com quem poderia estar ou não».

Seguidamente, Claudio Zeus, comenta que «o fato [da senhora] dar incorporação

a uma entidade poliglota, de uma certa forma preenchia o [seu] Ego, pois (...) o fato de se sentir “aquinhoadada pelos deuses” (...) e o provável sucesso que fazia quando atuava, alimentava-lhe a vaidade, fazendo crescer mais e mais os elos que os prendiam (entidade espiritual e ser encarnado)».

É uma tarefa quase impossível «tentar convencer alguém que a razão de seus problemas é justamente o que acha ser o melhor de sua vida», pois «não acredita!». A senhora «foi orientada [para] não dar seguimento às incorporações» e para retornar na semana seguinte.

Uma semana depois, a amiga da referida senhora apareceu «trazendo a notícia de que a tal entidade, estando incorporada (ela não acreditou e por isso não obedeceu), fez com que a senhora se atirasse pela janela do edifício onde morava», matando-a.

O autor termina o artigo, informando que «qualquer obsessora (...) se tem em mente dominar uma pessoa, vai facilitar-lhe sempre aquilo que ela ache que mais precisa – neste caso a admiração de tantos quanto cercavam essa senhora. É desse modo que ele ganha confiança [e] vai conseguindo aos poucos estreitar os laços que o unem ao ser encarnado até chegar ao ponto» onde quer chegar.

Os suicidas

Os infelizes que por desespero põem termo à vida não fazem a mínima ideia daquilo que os espera. Se o imaginassem, jamais cometeriam gesto tão tresloucado. De fato, em vez de encontrarem refúgio da dor que os atormenta – tantas vezes empolada por motivos fúteis – vão sofrer atrocemente por um ato, cuja irreversibilidade, acarreta gravíssimas consequências. Na realidade, não existe fuga nem libertação no suicídio, mas a pior sujeição.

Segundo o Espírito Emmanuel, imediatamente a seguir ao desencarne, «a primeira decepção que os aguarda é a realidade da vida que se não extingue com as transições da morte do corpo físico, vida essa agravada por tormentos pavorosos, (...) suicidas há que continuam experimentando os padecimentos físicos da última hora terrestre, em seu corpo, (...) anos a fio». ¹⁹

O maior sofrimento, ainda de acordo com o referido espírito, é o suicida «acompanhar, minuto a minuto, o processo da decomposição do corpo abandonado no seio da terra», adiantando, a seguir, que «de todos os desvios da vida humana o suicídio é, talvez, o maior deles pela sua característica de falso heroísmo, de negação absoluta da lei do amor e de suprema rebeldia à vontade de Deus, cuja justiça nunca se fez sentir, junto dos homens, sem a luz da misericórdia».

Embora se reconheça, conforme refere Kardec, que nem sempre é «voluntário o suicídio e que o louco que se mata não sabe o que faz» ²⁰, excluindo esses casos excepcionais, o indivíduo que põe termo à vida, vai penar nas regiões mais sombrias do Astral, onde padecerá horríveis tormentos. Nessas regiões, devido à similitude de situações, esses infelizes concentram-se num lugar conhecido por vale dos suicidas, onde formam uma multidão de seres sofrendores, despedaçados pela dor e pelos remorsos.

O suicida, quando lhe for dada oportunidade de terminar esse cativo, ingressará numa nova encarnação. Aí, será de novo colocado à prova, sendo que a tentação do suicídio lhe surgirá novamente no decurso dessa vida. Naturalmente que alguns sucumbirão a essa provação, mas outros conseguirão superá-la e avançar na senda do progresso.

Nem todas as almas que padecem nestas regiões são suicidas conscientes, ou seja, jamais intentaram pôr cobro à vida. No entanto, apesar de não o terem feito, incorreram sob outras formas em vícios ou atos de inútil temeridade que, inevitavelmente, encurtaram os propósitos de vida que lhes estavam destinados. Estes desencarnados são considerados suicidas inconscientes, pelo que poderão ter um tratamento semelhante ao dos suicidas conscientes, provavelmente com menor tempo de penitência e, talvez, menos sofrimento.

Uma outra forma igualmente tida como suicídio inconsciente relaciona-se com a força do pensamento e das palavras. Estar sempre a reclamar da vida, desejar morrer e alimentar outros pensamentos igualmente mórbidos, acaba por atrair a própria morte, arriscando-se o indivíduo que assim procede, a ter o mesmo destino dos suicidas conscientes.

Déspotas e assassinos

Nas desoladas regiões do Umbral tudo se assemelha à visão dantesca que se tem do Inferno. Por mais rebelde e velhaco que um espírito possa ser, outros bem piores e mais poderosos encontrará pela frente, podendo transformar a sua vida numa incessante tortura. Muitas das criaturas desterradas nesse mundo tenebroso passam a viver sob o jugo férreo dos Magos Negros e dos Quiumbas, entre outros opressores.

Alguns deles, tomados de pura alienação, autointitulam-se de justiceiros, como se fossem uma espécie de cavaleiros andantes das trevas. Na verdade, não passam de bandos de marginais que assumem essa designação para supostamente legitimarem os seus instintos de ódio e de vingança contra tudo e contra todos, perseguindo e torturando outros espíritos tão criminosos como eles.

A população de sofredores nas regiões umbralinas é muito elevada e o pior pesadelo, como sabemos, é a crença geral de que esse castigo é por toda a eternidade. Na realidade, o castigo nunca é eterno, graças à infinita bondade do nosso Criador, que apenas deseja que esses transviados se redimam e venham a ganhar progresso moral.

Nesse “vale de sombras” – nome usado pelo Espírito Pai Joaquim de Angola quando se referiu a essa região trevosa – as condições de vida são extremamente penosas para as almas aí cativas. Desde cruéis assassinos a tiranos, terroristas e toda a casta de malandros que se caracterizaram pela bestialidade, por aí vegetam, como turbas de infelizes, num mundo desolado, escuro e triste, como num terrífico pesadelo sem réstias de esperança.

Há condenados que, devido a uma anterior existência cheia de prepotência e

arrogância, recusam-se a aceitar o mal que provocaram, não se arrependendo. Enquanto persistirem nesse orgulho obstinado, o castigo será a recordação persistente e dolorosa do poder que desfrutaram no passado, em comparação com a sua situação atual – triste e insignificante. Essa humilhação é-lhes bastante penosa.

Transcrevemos dois casos relatados por Allan Kardec na “Revista Espírita” quando, em situações diferentes, se solicitou a presença dos espíritos de um soberano e de uma rainha.

Atente-se na soberba daquele que foi rei, ao invetivar os presentes num círculo espírita: «Credes (...) que se fosse voluntariamente, viria aqui, nesta casa de negociantes, em que talvez um dos meus súbditos não gostaria de morar? Eu não vos respondo; isso me lembra meu reino onde era tão feliz; eu tinha autoridade sobre todas as minhas gentes, agora é necessário que eu seja submisso».

Conquanto continue arrogante, o antigo monarca reconhece com bastante mágoa que já não tem nenhum poder e que ainda se vê obrigado a obedecer, o que para ele constitui o supremo vexame.

O segundo caso reporta-se a uma rainha que, quando encarnada, decerto não primou pela bondade. Sendo invocada, manteve o mesmo perfil altivo e impiedoso, embora admitisse com indisfarçável desgosto ter perdido a autoridade de outrora, conforme veio a confessar: «Não me interrogueis mais, pois me aborreceis; se tivesse ainda o poder que tive na Terra, vos faria muito se arrependerem, mas zombais de mim, da minha miséria, agora que não posso nada sobre vós; sou bem infeliz!»

Os reféns do vício

O infeliz que em vida se deixou contaminar por vícios – como o álcool e as drogas – vai enfrentar sérias dificuldades ao desencarnar, devido à dependência química de que não se libertou com a morte física. É provável, então, que fique a vaguar pelas regiões inferiores do astral, onde irá sofrer pela privação dos falsos prazeres a que se viciou quando vivia no mundo terrestre.

Na ânsia de saciar o vício, esse espírito só o fará quando se apropriar mentalmente de uma criatura viva que tenha idênticas preferências, da qual se servirá como um parasita que vive à custa do hospedeiro. Sustentando-se das mesmas sensações que essas substâncias provocam no encarnado viciado, o espírito induzirá a vítima a mergulhar cada vez mais no seu consumo, tanto mais que, como desencarnado, não corre riscos de doenças ou de perseguição policial, visto não pertencer ao plano físico.

Devido à sua insaciabilidade e exigindo cada vez mais “alimento”, esse perigoso obsessor arrastará o infeliz viciado a situações crescentemente degradantes e, frequentemente, ao crime e à própria morte. Aí, afasta-se enfastiado, pois o obsidiado deixou de lhe ser útil, pelo que, a partir dessa altura, apenas se preocupa em achar rapidamente um novo fornecedor que satisfaça as suas insaciáveis necessidades.

A vítima, entretanto, porque não se libertou da dependência química que a condenou – e, tantas vezes, à família que martirizou – irá muito provavelmente transformar-se num futuro obsessor, pelas mesmas razões que atraíram o anterior. Por esse fato, a população destes infelizes é cada vez maior, tal como numa epidemia em que a doença se propaga por contágio.

Esses espíritos doentes quando recolhidos pelas equipas de socorro são internados em centros de recuperação e de formação doutrinária. Posteriormente, reencarnam em novos projetos de vida, onde, quase certamente, terão de enfrentar situações relacionadas com o mesmo tipo de desvios que os condenaram no passado.

Devido ao pungente quadro dos reféns do vício, é particularmente triste quando temos de lidar com desencarnados que padecem desse mal, como foi o que sucedeu numa sessão espírita de desobsessão, quando um médium incorporou um dependente químico. Tratava-se de um alcoólatra.

O espírito, ao incorporar, implorou de imediato por bebida, curvando-se para a frente e para trás, dobrado pela dor e arfando com dificuldade. Não era agressivo, mas encontrava-se muito agitado, não apresentando lucidez no seu discurso, que se limitava a frases soltas, entremeadas de soluços e gemidos. Era patente o seu sofrimento. A respiração era ofegante, o corpo tremia com arrepios frios e o infeliz sugava o ar repetidas vezes, como uma cria que procura avidamente o mamilo materno. Parecia que tragava goles de ar, nessa sôfrega e inútil busca...

Este espírito tinha sofrido um desmame da bebida, ao ser bruscamente retirado do encarnado que obsidiava. Procurei consolar o sofrimento dessa pobre alma até ser encaminhada para um centro de recuperação no Astral.

Tratava-se de um obsessor que vampirizava um indivíduo alcoólatra, o qual se estava a transformar, cada vez mais, num farrapo humano. A cura deste irmão encarnado foi um processo difícil – dada a sua natureza rebelde e mais de vinte anos de apego ao álcool –, mas teve um final feliz, graças ao intenso e paciente trabalho promovido pelos maravilhosos Espíritos de Luz que nos ajudaram.

O obsessor recolhido e os demais obsessores que se lhe seguiram, até à definitiva cura do obsidiado, na realidade, não eram responsáveis pela sua dependência, apenas incrementavam-na – como oportunistas –, aproveitando-se dessa fraqueza da vítima para se nutrirem do mesmo alimento.

Não restam dúvidas de que um indivíduo viciado tem uma vida mais dolorosa na situação de desencarnado do que como encarnado, não apenas pelo elevado risco de ficar cativo nas regiões umbralinas, como também pela acrescida dificuldade em arranjar “doadores” disponíveis, já que a competição no baixo astral é tremenda.

Os casos de obsessão, sem quaisquer vínculos cármicos com o obsidiado, como o que acabámos de referir, são designados por alguns autores como formas de assédio espiritual, em que o assediador, por circunstâncias ocasionais, como a satisfação de um vício, se acopla a um indivíduo que também é dependente das mesmas substâncias químicas.

Esse tipo de assédio não se esgota apenas no quadro de dependências químicas, mas abrange todo o tipo de apegos excessivos, quando existe clara sintonia entre encarnado e desencarnado, como o irrefreável vício do jogo ou uma vida entregue a depravada luxúria, como veremos a seguir.

Obsessores sexuais

Um tipo de obsessão bastante comum é o assédio sexual provocado por espíritos de baixa vibração, que se acoplam como vampiros energéticos nos encarnados excessivamente libidinosos. Allan Kardec, na obra “O Livro dos Médiuns”, comenta que esses espíritos inferiores «pensam e agem como se ainda estivessem na vida física, tendo os mesmos desejos e quase poderíamos dizer a mesma sensualidade».

Esses fatos não se reportam apenas aos indivíduos que, depois de desencarnar, continuam ligados por fortes vínculos sexuais a um encarnado, como um ex-amante, por exemplo. São igualmente frequentes os relacionamentos ocasionais, ou seja, com pessoas desconhecidas, bastando haver afinidade nesse tipo de sensações físicas e, quase sempre, permissão do obsidiado, nem que seja de forma inconsciente, como nos sonhos eróticos.

O teósofo Charles Leadbeater, no livro “O Plano Astral”, levanta a questão dos íncubos e súcubos da Idade Média, os chamados «demónios da embriaguez, da gula, da luxúria e da avareza (...) cujas vítimas são incitadas por eles, com uma alegria cínica, a cometerem os piores crimes». Adianta, ainda, que o sofrimento desses espíritos é geralmente «horrível pelo fato de, conservando vivos os grosseiros apetites que os dominaram na terra, lhes é impossível agora satisfazê-los, exceto, uma vez por outra, quando conseguem apoderar-se de uma criatura viva, com vícios iguais aos seus, e obcecá-la completamente».

A crença dos íncubos e súcubos – demónios sexuais nas versões masculina e feminina, respetivamente – povoaram durante séculos o imaginário popular de muitas regiões da Europa medieval. As gestações de origem misteriosa – sem paternidade conhecida – serviam muitas vezes para encobrir o verdadeiro culpado, dado que a responsabilidade dessa gravidez era atribuída aos íncubos, fato que permitia à gestante e à sua família resguardarem-se de uma situação

social muito constrangedora.

Na realidade, essas espécies de sátiros foram o bode expiatório de muitos incestos – de donzelas engravidadas pelos pais – e de infidelidades conjugais – quando os maridos regressavam de longas campanhas militares e se davam conta de que tinham ganho mais um descendente...

As crianças nascidas nessas condições ou que apresentassem qualquer tipo de deficiência eram suspeitas de serem filhas de um incubo. Nessa época, considerada por muitos historiadores como a “idade das trevas”, tudo que fosse estranho ou incompreensível era visto como bruxaria ou obra demoníaca. Conseqüentemente, quando uma gravidez inexplicável ocorria no seio de uma respeitável família, a responsabilidade quase sempre recaía sobre essas criaturas sequiosas de sexo – os incubos – que, pela calada da noite, violavam as pobres vítimas. Era frequente, então, os pais ou os maridos recorrerem aos bons ofícios dos padres das vilas e aldeolas que, mediante práticas exorcistas, extirpavam o suposto demo das mulheres possesas.

Os termos incubos e súcubos, na realidade, referem-se a obsessores sexuais que, antes de desencarnarem, foram indivíduos profundamente apegados à volúpia da carne, nomeadamente a todo o tipo de perversão sexual. Podem atuar através dos sonhos ou obsidiando diretamente um homem ou uma mulher que, com eles, apresenta afinidade.

O famoso investigador espírita Hernani Andrade, num artigo publicado pela “Folha Espírita”, refere um caso muito curioso de obsessão sexual. Após várias tentativas de assédio sexual, uma jovem acabou por ser subjugada por um incubo. Durante algum tempo essa mulher serviu os intentos desse obsessor, até que se conseguiu libertar, a partir do momento em que ganhou um maior desenvolvimento mediúnico no centro espírita que frequentava.

Agora, o que foi um dado intrigante para o referido investigador e, reconhecamos, para todos nós, foi o fato da jovem se ter tornado numa médium dedicada e o íncubo... se ter regenerado, convertendo-se no diligente guia espiritual da mulher que, tempos atrás, era objeto do seu assédio.

Que insondáveis mistérios poderão estar por detrás de tão estranha ligação e, sobretudo, dessa transformação imprevisível em que um espírito obsessor se converte numa entidade do bem? É uma pergunta que fica sem resposta...

Outras questões que não têm resposta, pelo menos para o nosso conhecimento, são as relacionadas com o relato de pessoas que asseguram ter relacionamentos sexuais – físicos, entenda-se – com companheiros que já morreram.

Tivemos oportunidade de conhecer um desses casos com uma mulher que enviuvara recentemente e que garantia manter relações regulares com o falecido marido, tal como se ele ainda estivesse vivo. Essa mulher não apresentava comportamentos de pessoa desequilibrada, nem parecia ser mistificadora. A ser verdade, é como se o corpo astral do desencarnado se materializasse nessas invulgares circunstâncias e tivesse tangibilidade para a concretização desse ato.

De qualquer forma, a referida senhora foi aconselhada a não alimentar esse relacionamento e a recorrer a um bom centro espírita – kardecista ou umbandista. Uma situação dessas em nada contribui para a elevação do falecido, nem para ela, pois é uma relação contranatura, de um espírito ignorante que persiste em viver no limbo da ilusão e dar largas aos seus instintos carnis num plano que já não lhe pertence.

Parasitismo ovoide

Uma forma de vampirismo pouco conhecida, mas de efeitos devastadores, é o parasitismo de ovoides, fenómeno provocado por indivíduos que alimentam incessantemente os mesmos sentimentos, sejam eles de profundo ódio ou de obcecado apego.

Ao desencarnar, transportam essa fixação doentia para o plano astral, provocando o definhamento do perispírito que, perdendo a forma humana, se vai contraindo até ficar reduzido a um pequeno corpo de aparência oval – o ovoide.

O Espírito André Luiz, na obra “Evolução em Dois Mundos”, psicografada por Chico Xavier, explica que a transmutação do corpo astral desses infelizes se deve à ideia fixa de quererem fazer «justiça pelas próprias mãos ou [viverem] confiados a vicioso apego». Quando desencarnados «envolvem sutilmente aqueles que se lhes fazem objeto da calculada atenção e, auto-hipnotizados por imagens de afetividade ou desforço, infinitamente repetidas por eles próprios, acabam em deplorável fixação monoideística (ficam obcecados por uma só ideia), fora das noções de espaço e tempo, acusando, passo a passo, enormes transformações na morfologia do veículo espiritual (...), assemelham-se a ovoides, vinculados às próprias vítimas».

Sentimentos de extremo ódio constantemente alimentado e apegos exacerbados por alguém ou alguma coisa – numa fixação doentia – estão muitas vezes na origem de monstruosas transmutações no corpo astral.

Segundo Gilson Teixeira Freire, médium e médico homeopático, na obra “Ícaro Redimido” por si psicografada, «o ovoide é uma verdadeira regressão biológica (...) [em que] a configuração humana se contrai inicialmente (...) até que se

estaciona em sua forma final, assemelhando-se a uma mórula embrionária agigantada, pois guarda dimensões que variam entre as de uma laranja e as de um crânio de recém-nascido. A alta densidade da psicofera (aura) envolve-o em uma névoa, tornando-lhe os contornos imprecisos e emprestando-lhe um aspeto gelatinoso (...) Quando não tem um hospedeiro, o ovoide verte uma secreção pegajosa, que o ajuda a fixar-se em qualquer superfície em que esteja. Através de uma ventosa ele se alimenta de vibrações».

Mais adiante, o citado autor explica que para ocorrer parasitose é necessário existir «sintonia entre a vítima e o algoz», pelo que há ovoides tão intimamente acoplados aos hospedeiros desencarnados, que reencarnam juntamente com eles, provocando-lhes grandes danos, sendo que nos planos trevosos esses parasitas «são temidos e usados como verdadeiras armas de persuasão por espíritos com intenção de domínio, que podem aplicá-los tanto em encarnados quanto em desencarnados».

Finalmente, Gilson Freire esclarece que esses infelizes seres transmutados em ovoides, quando em tratamento espiritual, são alvo dos melhores cuidados por parte de médiuns e entidades espirituais, graças à misericórdia de Deus, que a nenhum dos seus filhos abandona.

Os ovoides são frequentemente usados pelos Magos Negros e outros seres umbralinos – como os obsessores – para flagelar as suas vítimas, sendo que esses parasitas se agarram a elas como vampiros sedentos de energia. Sob a ação persistente dos ovoides, o corpo espiritual dos hospedeiros vai perdendo as suas resistências, até soçobrar e ficar à mercê desses agentes trevosos.

Instalada a parasitose pela via astral, os obsessores passam a dominar o encarnado, incutindo-lhe todo o tipo de sensações, obviamente nocivas, além de atuarem no corpo físico, provocando-lhe insanáveis danos, nomeadamente no cérebro. A par dessa ação demolidora, prossegue a intensa atividade dos ovoides que, como máquinas incansáveis, continuam a sugar o obsidiado, debilitando-o

cada vez mais.

Quando se torna possível libertar o hospedeiro desses mortíferos parasitas – mediante a extração dos ovoides do corpo astral da vítima – é provável que no corpo físico possam subsistir lesões irreparáveis. Nestas situações, só haverá recuperação do indivíduo pela via da reencarnação, ao desencarnar e reingressar num novo corpo físico.

A melhor forma de nos precavermos e evitar todo o tipo de intrusões do baixo astral – obsessores, ovoides, etc. – é assumirmos uma postura de higiene espiritual irrepreensível.

O Espírito André Luís, na citada obra “Evolução em Dois Mundos”, oferece-nos preciosa informação de como lidar preventivamente contra este tipo de parasitismo, assim como de qualquer outra influência maligna.

Adverte-nos, porém, que todos os sofrimentos a que estamos sujeitos inserem-se na lei de ação e reação – a lei do carma – que «a cada um confere hoje o equilíbrio ou desequilíbrio por suas obras de ontem», pelo que um obsessor é, regra geral, um “cobrador” que vem do passado, alguém que se sente injustiçado e quer desferrar-se relativamente a algo que lhe fizemos numa qualquer vida anterior.

Sobre como lidar com esse tipo de situação, André Luís defende que se a medicina tem meios terapêuticos contra o parasitismo no corpo físico, também «qualquer criatura encontra, na aplicação viva do bem, eficiente remédio contra o parasitismo da alma. Não bastará, porém, a palavra que ajude e a oração que ilumina». É necessário que a vítima do obsessor reveja os seus próprios erros e pratique o «amor puro aos semelhantes, com educação e sublimação de si mesmo, porque só o exemplo é suficientemente forte para renovar e reajustar».

A prática do bem «produz vigorosos fatores de transformação sobre aqueles que nos observam», sobretudo os desencarnados que nos perseguem espiritualmente. Como «as nossas demonstrações de fraternidade inspiram nos outros pensamentos edificantes e amigos», esse comportamento acaba por modificar «nos desafetos mais acirrados, qualquer disposição hostil a nosso respeito».

Procedendo dessa forma, diz-nos André Luís, não é necessário «aguardar reencarnações futuras, entretecidas de dor e lágrimas, em ligações expiatórias, para diligenciar a paz com os inimigos trazidos do pretérito, porque, pelo devotamento ao próximo e pela humildade realmente praticada e sentida, é possível valorizar nossa frase e santificar nossa prece, atraindo simpatias valiosas, com intervenções providenciais, em nosso favor».

Deste modo, reparando-nos «para o melhor, os nossos adversários igualmente se desarmam para o mal, compreendendo, por fim, que só o bem será, perante Deus, o nosso caminho de liberdade e vida».

Os egoístas

Num grau inferior de faltas graves, mas que engloba considerável número de sofregedores, estão aqueles que em vida não praticaram o mal, mas também não praticaram o bem, mostrando-se indiferentes às necessidades alheias. São os egoístas, indivíduos que apenas se preocuparam com eles próprios, colocando os seus interesses acima de tudo e de todos.

Alguns deles conseguiram ser ainda mais individualistas que os tradicionais egoístas, como os egocêntricos e os narcisistas, que viveram exclusivamente para alimentar o seu insaciável Ego, cada vez mais exigente nos seus fúteis caprichos.

Pessoas como estas, afinal, que desempenho útil tiveram na sua vida carnal? Ganharam virtudes, resgataram carmas, foram caridosas e humildes? Decerto que não.

Todo o egoísta tem um comportamento condenável, porque «não fazer o bem já é um mal»²¹ em si. Sendo a caridade um atributo requerido para a evolução do espírito, uma existência desperdiçada de forma egoísta – apenas virada para a satisfação de si próprio –, sem nutrir quaisquer sentimentos de amor e de generosidade para com os semelhantes, quando essas oportunidades se foram proporcionando ao longo da vida, é negar o princípio divino da fraternidade.

Segundo o espírito Pai João de Aruanda, no livro “Legião”, de Robson Pinheiro, os egoístas, como forma de expiação, «misturam-se com a multidão de seres e confundem-se com os Quiumbas, arrastando-se por entre a turba de marginais do astral», porque em vida «não assumiram uma posição clara e resoluta».

Seres não-humanos

ANJOS E SERES ANGELICAIS

Os Anjos – designação que, num sentido amplo, contempla todos os seres angelicais – são maravilhosas entidades celestiais que representam o mais elevado sistema evolutivo criado por Deus.

Verdadeiros assessores das decisões divinas em todos os planos do Universo, os Anjos são seres muito poderosos que estão presentes em todas as religiões.

Mensageiros zelosos das diretivas de Deus, têm bastante influência nas esferas física e extrafísica de todo o Cosmos, havendo grande diversidade de seres angelicais, desde os pequenos construtores de estruturas físico-etéreas, até aos gigantescos Arcanjos, responsáveis por galáxias inteiras. Estas entidades garantem a ordem do Universo – de todos os Universos, melhor dizendo – além de desempenharem um importante papel na evolução da humanidade.

No imaginário popular e em quase todas as manifestações artísticas, os Anjos são seres de imensa formosura, vestidos de túnica branca, apresentando-se muitas vezes com longas asas nas costas e uma auréola em torno da cabeça.

Estes portentosos seres irradiam luz de brilhantíssima alvura, devido à sua resplandecente energia de origem divina. Além de se manifestarem na habitual forma masculina, os Anjos podem vir como inocentes crianças e, numa visão alegórica, com pequenas e graciosas asas, tal como são retratados nas iconografias renascentistas.

Como seres da mais elevada hierarquia espiritual, têm o privilégio de conhecer e

admirar diretamente o Criador, acedendo ao Seu infinito amor e sabedoria, pelo que desfrutam permanentemente da bênção divina, fato que os habilita a ter diversos poderes sobrenaturais como os de operar milagres.

Os Anjos no cristianismo

Os seres angelicais são conhecidos nas religiões cristãs por Serafins, Querubins, Arcanjos e Anjos, entre outras designações, sendo os Serafins a ordem mais elevada.

Os anjos raramente se manifestam aos seres humanos, apenas em situações excepcionais e relacionadas com eventos de grande importância, como na Anunciação, quando o Anjo Gabriel revelou à Virgem Maria que ela iria ser a mãe de Jesus Cristo.

Na Bíblia há diversas alusões sobre anjos que, como mensageiros celestiais, vieram transmitir ao homem avisos, ordens ou recomendações divinas. Outras vezes, conforme nos revela o Antigo Testamento, desceram na Terra para cumprir missões, como a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, nos tempos de Abraão. Das quase trezentas citações de anjos na Bíblia, apenas são identificados os Anjos Miguel, Gabriel e Rafael.

Os anjos não se fizeram anunciar apenas nos tempos bíblicos, na medida em que há vários exemplos contemporâneos, como o Anjo da Paz em 1916, que precedeu as aparições de Nossa Senhora de Fátima aos três pastorinhos.

Os Anjos em outras religiões

Os Anjos apresentam-se com diversas designações e diferentes características, mas a ideia de possuírem imenso poder e de serem representantes divinos é praticamente comum a todas as religiões e doutrinas espiritualistas.

No Hinduísmo e no Budismo são identificados como Devas, embora entre essas religiões haja apreciáveis diferenças; no Islamismo consideram-se diversas ordens de Anjos, sucedendo que o próprio Profeta Maomé foi várias vezes visitado pelo Anjo Gabriel.

No Kardecismo são almas humanas muito evoluídas que, por esse fato, usufruem de prerrogativas idênticas às dos Anjos do cristianismo. Na Umbanda defende-se a existência desses seres angelicais e cultuam-se os Orixás, que são manifestações divinas associadas às forças da Natureza; na Teosofia e no Rosacrucianismo, entre outras correntes espiritualistas, os Anjos são considerados mensageiros de Deus.

O Anjo da guarda

Na tradição cristã, o Anjo da guarda é um protetor angélico, que auxilia e acompanha um indivíduo desde o seu nascimento até ao final da sua existência terrena. Esse ser divino aconselha o protegido a agir cristãmente na longa e perigosa jornada da vida, defendendo-o, também, das investidas do mal.

A crença de um protetor espiritual destinado exclusivamente a cada um de nós é, grosso modo, partilhada por todas as crenças religiosas. No Kardecismo, o Anjo da guarda não é um ser angelical, mas a alma evoluída de uma criatura humana – um Espírito Guia – que, ao se ocupar de um encarnado, também procura ganhar méritos espirituais com esse trabalho de caridade.

Na perspetiva Teosófica, que admite a existência de diversos tipos de seres angelicais, o Anjo da guarda é uma espécie de Elemental ligado ao reino do ar – um Silfos – e que se associa a um ser humano aquando do seu batismo, assumindo-se como seu protetor. Cumprida a missão, o Elemental ascende a Serafim.

Algumas correntes espiritualistas defendem que o Anjo da guarda pode ser, também, uma forma-pensamento. Criado pelo próprio indivíduo, como uma imagem da presença de Deus, esse pensamento converte-se num protetor psíquico muito poderoso se o devoto estiver devidamente concentrado nesse objetivo e, naturalmente, se tiver fé e merecimento.

Na Umbanda não existe propriamente um modelo único de Anjo da guarda. A maioria dos umbandistas defende a sua existência em moldes idênticos aos dos católicos, ou seja, o Anjo da guarda é um ser angelical que, mercê da benignidade de Deus, tem como missão a proteção física e moral de cada um de

nós. Há, também, quem se reveja nas teses kardecistas, identificando o Anjo da guarda como um espírito evoluído que assume a missão de protetor individual.

Finalmente, há quem considera o Anjo da guarda como sendo o Espírito do próprio indivíduo, que aconselha e protege o seu corpo físico, desde que haja mérito da sua parte.

Seja como for, o Anjo da guarda é sempre um aliado divino, um amigo e um protetor indispensável no dia-a-dia de qualquer um de nós.

Nos rituais espiritualistas, a presença do Anjo da guarda ainda é mais necessária, dado que a sua invocação e a oração que lhe é dedicada – com verdadeiro fervor religioso – confere proteção aos médiuns, nomeadamente nas incorporações e nos demais trabalhos mediúnicos.

Os Orixás

Todo o Universo mantém-se ativo e em equilíbrio graças às energias da Natureza, as quais, através de complexas transformações físico-químicas, criam condições adequadas para a formação e manutenção da vida de inúmeros orbes, entre os quais o planeta em que vivemos, a Terra.

Os seres humanos, tal como todas as formas de vida, apoiam-se nas estruturas e energias assim geradas, que são berçários de múltiplos organismos que nascem, vivem e evoluem em milhões de planetas. Associados a esses fenómenos redentores – como um dinâmico laboratório físico/etéreo – ocorre a indispensável intervenção de seres espirituais, responsáveis pelo fornecimento e manipulação do fluido vital.

Esses seres espirituais, imprescindíveis no manuseio das energias multidimensionais, vão desde os pequenos Elementais, aos poderosos Orixás, que são emanções cósmicas de origem divina e que se assemelham, de alguma forma, aos Anjos de outras culturas e religiões. Segundo o investigador Alexandre Cumino²², os Orixás podem ser entendidos «como Anjos, para Deus e para nós, as diferenças são poucas, pois ambos são manifestadores do sagrado e do divino».

Sobre o importante papel dos Orixás no progresso físico e espiritual do ser humano, o Espírito Ramatís explica que essas entidades «propiciam a manifestação do Incriado (Deus) nos planos concretos das formas, interpenetrando e se fazendo sentir por meio dos corpos sutis e chakras dos terrícolas, condição indispensável à evolução da coletividade espiritual retida no Planeta Azul». ²³

Embora a designação Orixá tenha origem em ancestrais cultos africanos, com os seus rituais místicos conceptualizados numa visão antropomórfica – como se essas entidades divinas espelhassem os comportamentos e tendências viciosas do ser humano –, os Orixás na Umbanda não têm nada de comum com semelhantes mitos, obviamente primitivos, mas ainda defendidos nos dias de hoje por algumas pessoas menos esclarecidas.

Sobre esse conceito, profundamente errado, Vovó Maria Conga, na obra “Evolução no Planeta Azul”, comenta que não se pode concordar «com as personalidades agressivas, volúveis, sensuais, vingativas [dos Orixás] (...) que foram utilizadas pela tradição oral (...) dos cultos africanistas mais remotos», acrescentando que nos tempos atuais continua a haver muita gente que tem essa opinião sobre os Orixás.

Mais adiante, o citado Espírito refere que a «manifestação da vida em todo o Universo tem a influência dos Orixás, como se fosse o próprio hálito de Deus (...) [e que os Orixás são] regentes ou senhores das energias em cada Universo dimensional manifestado, mas não [são] as próprias energias».

Sendo vibrações cósmicas de enormíssimo poder, os Orixás jamais descem num terreiro para incorporar, pois nenhum médium resistiria a tão fantástica energia. O que sucede nos terreiros umbandistas é a incorporação de falangeiros, que são espíritos muito puros e que trabalham sob a regência de um determinado Orixá, representando-o.

Seres não-humanos

SERES ENCANTADOS

Os Encantados são entidades misteriosas que se manifestam em praticamente todas as culturas humanas, sendo referidos em muitas lendas de cunho popular.

Não existe, porém, uma gênese que lhes seja comum, pois se há Encantados que nunca tiveram vida física, nem jamais a terão, como os Exús Mirim²⁴, outros há que, estando encarnados – vivos, no sentido lato –, transitaram por encantamento para outra dimensão, sem que para isso tenham perecido em termos carnis, como os Mestres da Jurema²⁵, antigas personalidades ilustres do Catimbó²⁶.

Segundo José Bairrão²⁷, Jurema é «o “mundo espiritual” de onde provêm os Encantados – espíritos muito evoluídos, que não fazem mais parte do processo de reencarnação».

Em países como Portugal e Brasil, os Encantados são considerados seres que vivem nos bosques, nas fontes e lagos, nos céus e nas águas, entre outros lugares. Essa ideia, semelhante em muitos aspetos ao conceito que deles faz a profícua mitologia europeia, pode estabelecer alguma confusão entre Encantados e Elementais. Os Encantados, de fato, podem estabelecer o seu habitat na Natureza – no plano extrafísico, naturalmente –, tal como os Elementais, mas são entidades que pertencem a um grau evolutivo superior e que desempenham um papel muito diferente.

Faremos uma pequena preleção sobre alguns tipos de Encantados, conforme as tradições populares que a eles se referem, uns, mais do ponto de vista etnográfico, como as Mouras Encantadas, outros, porque se inserem num contexto religioso com profundas ligações à Umbanda e à Jurema, entre outras religiões.

As Mouras Encantadas

Na Europa ocidental existem inúmeras lendas sobre as Mouras Encantadas, usualmente consideradas como génios maldosos que têm à sua guarda preciosos tesouros ocultos.

No âmbito da cultura portuguesa, que teve mais de cinco séculos de influência árabe, tem-se uma visão mais favorável sobre estas criaturas, porquanto são vistas como reféns de um sortilégio do qual se querem libertar.

Reza a tradição que as Mouras Encantadas suplicam aos viajantes que vão saciar a sede nas fontes onde estão cativas, que as libertem do encanto, prometendo grandes riquezas a quem quebrar o feitiço. As mouras também aparecem nos rios, poços e cavernas, entre outros locais e, segundo essas lendas, mudam de aparência quando querem.

De acordo com o notável erudito português Leite de Vasconcelos ²⁸, as encantadas «são seres obrigados por oculta força sobrenatural a viverem em certo estado de sítio como que entorpecidos ou adormecidos, enquanto determinada circunstância lhes não quebrar o encanto».

Geralmente esse encanto é obra de um homem – o marido, o pai ou o irmão – sucedendo que apenas os mouros têm o poder de encantar as mouras. Associado a esse sortilégio está a guarda de um tesouro que lhes é confiado. O feitiço, segundo a tradição popular, só pode ser quebrado no dia de São João.

Encantados que nunca encarnaram

São entidades espirituais que apresentam um comportamento tão próprio do ser humano que, para um leigo, se torna difícil acreditar que nunca encarnaram. Na verdade, não tiveram vida carnal nem jamais a terão, processando-se a sua evolução por outros planos que não pelo mundo físico.

Referimo-nos, entre outros, aos Exus Mirim que trabalham nas falanges da Umbanda e que, mercê de características muito peculiares, movimentam-se com extrema facilidade pelas diferentes dimensões do mundo astral – algumas delas inacessíveis a outros espíritos –, fato que os converte em preciosos auxiliares no combate às forças do mal.

A personagem feminina é a graciosa Pombagira Mirim, sendo a falange de mirins masculinos e femininos constituída por espíritos que são ou que se apresentam como adolescentes. Apesar do arquétipo de adolescentes – joviais e brincalhões –, tanto as Pombagiras Mirim, como os Exus Mirins, apresentam admirável sabedoria e maturidade.

Outro grupo de Encantados que cativa pela alegria contagiante e pureza de sentimentos é o das Crianças, também conhecido por Erês, que se manifestam igualmente nas tendas umbandistas a favor da caridade.

Comportam-se como meninos e meninas de tenra idade, sendo a sua incorporação tão forte e natural que, mesmo um médium habitualmente sisudo, quando incorporado, parece transformar-se numa criança, tal é a energia radiosa e envolvente destes pequenos seres tão carinhosos.

Na realidade, são entidades muito evoluídas, dotadas de grande poder mágico e que, entre brincadeiras e atitudes infantis – como chupar balinhas, rir muito ou brincar com bonecas e carrinhos – realizam nesse ambiente divertido maravilhosos trabalhos de cura e de limpeza psíquica. As Crianças são na sua maioria Encantados, pois nunca encarnaram nem irão encarnar, tal como os Exus Mirim.

Na falange dos Erês também há crianças que vieram do mundo carnal para o plano astral e que aí vivem em colônias onde reina a paz, o amor e a alegria, podendo incorporar como Erês e praticar trabalhos de cura e de caridade.

Humanos que viraram Encantados

Segundo o sociólogo Reginaldo Prandi, na obra “A Dança dos Caboclos”, os Encantados são «espíritos de homens e mulheres que morreram ou então passaram diretamente deste mundo para um mundo mítico, invisível, sem [terem] conhecido a experiência de morrer, [por isso se diz] que se encantaram». Estes seres encantados, quando é solicitada a sua presença, descem nos lugares de culto para auxiliar os Pajés nos trabalhos de prevenção e cura de doenças das populações locais.

Nas regiões do nordeste brasileiro, os Encantados estão intimamente ligados às forças da Natureza, nomeadamente a uma árvore sagrada – a Jurema – que emprestou o seu nome à religião que a inclui no seu ritual. Da casca dessa árvore fabrica-se uma bebida mágica que, através da música, da dança e do transe do médium, conduz ao contato com seres do mundo espiritual. O grande poder da Jurema foi fortemente acrescido pela influência do catolicismo, devido a essa árvore, segundo a tradição, ter servido de refúgio a Jesus Cristo na fuga para o Egito.

É no contexto desta riqueza mística, do sincretismo religioso, da fantástica transmutação do ser humano em Encantado e dos mistérios da manipulação das energias livres e poderosas da Natureza, que proliferam diversos tipos de encantaria, sendo a sua maioria inspirados em cultos xamânicos ²⁹.

Algumas religiões, como a Jurema, dão lugar à manifestação de Encantados que, pela experiência adquirida em pretéritas existências carnavais e pelos conhecimentos mágicos que possuem, realizam curas prodigiosas e aconselham com sabedoria os consulentes que a eles recorrem para resolução dos muitos problemas que os afetam.

Esses Encantados são os Mestres da Jurema que, quando viviam num corpo físico, tiveram um encantamento que os levou, como que por milagre, para o mundo espiritual – a Jurema –, onde vivem atualmente como Encantados e de onde saem para incorporar e atender o público.

Seres não-humanos

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Também conhecidos por Elementais, os Espíritos da Natureza são seres astrais dotados de individualidade e inteligência, e que desempenham um papel de extrema importância na dinamização das energias físico/etéricas e na construção organizada dos elementos naturais.

Desde épocas remotas que os Elementais são conhecidos por povos de diferentes culturas – como nas antigas civilizações orientais, egípcia e grega, entre outras –, tendo entrado no imaginário popular como divindades da Natureza, pelo que são venerados em muitas religiões e cultos animistas.

Numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, foi colocada esta questão a um Espírito de Luz: «A mitologia dos antigos [acreditava que havia espíritos] encarregados dos ventos, outros do raio, outros de presidir ao fenómeno da vegetação, etc. Semelhante crença é totalmente destituída de fundamento?», ao que esse sábio espírito respondeu: «Tão pouco destituída é de fundamento, que ainda está muito aquém da verdade».

De fato, os Elementais – pois é a eles que o espírito se refere – atuam sobre todos esses fenómenos e em muitos outros, cujo conhecimento não era permitido saber ou divulgar na época de Kardec, nomeadamente no contexto dos trabalhos do ilustre codificador da doutrina espírita.

Esses seres maravilhosos vivem nos quatro reinos da Natureza, mas em dimensões que nos são inacessíveis, embora haja raros casos de serem vistos por seres humanos.

Desses habitats que lhes são próprios, têm a capacidade de sair e intervir no mundo físico, como na gênese dos seres vivos, na intensidade das chuvas e dos ventos, na formação de rochas e cristais, na força das correntes oceânicas, enfim, em todos os fenômenos mecânicos e naturais que, além das causas físicas e químicas do nosso plano material e que lhes estão subjacentes, carecem do concurso vital das energias fluídicas das regiões astrais que esses seres recolhem e manipulam com maestria.

Os Elementais também são poderosos agentes das entidades espirituais que os utilizam para inúmeras tarefas, como nos trabalhos preparatórios de uma tenda umbandista, conforme nos revela o Espírito Ramatís: «Do lado astral, as falanges de trabalhadores já haviam chegado muito tempo antes dos médiuns e preparado o ambiente fluidicamente. Uma varredura energética havia sido feita pelos Elementais (...) fazendo toda a matéria astralina densa que ali se encontrava ser transmutada, permitindo a chegada dos espíritos trabalhadores»³⁰.

Há diversas espécies de Espíritos da Natureza, mas nenhum deles pode viver no ambiente etéreo de outra classe de Elementais. O médico e alquimista Paracelso (1493-1541) ³¹, na sua obra “Philosophia Occulta”, revela que «o Elemento está para o Elemental, como a atmosfera está para o Homem; como a água para os peixes e nenhum deles sobrevive em elemento pertencente à outra classe. Para o Ser Elemental, o Elemento no qual ele vive é transparente, invisível e respirável, como a atmosfera para nós mesmos».

Ainda de acordo com o referido autor, estas pequenas criaturas apresentam algumas semelhanças com os seres humanos, como o fato de poderem contrair doenças e serem mortais. No entanto, há Espíritos da Natureza que podem alcançar períodos de vida extremamente longos, de três séculos a um milénio – como os Elementais do ar que atingem idades muito avançadas, devido ao pouco ou nulo atrito do habitat em que vivem.

Porque os Elementais são formados por um único elemento, o éter (ou ether) –

considerado neste contexto como fluido cósmico – a velocidade vibracional destes pequenos seres é mais elevada do que a do mundo material. Como os planos físico e extrafísico se permeiam, mas não conflitam entre si – não se chocam – os Elementais não são afetados por agentes físico/químicos, como o fogo, a água, o ar ou qualquer outro elemento ou substância pertencente ao nosso mundo terreno.

Embora vivam em planos diferentes, alguns Elementais têm a capacidade de se materializar no mundo físico, mas costumam evitar o contacto com o homem, por se sentirem perturbados pelas vibrações mais densas dos humanos e pelas suas intenções e condutas viciosas.

No entanto, a influência direta que essas criaturas astrais têm sobre o homem e o importante papel que este desempenha no seu desenvolvimento, é-nos revelada pelo investigador argentino Lívio Vinardi ³², ao considerar que «o Elemental enriquece e potencializa a energia vital do ser humano, dando-lhe o seu elemento; enquanto o ser humano, por sua própria vibração e inteligência, faz o Elemental ficar mais inteligente». Como consequência deste inter-relacionamento – discreto mas profícuo – ocorre uma evolução conjunta, fazendo com que homem e espíritos da Natureza retirem mútuo proveito e se tornem indissociáveis.

O médico e metafísico espanhol Gerard A. Vincent Encausse, mais conhecido nos meios ocultistas por Papus (1865-1916), refere que o atributo mais importante desses seres é «animar instantaneamente as formas de substância astral que se condensa à sua volta». Ainda de acordo com Papus, os Elementais têm um aspeto «variável e estranho, ora são como uma multidão de olhos fixos sobre um indivíduo, ora se apresentam como pequenos pontos fixos e luminosos, rodeados de aura fosforescente».

Charles Leadbeater, no livro “Os Espíritos da Natureza”, descreve-nos os Elementais como sendo dotados «de poderes sobrenaturais associados ao poder

mágico da Mãe Natureza (...) Acredita-se que tais seres têm o poder de interferir de forma mágica no destino das pessoas, porque são coirmãos na Natureza».

Mais adiante, revela-nos que os Elementais são «tão sensíveis quanto influenciados pela emoção e pelos pensamentos (...) são seres puros, poéticos, paradoxais e muito, muito sábios... porque isentos de Ego...».

O filósofo Jorge Angél Livraga ³³, fundador da organização internacional “Nova Acrópole”, na sua obra “Os Espíritos Elementais da Natureza”, refere que o conhecimento da existência destes seres é milenar e que já faziam parte da tradição de diferentes povos «tanto na Europa central do séc. XV, como no coração da Índia no segundo milénio a.C.».

Como muitos desses povos não se conheciam nem suspeitavam das suas mútuas existências, o fato de «haver tantos pontos de coincidência [nessas] descrições, nos leva a afastar toda hipótese de casualidade», conclui o insigne autor.

Qual é a origem dos Elementais?

Conquanto seja relativamente escassa a informação sobre estes admiráveis Espíritos da Natureza, parece ser certa a ideia de que os Elementais têm origem na mónada ou centelha divina emanada pelo Criador – uma espécie de princípio divino que pode conduzir à formação da alma, como corpo imaterial inteligente e individual. A centelha divina, no seu processo evolutivo e para chegar aos planos mais elevados de um espírito puro, terá de passar por fases sucessivas de integração e “vivência” nos reinos mineral, vegetal e animal.

Finalmente, como derradeira etapa nesta jornada no mundo físico, a centelha divina transmigra do estado animal para o estado hominal, convertendo-se em Espírito ao encarnar no homem. Este, também será objeto de múltiplas existências, através das reencarnações, que visam a sua purificação e progresso espiritual.

Da mesma forma se processa a transmigração da centelha divina do estado elemental para o estado hominal, até se converter em Espírito, quando o Elemental encarna como ser humano.

Segundo o Espírito Ramatís ³⁴, os Elementais são «centelhas de vida individualizadas, com uma etapa primária de evolução cumprida e outra maior e mais rica a ser vivida [como seres humanos]. São, portanto, espíritos em escala sub-humana de evolução» e comportam-se como «crianças espirituais e isto pode ser sentido ainda na vibração de simplicidade», comum nos povos primitivos.

Os Reinos dos Elementais

REINO DA ÁGUA, DO AR, DA TERRA, DO FOGO

Os Elementais são classificados em quatro grupos da Natureza – ou Elementos, numa visão imaterial –, designados como reinos da água, do ar, da terra e do fogo.

Reino da Água

Os Elementais da Água vivem no elemento água, mas numa dimensão espiritual impercetível, que se designa por éter líquido ou húmido. Uma das características que é comum aos espíritos deste reino é a extraordinária beleza das entidades femininas, sendo que não são conhecidos seres do sexo masculino. No entanto, caso o desejem, podem assumir temporariamente a figura humana de homem ou mulher.

Estes Espíritos da Natureza interagem diretamente com as criaturas aquáticas, possuindo grande poder no elemento água. Aí residem nas concavidades de corais e rochas marítimas ou entre a vegetação de lagos e cursos de água doce.

Consoante o meio em que vivem – rios, cascatas, oceanos, etc. – apresentam formas e características diferentes, sendo as Sereias, as Ninfas e as Ondinas as entidades mais conhecidas.

São seres que nos ajudam a manter os corpos astrais em equilíbrio e que despertam a intuição e a criatividade artística, estimulando e aprimorando as nossas capacidades sensitivas de modo a fazermos melhor uso da inteligência emocional.

Não foi por acaso que o grande poeta português Luís de Camões a elas se referia, quando invocava as Tágides – as Ninfas do Rio Tejo – para o inspirarem enquanto compunha “Os Lusíadas”, a obra-prima que o imortalizou.

Sereias

São graciosos seres que se manifestam com corpo de mulher e cauda de peixe. Conhecidas pelo seu melodioso canto – irresistivelmente fascinante – as Sereias têm a injusta reputação de seduzir navegadores e marujos que, enfeitiçados pelo seu encanto, são atraídos para as profundezas dos mares, onde perecem afogados. Trata-se de antigas lendas com séculos de existência e que ainda fazem parte da crença popular de algumas regiões costeiras.

Na verdade, estas encantadoras e emotivas criaturas têm um comportamento amigável com o homem, sendo reportados vários casos de ajuda e colaboração com os humanos. O habitat destes formosos seres são os mares e oceanos de todo o mundo, onde se movimentam livremente.

Ondinas

Vivem nas águas doces – rios, lagos e cachoeiras, entre outros –, assim como na folhagem das plantas, quando cobertas de chuva ou de orvalho. Têm aspeto humano, sendo por vezes perceptíveis em forma de uma ténue névoa de luz, devido à energia que retiram da água e que lhes confere essa luminosidade. As Ondinas, como todos os seres deste reino, costumam ser representadas como seres femininos.

Alguns autores consideram o termo Ondinas como a designação genérica para os Elementais da Água.

Ninfas

Semelhantes às Ondinas, mas de menores dimensões, as Ninfas têm como habitat locais de água doce – nascentes, rios, fontes de jardins, lagoas, lençóis freáticos, etc. São de uma beleza excepcional e quando se movimentam de um lugar para o outro, fazem-no com inimitável graciosidade, saltitando com extrema leveza e doçura, como se dançassem no ar.

As Ninfas governam os ciclos da fecundidade, presumindo-se que também estejam relacionadas com a criatividade artística e o desenvolvimento das capacidades premonitórias do homem. Quando observáveis, apresentam tons azulados no corpo e a intensidade das suas vibrações são reconhecíveis através da luminosidade emitida.

Reino do Ar

Os Elementais do Ar vivem no elemento ar, não necessariamente em termos físicos, mas numa dimensão extrafísica correspondente a esse ambiente, constituído por delicada essência etérea.

São seres brincalhões e algo extravagantes, mas muito responsáveis nos trabalhos que executam. Desempenham um papel ativo na purificação do ar atmosférico, na fotossíntese e no ciclo das chuvas, entre outros.

Silfos

De acordo com antigas crenças, são os Silfos que moldam os cristais de gelo para confeccionar flocos de neve, tal como se encarregam de modelar as nuvens e de agir sobre os ventos, provocando, inclusive, grandes tempestades. Os temporais, assim como diversos fenómenos atmosféricos, são o resultado da ação desses espíritos do ar, muitas vezes secundados pelas Ondinas, devido à capacidade que estas graciosas criaturas têm de manipular o elemento água.

Neste contexto, será interessante reter-nos novamente numa passagem de “O Livro dos Espíritos”, quando Kardec pergunta a um Espírito de Luz se a ocorrência das tempestades seria obra de um ou de muitos espíritos reunidos em grandes massas. A resposta foi a de que os espíritos se «reúnem em massas inumeráveis» para esse efeito, fato que atesta, mais uma vez, a importância dos Elementais nos fenómenos naturais.

Os Elementais do ar, devido à ténue densidade dos seus corpos, vivem nos cumes gelados das montanhas ou na sutil leveza das nuvens. Entenda-se, porém, que estes seres – tal como todos os Espíritos da Natureza – não vivem no plano físico de que se ocupam, mas numa dimensão extrafísica relacionada com esse plano.

Relativamente ao homem, os Silfos exercem uma ação benéfica no estímulo e desenvolvimento mental, na regulação dos gases no organismo e no equilíbrio do sistema nervoso.

Os Elementais do ar alcançam grande longevidade, podendo chegar aos mil anos de vida. Outra característica interessante é a de terem a capacidade de assumir a aparência de seres humanos por breves períodos de tempo.

Fadas

As Fadas são figuras tão familiares que, só o simples fato de as evocar, nos remete de imediato às memórias da infância e das deliciosas histórias de encantar. Na realidade, o nome desses fantásticos seres tem origem na mitologia europeia, como a maioria das designações atribuídas aos Espíritos da Natureza.

Essas graciosas criaturas estão intimamente ligadas ao mundo das plantas e dos animais, na sua proteção e desenvolvimento, assim como na polinização das flores e na germinação das sementes. As Fadas, embora pertençam ao elemento ar, não deixam de ter uma ligação profunda com o elemento terra, dada a natureza do seu trabalho. Por esse fato há autores que incluem tais seres no reino da terra.

Quase todas as Fadas apresentam exíguas dimensões e movimentam-se de flor em flor – agitando as suas asinhas com graciosidade e rapidez – como delicadas borboletas em busca de néctar. Ao fazê-lo, transmitem eflúvios revigorantes, indispensáveis à fertilização de novas plantas, assim como se encarregam de fornecer essas energias astrais a outros seres vivos que delas carecem para viver e se reproduzir, desde um minúsculo inseto a um gigantesco elefante.

Estes maravilhosos Elementais, quando em movimento, resplandecem uma luminosidade muito brilhante e leitosa em redor do seu etéreo corpo.

Reino da Terra

Trata-se de um reino que abrange diversas criaturas, todas elas relacionadas com o elemento terra. São Espíritos da Natureza que vivem nas florestas, nas regiões rochosas, nas profundezas da Terra e nas margens de rios e lagos.

Alguns Elementais, como os Gnomos, são de pequena estatura e de aspeto atarracado, enquanto outros, como os Hamadriades, possuem elevada estatura e assemelham-se a troncos de árvores. Outros, ainda, como os Duendes, que são responsáveis pelo reino vegetal, são verdes e têm orelhas pontudas. Todos eles, porém, são relativamente semelhantes aos humanos, embora sejam constituídos de matéria etérea.

Os Elementais deste reino ocupam-se do lado mais material da Natureza, isto é, da concreção dos corpos físicos de plantas, animais, rochas e de todo o tipo de objetos.

Hamadriades

São Elementais silvícolas que habitam nas árvores e que cuidam delas a vida inteira. Estes Espíritos da Natureza são mais frequentes nos bosques e florestas, onde existe manto florestal, mas todas as árvores, segundo a crença popular, têm um guardião que as protege, uma Hamadriade ou uma Dríade – que também é um Elemental silvícola associado ao carvalho – que nasce e morre nessa morada permanente.

As Hamadriades encontram-se em numerosas culturas, sendo que, em algumas regiões africanas, corre uma lenda curiosa, provavelmente associada a estes Elementais. Segundo essa lenda, a alma de um defunto sepultado num Baobá – também chamado de Imbondeiro ou Árvore-garrafa –, manter-se-á “viva” até a referida árvore morrer. Note-se que a longevidade de um Imbondeiro é... muito longa.

Quando visíveis, as Hamadriades apresentam tonalidades de um amarelo esverdeado muito reluzente. Há autores que consideram estes Elementais como sendo do elemento ar, devido a viverem a maior parte do tempo no ambiente aéreo.

Gnomos

O escritor ocultista francês Abbé de Villars (1635-1673), a propósito dos Elementais do Reino da Terra, escreveu que o nosso planeta «está cheia de Gnomos, quase até ao centro, seres de pequena estatura e que são guardiões de tesouros, de minérios e de pedras preciosas. São habilidosos, amigos do homem e fáceis de governar (...) Suas mulheres são pequeninas, mas muito agradáveis, e o seu vestuário é bastante curioso».

Estas pequenas criaturas – que podem assumir tamanhos maiores, devido à plasticidade do elemento em que vivem – ocupam-se do crescimento das rochas e dos cristais. São poderosos agentes na manipulação das forças telúricas, assim como da atividade sísmica e vulcânica, entre outros fenómenos geológicos.

Remetemo-nos novamente à obra “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, quando se pergunta a um Espírito de Luz se «poderia haver Espíritos vivendo no interior da Terra e dirigindo os fenómenos geológicos», ao que essa sábia entidade assim respondeu: «Esses Espíritos não habitam exatamente o interior da Terra, mas presidem e dirigem os fenómenos de acordo com suas atribuições. Um dia, tereis a explicação de todos esses fenómenos e os compreenderéis melhor».

Mais uma vez se confirma o importante papel dos Elementais em todos os processos relacionados com a Natureza – neste caso dos Gnomos –, muito embora o conhecimento sobre os Espíritos da Natureza já fizesse parte da cultura dos povos antigos, muitos séculos antes da época em que viveu o ilustre grande codificador.

Em certos casos, como na formação de ossos, cartilagens e sais minerais, os

Elementais da terra trabalham em conjunto com os do elemento água. Nos animais, plantas e outros seres vivos, devido à sua complexa natureza, colaboram todas as criaturas dos quatro reinos, cada uma com a sua tarefa específica.

Considerados por alguns autores como seres gentis e por outros como criaturas irascíveis e mal-humoradas, a verdade é que há uma certa unanimidade em considerar os Gnomos como sendo leais e amistosos com o homem, quando este consegue conquistar a sua confiança e amizade.

Nestas circunstâncias, podem tornar-se poderosos auxiliares em trabalhos de magia, desde que os propósitos sejam bem-intencionados, isto é, virados para o bem e nunca para o mal.

Duendes

Os Duendes são seres semelhantes a humanos, podendo apresentar-se com o aspeto de velhos ou de jovens. De estatura pequena e cabeça volumosa, encimada por um chapéu bicudo, estes Elementais trajam roupas verdes e costumam ter narizes grandes e orelhas pontiagudas.

Muito curiosos e com capacidades mágicas, os Duendes ocupam-se, entre outras tarefas, da vegetação dos campos, florestas e jardins. São, por assim dizer, os jardineiros etéreos das plantas, flores e cogumelos. Aliás, segundo a tradição popular, é nos cogumelos que eles fazem as suas casas, sendo que quando há grande quantidade de cogumelos num determinado local é quase certa a presença de uma animada comunidade de Duendes.

Muito brincalhões, por vezes exageram nas suas travessuras, fato que pode criar alguns dissabores. No entanto, são muito alegres e gostam de ajudar, sobretudo quando ganham a confiança do homem, tornam-se amigos leais e protetores.

Certas lendas de cunho popular referem que os Duendes têm à sua guarda um pote de ouro, localizado no final de um arco-íris. Outras lendas, ainda, dizem que estes Elementais fabricam ouro falso para enganar os homens cobiçosos que os acercam, o qual desaparece pouco depois de ser levado...

Os Duendes atingem grande longevidade e chegam a constituir numerosas famílias.

Reino do Fogo

Um grupo muito pouco conhecido é o dos espíritos do fogo, não apenas por serem os Elementais menos amigáveis com os humanos, mas também pela dificuldade de acesso e comunicação devido ao ambiente agreste em que vivem.

Salamandras

Estes seres são considerados os mais poderosos de todos os reinos da Natureza e designam-se por Salamandras, um termo que engloba diversas espécies. São frequentemente utilizados na limpeza astral de ambientes onde se vão realizar trabalhos espirituais.

Segundo o alquimista Paracelso, os espíritos do fogo ou Salamandras apresentam-se de diferentes formas, «desde bolas de fogo até línguas de fogo», semelhantes a lagartos, que eram vistos a rodopiar e a gritar no meio das labaredas. Não seriam lagartos, mas salamandras, nome que os identifica e que está relacionado com a classe dos anfíbios.

Outros autores defendem, ainda, que esses Elementais podem atingir proporções gigantescas e que, quando se torna possível observar as suas feições, o que é raro, os traços fisionómicos dessas criaturas são duros e encrespados.

Sem a existência das Salamandras, o fogo, como reação química da oxidação de um combustível, jamais se poderia manifestar, assim como o calor, a luz e demais produtos daí resultantes. Acresce, ainda, que estes Elementais também atuam na área emocional do homem e dos animais, tal como nos seus aspetos fisiológicos, nomeadamente na corrente sanguínea e em órgãos como o fígado.

Os espíritos do fogo pela convivência no dia-a-dia com o homem, desde os longínquos tempos da Pré-história, acabaram por adquirir certas formas de emoções e de pensamentos que, pelo fato de gerarem boas vibrações, anulam as energias negativas do meio circundante, possibilitando, assim, um ambiente de paz e de conforto na vida dos seres humanos.

Torna-se claro, então, que não é só o calor aprazível de uma lareira ou fogueira que promove um clima agradável de aproximação e convívio entre as pessoas ao seu redor, mas também o salutar poder energético dos Elementais do fogo que aí estão presentes.

Seres não-humanos

CRIATURAS ARTIFICIAIS

Muitos problemas de saúde e desequilíbrios emocionais são provocados pelo nosso pessimismo ou pela ação constante de pensamentos negativos – conscientes ou inconscientes – de outras pessoas, nomeadamente, quando existe ódio, inveja e demais sentimentos inferiores relacionados connosco.

São formas-pensamento que, quando negativas, sugam-nos as energias e afetam o nosso bem-estar físico e emocional. As mais poderosas são produzidas artificialmente pela mente engenhosa das criaturas dedicadas à prática do mal, como os Magos Negros e seus acólitos.

O arsenal de meios empregados por essas criaturas é vasto e ardiloso, nomeadamente quando associam a magia negra e a força mental, às modernas tecnologias que dominam com profundo conhecimento, como é o caso dos implantes de elementais artificiais, entre outras perversidades.

Faremos de seguida uma pequena descrição da parafernália de meios usados por encarnados e desencarnados comprometidos com as forças do mal, assim como o risco que corremos quando nos deixamos contaminar pelos nossos pensamentos menos elevados.

Formas-pensamento

Os pensamentos, como folhas soltas ao vento, estão continuamente a surgir e a rodopiar à nossa volta, criados pela nossa incansável mente, sem que para isso seja forçoso existir uma razão e, muito menos, haver alguma forma de os evitar.

Esses pensamentos ou ideias são geradores de sentimentos agradáveis ou desagradáveis e ficam registrados não apenas no nosso cérebro, mas também em regiões do espírito em que a memória é completa e imperecível. Do mesmo modo, aí também se armazenam os pensamentos mais profundos, os sentimentos mais nobres e os raciocínios mais elaborados.

Todo esse processo não se limita exclusivamente aos corpos físico e imateriais do ser humano, também se projeta na atmosfera astral, pois os pensamentos provocam vibrações que, embora nos sejam impercetíveis, se propagam rapidamente para as esferas extrafísicas, onde se aglomeram por afinidade, formando produtos mentais.

Os produtos mentais assim formados são formas-pensamento que, criadas e plasmadas pela mente, materializaram-se no plano astral, pelo que deixam de fazer parte do domínio abstrato de quem os concebeu. Deste modo, ao se nutrirem sentimentos bons ou maus por um determinado indivíduo, geram-se automaticamente formas-pensamento que poderão ser de natureza benévola ou malévola, conforme o padrão vibratório do estado emocional do seu criador.

Acontece, porém, que as formas-pensamento, se intensas e moralmente condenáveis – como o rancor ou a inveja, por exemplo – representam uma séria ameaça para quem é objeto de tais sentimentos, podendo provocar danos na sua vida pessoal e profissional. Daí, a expressão popular de que “fui vítima de um

mau-olhado”, quando uma pessoa se refere a uma ocorrência infeliz que a prejudicou, cuja causa atribui à influência nefasta de alguém.

Em contrapartida, as formas-pensamento de índole positiva oferecem resultados benignos, proporcionando alegria, paz, bem-estar e proteção para aquele a quem são destinadas, como o amor de uma mãe por um filho.

Os bons sentimentos geram sempre produtos mentais benéficos que, em muitos casos, são protetores psíquicos assaz poderosos. Devido à excelência dessa faixa vibratória, esses pensamentos estabelecem ligação com os planos mais elevados, favorecendo a aproximação de espíritos de Luz.

A vida de uma forma-pensamento é, geralmente, de pouca duração, extinguindo-se a partir do momento em que o seu autor a deixa de produzir – de ter pensamentos de igual teor energético –, já que se alimentam da mesma energia que esteve na origem da sua criação.

Miasmas ou larvas astrais

Quando vigorosas, permanentes e maléficas, as formas-pensamento apresentam diversificadas configurações – como ácaros gigantescos, vermes repugnantes, etc. –, tudo dependendo da criatividade do seu autor. Essas formas-pensamento são conhecidas como miasmas ou larvas astrais.

As larvas assim geradas ficam pairando em torno do seu criador, estimulando a repetição da mesma energia psíquica que esteve na sua origem, de forma a nutrirem-se de idêntico alimento e, conseqüentemente manterem-se “vivas”. Trata-se de uma reação instintiva, típica de um ser vivo que luta pela sobrevivência. Dado que só essa faixa vibratória as mantém ativas, torna-se frequente a vampirização de quem as criou, arriscando-se o autor a ficar cativo da sua obra.

O maior perigo destes parasitas é o seu apetite voraz, que se vai tornando insaciável à medida que vão engordando à custa do hospedeiro, ao qual se agarram como lapas na rocha, conduzindo-o muitas vezes à completa destruição física e moral. Por essa razão, as larvas astrais têm um comportamento idêntico ao dos espíritos obsessores que parasitam os encarnados viciados em substâncias químicas, sugando-lhes por vício o mesmo alimento energético e conduzindo-os à ruína, pela tremenda pressão psicológica que provocam nas suas vítimas.

Não sendo espíritos, nem seres vivos, as larvas astrais adquirem uma espécie de vitalidade orgânica que, como acabámos de ver, é totalmente dependente do seu criador. Se este morre ou deixa de as sustentar – cessando de produzir essas energias – as larvas procuram outro doador que proporcione alimento de igual faixa energética. Não o achando, acabam por se extinguir, fato que sucede na maioria dos casos.

Se o hospedeiro for um indivíduo de baixa índole – vicioso ou perverso – e a afinidade entre ambos for profunda, não será com a morte do seu criador que esse parasita se extinguirá, pois um novo miasma se desprenderá do seu corpo. Sedento das mesmas sensações que tinha outrora, procurará avidamente uma nova criatura humana que satisfaça as suas necessidades, gerando-se, assim, um terrível ciclo vicioso de efeito multiplicador.

Elementais artificiais

De todas as larvas astrais as mais temíveis são as criadas conscientemente por hábeis manipuladores das forças ocultas – como bruxos e desencarnados do baixo astral – e que são usadas como instrumento para a prática do mal. Referimo-nos às larvas astrais artificiais ou elementais artificiais.

Produzidas mentalmente e com o recurso a substâncias fortes que agem como poderosos catalisadores – como o sangue e o álcool – as hediondas criaturas assim fabricadas ficam como que “vivas” e programadas para determinados fins previamente definidos pelos seus autores.

Depois de criados, os elementais artificiais podem ser cravados na aura ou no duplo etérico de um indivíduo, como sanguessugas de energias vitais, até transformá-lo num pobre coitado – como um morto-vivo – a poucos passos da morte.

É opinião de alguns autores que os antigos sacerdotes egípcios, para defenderem os túmulos dos saqueadores, infetavam os sarcófagos reais e as salas de tesouros com elementais especialmente criados para esse fim. Concebidos para durar milhares de anos, esses elementais seriam ativados a partir do momento em que ocorresse violação dos locais sagrados, causando doenças graves aos salteadores e a própria morte, tal como um vírus fatal.

Talvez não sejam destituídas de senso as lendas que falam das terríveis maldições que recaíam sobre os profanadores de túmulos faraónicos...

Implantes de elementais artificiais

Há enfermidades de tal forma misteriosas e virulentas, que nem os melhores especialistas da área de saúde conseguem descobrir as causas que as provocam nem, tão-pouco, o tratamento adequado para as curar, pelo que permanecem como um enigma indecifrável.

Mais surpreendente, ainda, é quando a regressão a vidas passadas revela que esse quadro clínico tem ocorrido ao longo de várias reencarnações, como se obedecesse a um padrão obsessivo e intemporal.

Não tendo origem no mundo físico, não resultando da perseguição de espíritos cobradores e nem de doenças cármicas previamente programadas, então, o que poderá provocar semelhante flagelo que, de forma recorrente, se manifesta no mesmo indivíduo?

Essa praga de efeitos devastadores é provocada por Implantes de Elementais Artificiais, responsáveis por um largo espectro de doenças físicas e mentais. Criados pela mente trevosa de criaturas como os Magos Negros, esses implantes pertencem a uma geração mais sofisticada que os tradicionais elementais artificiais. Como se fossem vírus astrais, esses chipes são introduzidos nos corpos espirituais da vítima – fato que dificulta a sua deteção – e podem acompanhar o pobre sujeito ao longo dos seus desencarnes e reencarnes, como uma terrível maldição.

Sempre que o indivíduo reencarna, os implantes, muitas vezes sob a forma de instrumentos de tortura – como ferros, coleiras metálicas, pregos, etc. –, são automaticamente ativados e passam a atuar no seu corpo físico, transformando a vida do infeliz num inferno e conduzindo-o, muitas vezes, à loucura ou à morte.

É uma enfermidade que pode ter cura, desde que a vítima não haja sofrido lesões irreparáveis. O tratamento realiza-se essencialmente no plano extrafísico, onde os terapeutas de Reiki, de Leitura de Aura ou de Apometria utilizam técnicas que permitem a localização e destruição desses chips astrais. Naturalmente que nesses trabalhos ocorre o precioso auxílio de médicos e cirurgiões dos planos extrafísicos.

Os guias espirituais que trabalham nas correntes espiritualistas são igualmente eficazes na deteção e remoção de diversos tipos de doenças espirituais, nomeadamente quando atendem os consulentes, fato que muitas vezes é feito tão discretamente que nem os pacientes infetados se dão conta desse trabalho de limpeza espiritual.

Sombras e Cascões astrais

Quando um espírito atinge um elevado grau evolutivo e está prestes a ascender para o plano mental, abandona o corpo astral como um invólucro sem utilidade, pois a partir desse momento será com o corpo mental que o espírito prosseguirá a sua jornada de crescimento.

Sucedem que essa carcaça, agora inútil, pode conter matéria astral com resquícios inferiores de vidas passadas. A esse cadáver astral que, com o passar do tempo se vai desagregando, chama-se sombra. A sombra, então, não é mais do que uma imitação grosseira do indivíduo, conquanto goze de alguma inteligência e apresente semelhanças com o original.

Antes de se iniciar o processo de desintegração, as sombras passam por uma fase de desvitalização – como um ser vivo que se vai definhando com a idade –, até perderem completamente a inteligência. Convertem-se, então, em invólucros ou cascões astrais, ficando a flutuar nas correntes astrais como cadáveres à deriva num rio.

Esses corpos desvitalizados podem constituir uma séria ameaça se forem capturados por seres trevosos, já que serão utilizados para fins maléficis, como na magia negra.

Invólucros vitalizados

Além do elevado risco dos cascões astrais serem usados em trabalhos de bruxaria, também podem ser ocupados por elementais artificiais. Estes, uma vez aí introduzidos, vitalizam a sua matéria inerte, proporcionando-lhe uma espécie de vida, transformando o cascão astral num invólucro vitalizado, que normalmente também é utilizado para o mal.

Charles Leadbeater, na obra “Plano Astral”, alerta-nos para o fato das sombras e dos invólucros vitalizados constituírem «o que se poderia chamar “os vampiros menores”, visto todos procurarem prolongar a existência subtraindo a vitalidade necessária aos seres humanos submetidos à sua influência».

O citado autor acrescenta ainda que «os estudantes de ocultismo são ensinados a defender-se dos ataques [desses seres] (...) [Quem] sem esse conhecimento se aventure a cruzar-se com tais entidades (...) não deixará de mais cedo ou mais tarde vir a sofrer os resultados da sua influência».

O invólucro vitalizado, segundo Leadbeater, «é um ser malévolo – verdadeiro demónio tentador, que faz todo o mal que está no seu poder, e se mais não faz, é porque este é relativamente limitado. Como a sombra, o invólucro vitalizado é frequentemente utilizado nos horríveis desígnios das formas de magia do Voodoo (Vodu) e do Obeah³⁵».



A LUZ do Ser

edições

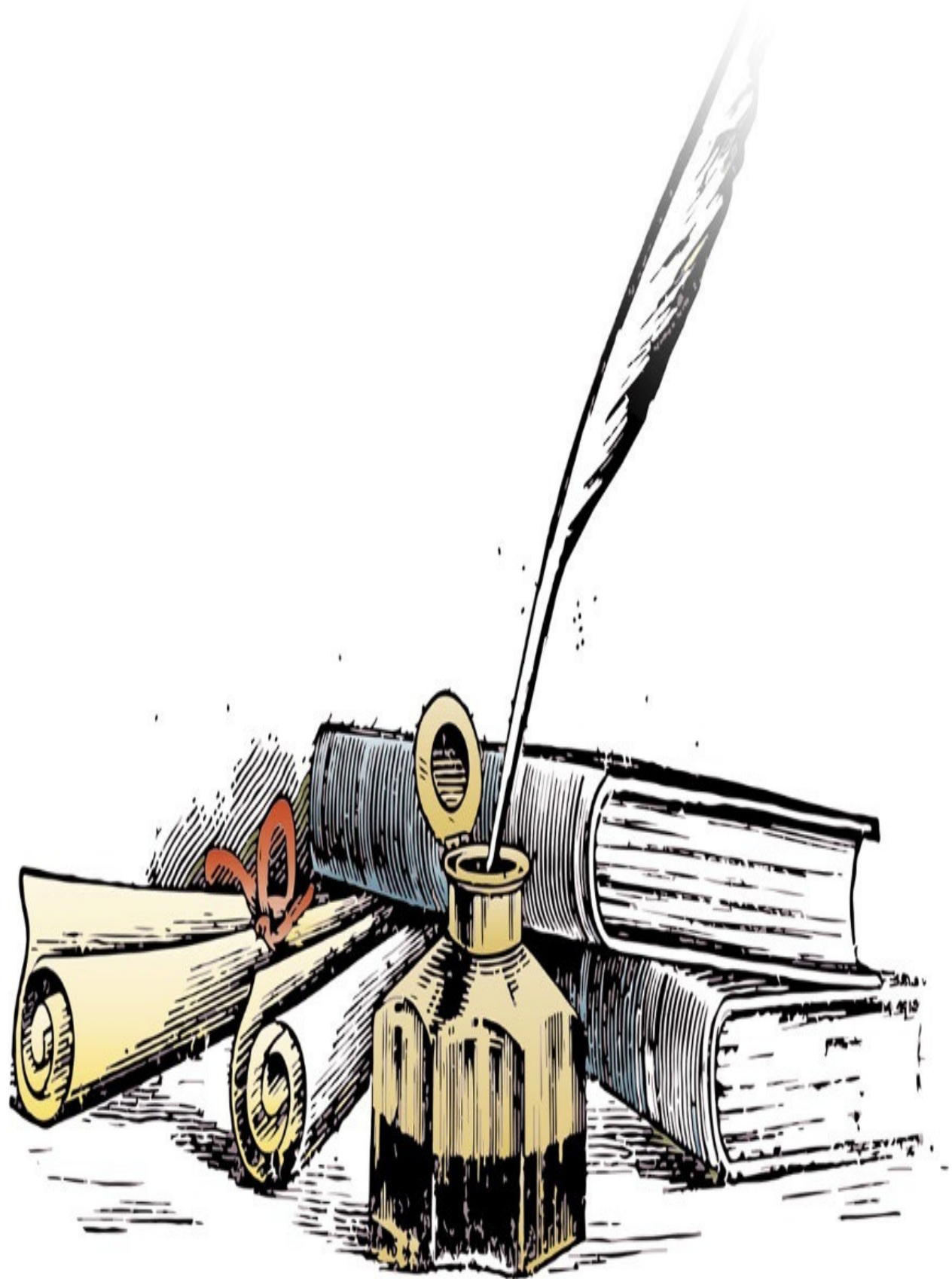
LIVROS

PUBLICADOS
A LUZ DO SER

À venda nas lojas Amazon, Apple, Google,

Kobo, Saraiva, Cultura e Wook,

entre outras



CARLOS FALCÃO DE MATOS

ATLÂNTIDA: MITO OU REALIDADE?

EM BUSCA DA ILHA
DESAPARECIDA



A LUZ DO SER
edições

ATLÂNTIDA:

MITO OU REALIDADE?

EM BUSCA DA ILHA DESAPARECIDA

Autor: Carlos Falcão de Matos

250 páginas

Os diálogos de Timeu e de Crítias falam de uma poderosa civilização destruída pelas águas do mar. Essa narrativa provocou inusitado interesse e movimentação de historiadores, arqueólogos, adeptos do esotérico e até simples curiosos em busca da Atlântida, mesmo sem ninguém saber se a descrição de Crítias correspondia a fatos reais ou se era uma alegoria de Platão para enaltecer o povo ateniense.

A verdade é que, vingado esse fenômeno, que ultrapassou fronteiras, não foram poucos os quatro cantos do mundo que, ao longo dos séculos, não vieram reivindicar a descoberta dessa tão famosa, quanto misteriosa Atlântida.

O presente livro, tal como um fascinante roteiro, vai convidar o leitor a fazer um périplo por diversas regiões do mundo — ilhas do Mediterrâneo, Norte de África, Península Ibérica, Golfo de Cádiz, Macaronésia, Mesoamérica, civilizações andinas e Brasil, entre outras — onde é suposto haver vestígios arqueológicos, etnográficos e culturais que possam comprovar a existência da Atlântida e do seu vasto império.

“ATLÂNTIDA: MITO OU REALIDADE?” é, provavelmente, uma das obras mais bem documentadas sobre (quase) todos os lugares do mundo que investigadores, historiadores, arqueólogos, geólogos e atlantólogos (desculpem o neologismo) consideram estar relacionados com a Atlântida.

Escrito de uma forma clara e envolvente, o autor apoiou-se em fontes históricas, arqueológicas e etnográficas de países, regiões e culturas associadas ao tema da obra, assim como na consulta de códices, documentos antigos e estudo de lendas, livros e tradições populares. Este trabalho é ainda apoiado com mais de 400 fotos, mapas, gravuras e desenhos.

A questão, finalmente, é esta: a Atlântida, essa misteriosa e desaparecida civilização, existiu ou não existiu? É um mito ou foi real? A resposta, essa, está ao alcance do próprio leitor, que a pode encontrar ao longo do livro...

Conteúdos

Capítulo 1 - A ATLÂNTIDA DE PLUTÃO

Resumo dos diálogos de Timeu e Crítias.

Capítulo 2 - LOCALIZANDO A ATLÂNTIDA

Golfo de Cádiz - Parque Nacional de Doñana - Algarve (sul de Portugal) - Ilha de Espartel - No Atlântico, frente ao mar Mediterrâneo – A Atlântida de Ignatius Donnelly - A Atlântida do padre Kircher - Macaronésia - Madeira - Açores - Canárias - Cabo Verde - Mar Mediterrâneo - Sardenha - Sicília - Creta - Santorini - Golfo da Lacônia - Malta - Norte de África - Tunísia - Saara (Marrocos) - Continente americano - Civilizações do México e Mesoamérica -

Aztlan - Toltecas - Olmecas - Maias - Astecas - Civilizações andinas -
Civilização de Caral - Quimbayas - Incas - Paracas - Golfo do México e
Caraíbas - Pirâmides de Cuba - Estrada de Bimini - Triângulo das Bermudas -
Golfo da Califórnia - Terras do Brasil - Pedra do Ingá - Bacia Amazônica -
Filhos de Belial - Crianças da Lei Um - A Serra do Roncador - A mina de
Muribeca - O Eldorado - O documento 512 - O coronel Percy Fawcett - Outras
regiões do mundo - Antártida - Hiperbórea

Capítulo 3 - ATLÂNTIDA ESOTÉRICA

Espiritismo - Teosofia - Outras correntes místicas e espiritualistas

CARLOS FALCÃO DE MATOS

A EVOLUÇÃO DO SER ESPIRITUAL

DAS TREVAS PARA A LUZ

ESPÍRITOS DE LUZ E ENTIDADES TREVOSAS, REENCARNAÇÕES E
CARMAS, CHAKRAS, MEDIUNIDADE, FENÔMENOS PARANORMAIS,
CORPOS SUTIS, MUNDOS ESPIRITUAIS, SERES EXTRA-FÍSICOS



A LUZ DO SER
edições

A EVOLUÇÃO DO SER ESPIRITUAL

Autor: Carlos Falcão de Matos

341 páginas

Um estimulante roteiro pelos misteriosos mundos das dimensões espirituais – desde os planos mais escusos aos mais elevados – incluindo as múltiplas criaturas humanas e não humanas que fazem parte do prodigioso Universo criado por Deus.

Convida-se o leitor a entender o porquê dos carmas e das reencarnações, a desvendar os mistérios dos planos extrafísicos que nos permeiam, a compreender a importância da evolução do Espírito, a identificar os seres espirituais que nos ajudam ou nos prejudicam, entre muitas outras informações úteis.

Numa linguagem simples e didática, os conteúdos são apresentados de forma progressiva, à medida que se vai adicionando informação, havendo recurso a notas de rodapé quando necessário.

Oito capítulos com mais de cento e oitenta seções fazem parte da presente obra:

Capítulo 1. A reencarnação - Capítulo 2. Os carmas - Capítulo 3. A mediunidade - Capítulo 4. As antenas da mediunidade - Capítulo 5. Manifestações supranormais - Capítulo 6. Os corpos sutis - Capítulo 7. Universo setenário - Capítulo 8. Seres físicos e extrafísicos.

Carlos Falcão de Matos

Fenômenos Supranormais

E OUTRAS MISTERIOSAS
MANIFESTAÇÕES PARANORMAIS




A Luz do Ser
edições

FENÔMENOS SUPRANORMAIS

Autor: Carlos Falcão de Matos

234 páginas

São inumeráveis as influências espirituais positivas e negativas que influenciam o nosso dia a dia, sendo que umas são claramente sentidas, enquanto outras agem sem que nos apercebamos.

Neste livro são descritos diversos fenômenos supranormais, assim como outros fatos e mistérios que fazem parte da nossa vida como seres multidimensionais, presentemente na condição de encarnados no mundo físico.

Mais de cento e trinta fenômenos são amplamente descritos, desde manifestações tipicamente paranormais a casos que ocorreram em larga escala, como as possessões espirituais de Morzine (na França) e de Ramanenjana (em Madagáscar) ou a famosas maldições, como a de Jacques de Molay (dos Templários), do diamante Hope ou a de Tutancâmon, entre muitas outras questões, como casas assombradas, cobradores cármicos, homens duplos, combustão humana espontânea, obsessores sexuais, licantropia etc.

Vasta documentação apoia esta obra, tornando-a quase como que um guia prático de consulta e, simultaneamente, um ensaio de fácil e estimulante leitura para todos aqueles que se sentem atraídos pelos fascinantes mistérios das chamadas "ciências metafísicas", servindo-nos de uma expressão de Allan Kardec.

CARLOS FAIÇÃO DE MATOS

CARMAS E REENCARNAÇÃO

A LEI DE CAUSA E EFEITO

NAScer, MORRer, RENAScer AINDA
E PROGredir SEMPRE. TALÉ A LEI.

(Lucas Karone)



A LUZ DO SER
edições

CARMAS E REENCARNAÇÃO

Autor: Carlos Falcão de Matos

118 páginas

Numa linguagem acessível e repleta de informação, esta obra procura explicar o que são os carmas, como ocorrem e como nos ressarcimos desses débitos espirituais ao longo da caminhada evolutiva da nossa alma.

A reencarnação, como processo depurativo do espírito é tratada de forma exhaustiva, com muita informação e exemplos, frequentemente enriquecida com pequenos textos de conhecidos teólogos, cientistas e investigadores.

Capítulo 1: A REENCARNAÇÃO

Oportunidades iguais - O planejamento reencarnatório - É aqui que se aprende - Ressurreição ou reencarnação? - A reencarnação na igreja primitiva - A reencarnação na Antiguidade - A reencarnação na Bíblia - Os cristãos e a reencarnação - A maioria da humanidade acredita na reencarnação - A Ciência e a reencarnação - O despertar do espiritismo - Crianças com memórias de vidas passadas - A morte: um ato de libertação - Experiências de quase-morte - Terapias de vidas passadas - Os sempre cétricos... - Uma Ciência mais espiritualizada

Capítulo 2: OS CARMAS

Dívidas cármicas - Temos memórias cármicas? - Os mortos não dormem... - A força do perdão - Todo o delito é cobrado - Reencarnar por amor - Resgatar todos os carmas - Vidas cruzadas - Espíritos simpáticos - Almas gêmeas - Curas milagrosas - O livre-arbítrio

CARLOS FALCÃO DE MATOS

MÉDIUNS E FENÔMENOS PARANORMAIS

TODO AQUELE QUE SENTE, NUM GRAU QUALQUER, A INFLUÊNCIA
DOS ESPÍRITOS É, POR ESSE TATO, MÉDIUM.

ALGEM KARDEC



A LUZ DO SER
edições

MÉDIUNS E FENÔMENOS PARANORMAIS

Autor: Carlos Falcão de Matos

113 páginas

Os mecanismos da mediunidade e do animismo são tratados com particular ênfase, referindo-se o relevante papel da pineal como órgão biológico da espiritualidade, assim como as características e importância dos chakras e da complexa rede de nadis que rodeiam o duplo etérico.

Mais de cinquenta fenômenos paranormais - anímicos e mediúnicos - são amplamente explanados nesta obra.

Capítulo 1: A MEDIUNIDADE

Ser-se médium requer uma conduta moral exemplar – Mediunidade é transtorno mental? – A mediunidade nos animais – Uma prova de amor – Salva pela cadela

Capítulo 2: AS ANTENAS DA MEDIUNIDADE

A glândula pineal – Os chakras – Chakra básico – Chakra sacro - Chakra plexo solar – Chakra cardíaco – Chakra laríngeo – Chakra frontal – Chakra coronário

Capítulo 3: FENÔMENOS SUPRANORMAIS

Mediunidade ou animismo – Existe mediunidade sem animismo? – Fenômenos anímicos e mediúnicos – Anagnosia – Paragnosia – Perianagnosia – Proanagnosia – Teleanagnosia – Apport – Audiência – Autoscoopia – Bilocação – Biopausa – Canalização – Clariaudiência – Clariolfatismo – Clarividência – Combustão humana espontânea – Criptomnésia – Déjà vu – Dermografia – Desdobramento – Endoport – Estigmatização – Fenômenos de poltergeist – Fotogênese – Hiperestesia – Hipertermia – Imantação – Incombustibilidade – Inspiração – Intuição – Levitação – Materialização de espíritos – Médiun de cura – Médiun de efeitos físicos – Médiun de incorporação – Médiun de incorporação consciente – Médiun de incorporação semiconsciente – Médiun de incorporação inconsciente – Médiun de transporte – Necromancia – Tábua de Ouija – Quiromancia – Cartomancia – Cristalomancia – Parapirogenia – Passista – Pictografia – Pirovasia – Pneumatofonia – Pneumatografia – Premonição – Projeção de consciência – Psicocinesia – Psicofonia – Psicografia – Psicometria – Sematologia – Sonambulismo – Soniloquia – Telepatia – Telecinesia – Terceira visão – Tiptologia – Transfiguração v Viagem astral – Vidência – Xenoglossia – Zoantropia

CARLOS FALÇÃO DE MATOS

SERES & MUNDOS

FÍSICOS E ESPIRITUAIS

...ALÉM DAS ESTRELAS... NOVOS MUNDOS
REVELAM-SE E DESDOBRAM-SE EM FORMAS
DE VIDA, QUE AS NOSSAS CONCEPÇÕES NÃO
PODEM IMAGINAR...

ALAN KARDEC em GÊNESE!



A LUZ DO SER
edições

SERES E MUNDOS FÍSICOS E EXTRAFÍSICOS

Autor: Carlos Falcão de Matos

165 páginas

Esta obra explica o que são os corpos sutis e a aura, como resultado das vibrações energéticas emanadas por esses corpos, entre outros assuntos.

O Universo físico e extrafísico é visto sob uma visão setenária que engloba sete planos vibratórios. Descrevem-se os seres e mundos que habitam nesses orbes, desde os níveis mais baixos do Astral, aos mais elevados e sublimes e, naturalmente, à eterna luta entre o Bem e o Mal.

Capítulos e seções da obra:

OS CORPOS SUTIS

Corpo físico - Corpo etérico - Corpo astral - Corpo mental - Corpo causal -
Corpo búdico - Corpo átomico - A aura - Fotografia kirlian - A leitura da aura -
Vampirismo energético

UNIVERSO SETENÁRIO

Universo setenário - Os sete planos vibratórios - O Plano físico - A morte física - Despertar no outro mundo - O Plano astral - Regiões inferiores - Umbral: um verdadeiro inferno! - Sofrer eternamente? - Escravos e tiranos - As trevas: as regiões mais abissais do Umbral - Expulsos do planeta - As equipas de resgate - Táticas de aliciamento - A crosta terrestre - Colónias espirituais - Campo da paz - Aruanda: onde há paz e amor - Os espíritos de Luz já foram índios e escravos negros? - Regiões superiores - O Plano mental

SERES FÍSICOS E EXTRAFÍSICOS

Seres humanos - Mestres espirituais - Médiuns - Técnicas de apometria - Pessoas comuns - Feiticeiros - Um bruxo convertido - Mestres e missionários - Guias espirituais - Desencarnados comuns - Restaurar a consciência - A morte violenta - O regresso ao lar - Magos negros - Quiumbas - Pelos atalhos do Umbral - Um caso de obsessão - Os suicidas - Déspotas e assassinos - Os reféns do vício - Obsessores sexuais - Parasitismo ovoide - Os egoístas

SERES NÃO-HUMANOS

Os Anjos no cristianismo - Os Anjos nas outras religiões - O Anjo da guarda - Os Orixás - As Mouras Encantadas - Encantados que nunca encarnaram - Humanos que viraram Encantados - Qual é a origem dos Elementais? - Os reinos dos Elementais - Reino da Água - Sereias - Ondinas - Ninfas - Reino do Ar - Silfos - Fadas - Reino da Terra - Hamadriades - Gnomos - Duendes - Reino do Fogo - Salamandras - Formas-pensamento - Miasmas ou larvas astrais - Elementais artificiais - Implantes de elementais artificiais - Sombras e Cascões astrais - Invólucros vitalizados

Carlos Falcão de Matos

Chakras, Aura & Corpos Sutis...

...em poucas palavras



A Luz do Ser
edições

CHAKRAS, AURA & CORPOS SUTIS...

...em poucas palavras

Autor: Carlos Falcão de Matos

93 páginas

Os chakras, que são poderosos vórtices extrafísicos por onde se manifestam as energias cósmicas no nosso corpo físico, assim como a glândula pineal, que é o órgão biológico da mediunidade, são objeto de aprofundado estudo neste pequeno trabalho.

Mais conteúdos, como os nadis, a aura, fotografia kirlian, vampirismo energético, os sete planos do Universo e os corpos sutis, entre outros assuntos, são igualmente tratados nas páginas deste livro, sempre numa linguagem acessível apoiada com notas de rodapé e ilustração alusiva.

Capítulos e seções:

As antenas da mediunidade - A glândula pineal - Os chakras - Chakra básico - Chakra sacro - Chakra plexo solar - Chakra cardíaco - Chakra laríngeo - Chakra frontal - Chakra coronário - Os nadis - A aura: o espelho da alma - Fotografia Kirlian - Leitura de Aura - Vampirismo energético - Universo setenário - Corpos sutis - Corpo físico - Corpo etérico - Corpo astral - Corpo mental - Corpo causal - Corpo búdico - Corpo átomico

CARLOS FALCÃO DE MATOS

CONTOS DO ARCO DA VELHA

HISTÓRIAS VERÍDICAS

Acordar com um Lobisomem na cama
A Dama da Noite na PA-70 da Amazônia
O vidente Pretinho Sebastião



A Luz do Ser
edições



CONTOS DO ARCO DA VELHA

Autor: Carlos Falcão de Matos

124 páginas

CONTOS DO ARCO DA VELHA são os dramáticos testemunhos de quem viveu espantosas experiências a que o autor deu a forma literária à laia de contos, a partir de diversas conversas e entrevistas com os próprios, sem alterar minimamente os fatos relatados.

Os três casos aqui descritos reportam-se a fatos ocorridos com pessoas que vivenciaram essas experiências insólitas e que, para alguns, foi algo de profundamente traumatizante.

Resenha dos conteúdos da obra:

[Acordar ao lado de um Lobisomem](#)

Vampiros, Lobisomens e tantas outras criaturas demoníacas, parecem fazer parte de um mundo fantástico de mitos e lendas, apenas possíveis de conceber séculos atrás no imaginário popular.

Existem, porém, testemunhos de vários casos nos dias de hoje, um pouco por toda a parte. Se alguns poderão ser fruto de patologias mentais, alucinações ou

fraudes, outros, muito pelo contrário, são bem reais, como o que narramos nesta obra e que ocorreu na quarta-feira da semana Santa de Páscoa, no dia 22 de Março de 1989.

[A Dama da Noite na PA-70 da Amazônia](#)

A fadiga, o álcool, a desatenção e as más condições das rodovias, entre outras razões, estão na origem da maioria dos acidentes rodoviários. Alguns deles, porém, ocorrem por causas alheias a circunstâncias deste tipo, permanecendo para sempre como um mistério insondável.

Fatos insólitos, como aparições repentinas de vultos no meio das estradas ou no interior dos veículos, poderão não passar de um tremendo susto para o condutor e não provocarem acidentes.

Outros, porém, não deixam testemunhas para contar, pois são causados pela sede de vingança de espíritos que querem conduzir o motorista para a morte. Poderia ter sido este o caso, ocorrido na década de 1980, na estrada de chão PA-70, na Amazônia...

[Ver e prever para além do tangível](#)

Tempo, espaço e matéria são constituintes do Universo, de um Universo em expansão e que a Ciência procura desvendar, revelando-nos todos os dias novos segredos.

Mas há Universos que estão muito além de todo o conhecimento tangível e que se inserem numa dimensão espiritual apenas acessível a poucos eleitos – que poderão ser humildes e analfabetos, mas que são prodigiosos –, como o aldeão Pretinho Sebastião.

Carlos Falcão de Matos

OS REINOS DOS ELEMENTAIS

*Os fascinantes reinos etéreas
das Espíritas da Natureza*




A Luz do Ser
edições



OS REINOS DOS ELEMENTAIS

Autor: Carlos Falcão de Matos

131 páginas

Os povos antigos já conheciam a existência e o poder dos Elementais, tendo esses Seres entrado no imaginário popular como divindades da Natureza, pelo que eram e continuam a ser venerados em muitas religiões e cultos animistas.

O leitor, com este pequeno livro, é convidado a participar de um roteiro que o vai conduzir a uma viagem arrebatadora ao fascinante mundo dos Elementais.

Desde a extraordinária beleza das sereias e ninfas, às não menos belas e graciosas fadas que borboleteiam de flor em flor espalhando os seus eflúvios revigorantes... passando pelas figuras bonacheironas dos curiosos gnomos e dos brincalhões duendes de orelhas pontudas... sem esquecer as Dríades, gigantescas guardiãs das árvores e florestas, até chegar ao reino dos rígidos e encrespados elementais do fogo... todo esse mundo fantástico é aqui descrito e ilustrado com belíssimas imagens criadas pelo talento de vários artistas.

Os Elementais ou Espíritos da Natureza vivem nos Reinos da Água, do Ar, da Terra e do Fogo, numa dimensão diferente da nossa — composta por elementos etéreos —, intervindo na vida do nosso planeta, no ambiente, na matéria, nos seres vivos e na nossa existência como seres humanos.

CARLOS FALCÃO DE MATOS

*Espíritos
da Natureza*



ALUZ DO SER
edições

ESPÍRITOS DA NATUREZA

Autor: Carlos Falcão de Matos

55 páginas

Como seres astrais dotados de individualidade e inteligência, os Elementais desempenham um papel de extrema importância na dinamização das energias físico/etéreas do mundo físico e na construção organizada dos elementos naturais.

Esses seres maravilhosos vivem nos quatro reinos da Natureza, mas em dimensões que nos são inacessíveis, embora haja raros casos de serem vistos por seres humanos.

Desses habitats que lhes são próprios, têm a capacidade de sair e intervir no mundo físico, como na gênese dos seres vivos, na intensidade das chuvas e dos ventos, na formação de rochas e cristais, na força das correntes oceânicas, enfim, em todos os fenômenos mecânicos e naturais que, além das causas físicas e químicas do nosso plano material e que lhes estão subjacentes, carecem do concurso vital das energias fluídicas das regiões astrais que esses seres recolhem e manipulam com maestria.

Um pequeno roteiro sobre estes admiráveis seres, constituído por fadas, gnomos, ninfas e duendes, entre outros, descreve a sua imprescindível utilidade nos diversos mecanismos da vida e de tudo o que nos rodeia.

Carlos Falcão de Matos

SEXO LOUCO!

Nos insetos,
caracóis, aranhas
e outros bichos

*Meu amor...
é a minha vez
de ser o macho!*



A Luz do Ser
edições

SEXO LOUCO

Nos insetos, caracóis, aranhas e outros bichos

Autor: Carlos Falcão de Matos

92 páginas

Uma maneira divertida de se falar sobre a reprodução de alguns invertebrados, pois a brincar também se aprende...

A importância dos feromonas, a corte nupcial, as estratégias de abordagem e as estranhas formas que alguns desses pequenos seres engendram para se reproduzir são abordadas nesta pequena obra profusamente ilustrada.

Recorrendo a um certo estilo antropomórfico, como se “eles” pensassem, sentissem e falassem como nós, o autor brinca com as situações — algumas bem caricatas — sem dispensar o necessário rigor didático.

Aranhas-caranguejo, caracóis, abelhas, aranhas-vespa, moscas-escorpião, louva-a-deus, moscas-assassinas, traças dos livros, ácaros, donzelinhas e percevejos de cama são os protagonistas que fazem parte desta lista de convidados.

Vamos, então, desvendar as suas pequenas intimidades...

Carlos Falcão de Matos

O MUNDO DOS INVERTEBRADOS

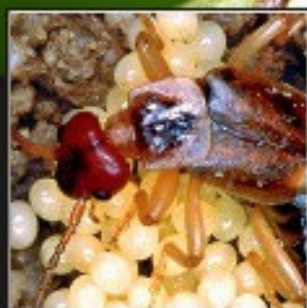
REPRODUÇÃO E
CUIDADOS PARENTAIS

VOLUME

1



A Luz do Ser
edições



temas da natureza

O MUNDO DOS INVERTEBRADOS 1

Reprodução e cuidados parentais

Autor: Carlos Falcão de Matos

211 páginas

Neste pequeno trabalho são referidos alguns dos aspetos mais significativos das diferentes espécies de invertebrados, numa linguagem que se pretendeu acessível, mas sem descuidar o indispensável rigor científico/pedagógico. Mais de 125 fotografias a cores ilustram a maioria dos conteúdos. Notas de rodapé auxiliam o leitor à compreensão de certos termos inclusos na obra.

O mundo dos invertebrados surpreende pela diversidade de formas, de cores e de riqueza de padrões, pela complexidade dos seus sistemas de vida, dos tipos de comunicação e de relacionamento e, naturalmente, pelas estratégias de adaptação e sobrevivência que esses pequenos seres adquiriram ao longo do processo evolutivo.

Dissemos pequenos seres porque, se a grande maioria são organismos de reduzidas dimensões, outros há que têm proporções descomunais, como a lula-colossal das zonas abissais do Antártico ou o campeão de todos os animais do mundo, a água-viva cabeluda, uma colônia de cnidários com 37 metros da ponta dos tentáculos urticantes à extremidade flutuante, na forma de bolsa cheia de gás.

Deixemos essas exceções da Natureza e voltemos aos nossos pequenos seres.

Um dos aspetos que torna ainda mais agradável o estudo dos invertebrados, nomeadamente dos insetos, é a facilidade que temos de os poder examinar ao vivo, em pleno ambiente natural e sem necessidade de grandes esforços.

Um passeio no campo ou num jardim, um caminhar ao longo da praia na maré-vazia, enfim, não faltam ocasiões para o etólogo ³⁶ amador colher muitas observações e fazer descobertas fascinantes, bastando estar atento e ter alguma paciência.

Se juntarmos a esse mini safari uma máquina fotográfica (ou um celular com câmara) e um bloco de notas, tornamos ainda mais atrativa a busca desse minúsculo “povo” que vive nas plantas, no solo e nas poças d'água. Depois, é só lançar as imagens no computador e adicionar a informação recolhida nas observações de campo e nas indispensáveis consultas de livros e de sites relacionados com esse assunto.

Carlos Falcão de Matos

O MUNDO DOS INVERTEBRADOS

A LUTA PELA
SOBREVIVÊNCIA

VOLUME

2



A Luz do Ser
edições



temas da natureza

O MUNDO DOS INVERTEBRADOS 2

A luta pela sobrevivência

Autor: Carlos Falcão de Matos

Na sequência do primeiro volume desta série e usando o mesmo tipo de linguagem clara e acessível, mas não dispensando o rigor científico/pedagógico, são referidos os complexos mecanismos e estratégias usadas por estes pequenos seres na sua luta pela sobrevivência e que foram adquiridos ao longo do processo evolutivo.

Mais de uma centena de fotos ilustram as páginas deste livro que, entre outros, trata de assuntos como ecossistemas, seres vivos de ambientes terrestres e aquáticos, cadeias alimentares, consumidores primários, predadores, mecanismos de ataque e defesa, regimes alimentares, camuflagem, mimetismo etc.

Sugerimos na introdução do primeiro volume desta série a observação ao vivo destes pequenos seres, assim como o seu registro fotográfico, pelo que vamos repetir o que aí ficou dito.

Um dos aspetos que torna ainda mais agradável o estudo dos invertebrados, nomeadamente dos insetos, é a facilidade que temos de os poder examinar ao vivo, em pleno ambiente natural e sem necessidade de grandes esforços.

Um passeio no campo ou num jardim, um caminhar ao longo da praia na maré-vazia, enfim, não faltam ocasiões para o etólogo amador colher muitas observações e fazer descobertas fascinantes, bastando estar atento e ter alguma paciência.

Se juntarmos a esse mini safari uma máquina fotográfica (ou um celular com câmara) e um bloco de notas, tornamos ainda mais atrativa a busca desse minúsculo “povo” que vive nas plantas, no solo e nas poças d'água. Depois, é só lançar as imagens no computador e adicionar a informação recolhida nas observações de campo e nas indispensáveis consultas de livros e de sites relacionados com esse assunto.

Carlos Falcão de Matos

SERES VIVOS dos Mares e Oceanos

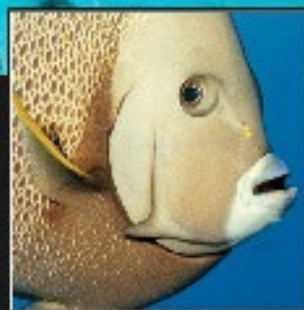
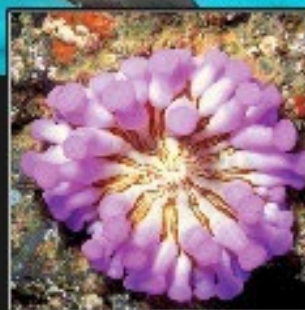
CARAÍBAS, SEYCHELLES,
MAR VERMELHO

VOLUME

1



A Luz do Ser
edições



temas da natureza

SERES VIVOS DOS MARES E OCEANOS 1

Caraíbas, Seychelles, Mar Vermelho

Autor: Carlos Falcão de Matos

207 páginas

As águas salgadas dos mares e oceanos acolhem cerca de 30% da biodiversidade ¹ do nosso planeta, sendo que ocupam 70% da sua superfície. Os oceanos são responsáveis pelo equilíbrio térmico, hídrico e biológico necessários à nossa sobrevivência, assim como constituem uma inestimável fonte de recursos económicos para a humanidade, como alimentação, transportes, indústria, comércio, etc.

Os oceanos, ainda, proporcionam uma outra riqueza preciosa: oxigênio. O oxigênio que respiramos é produzido, na sua grande maioria, pela fotossíntese ² das algas e de pequenos organismos de água doce e salgada – o fitoplâncton ³. Esses organismos produzem mais oxigênio do que todos os biomas ⁴ terrestres juntos, nomeadamente, florestas tropicais, florestas temperadas, savanas, taigas, etc.

Os oceanos são, também, o berçário da vida, da sua origem e/ou da sua evolução. As grandes massas ferventes dos primitivos oceanos, ao longo de muitos milhões de anos, deram lugar aos mares, rios e lagos que hoje fazem parte do nosso planeta azul. Foi desses mares e oceanos primordiais que surgiram os primeiros seres vivos que, posteriormente, colonizaram terras e continentes.

No entanto, há cerca de 3,5 mil milhões de anos o nosso planeta não tinha condições para a existência de plantas e animais que tivessem um sistema de vida idêntico ao que temos agora. A atmosfera era formada por gases terrivelmente tóxicos. Foi nesse meio inóspito que as cianobactérias ⁵, umas formas muito rudimentares de vida, surgiram nos primitivos oceanos. Eram unicelulares que tinham respiração anaeróbica ⁶, ou seja, absorviam esses gases tóxicos e liberavam oxigênio. Muitos milhões de anos foram necessários para que diferentes formas de vida evoluíssem, à medida que a atmosfera se enriquecia de oxigênio e surgissem organismos aeróbicos ⁷, até o nosso planeta ter as condições de vida que desfrutamos atualmente.

Desfrutemos, então, nas páginas deste livro, das imagens e informações de alguns desses maravilhosos organismos que constituem atualmente a fauna e flora dos nossos mares e oceanos.

1. Biodiversidade - É o conjunto de todas as espécies de seres vivos (animais, plantas, fungos, unicelulares...) que existem em determinadas regiões.

2. Fotossíntese - Processo de transformação da energia solar por parte de certos organismos (plantas verdes, algas, fitoplâncton...) em energia química e fixação de carbono. Ou seja, esses organismos produzem o seu próprio alimento.

3. Fitoplâncton - São organismos aquáticos microscópios que realizam a fotossíntese. Constituem o início de uma vasta cadeia alimentar dos ecossistemas aquáticos, sendo igualmente responsáveis pela maioria do oxigênio da atmosfera terrestre.

4. Biomas - São grandes comunidades biológicas, adaptadas às condições ecológicas existentes num determinado espaço geográfico. Caracterizam-se normalmente por um determinado tipo de vegetação, como o bioma cerrado.

5. Cianobactéria - Filo (grupo) de bactérias que obtém energia através da fotossíntese, designadas vulgarmente por algas azuis.

6. Anaeróbicos - Organismos que podem viver e reproduzir-se em um meio privado de oxigênio. É o caso de certos microrganismos, como bactérias e fungos.

7. Aeróbicos - Seres vivos que vivem, crescem e reproduzem-se apenas em presença de oxigênio, como as plantas e animais, entre outros.

SERES VIVOS DOS MARES E OCEANOS 2

Atlântico, Indo-Pacífico Ártico e Antártico

Carlos Falcão de Matos

SERES VIVOS dos Mares e Oceanos ATLÂNTICO, INDO-PACÍFICO ÁRTICO E ANTÁRTICO

VOLUME

2



A Luz do Ser
edições



temas da natureza

Autor: Carlos Falcão de Matos

222 páginas

Uma obra que segue os mesmos critérios gráficos e informativos do primeiro volume da série Seres Vivos dos Mares e Oceanos.

Neste segundo volume vão ser referidos diversos organismos (peixes, mamíferos, crustáceos, corais etc.) que ocorrem nos oceanos Atlântico, Índico, Pacífico, Ártico e Antártico.

Os oceanos, como dissemos no primeiro volume desta série, são responsáveis pelo equilíbrio térmico, hídrico e biológico necessários à nossa sobrevivência, assim como constituem uma inestimável fonte de recursos económicos para a humanidade, como alimentação, transportes, indústria, comércio, etc.

Os oceanos, ainda, proporcionam uma outra riqueza preciosa: oxigênio. O oxigênio que respiramos é produzido, na sua grande maioria, pela fotossíntese das algas e de pequenos organismos de água doce e salgada – o fitoplâncton.

Esses organismos produzem mais oxigênio do que todos os biomas terrestres juntos, nomeadamente, florestas tropicais, florestas temperadas, savanas, taigas, etc.

Bibliografia dos três volumes

América Paoliello Marques e Wanda B. P. Jimenez, Espíritos Ramatís, Nikanor e Akenaton, “Mensagens do Grande Coração”

Antonio Jorge Thor, “Introdução e Teoria dos Elementais”

Alexander Moreira de Almeida, “Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas”

Allan Kardec, “A Gênese”

Allan Kardec, “O Céu e o Inferno”

Allan Kardec, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”

Allan Kardec, “O Livro dos Médiuns”

Archibald Joseph Macintyre, “Os Anjos, Uma Realidade Admirável”

Barbara Ann Brennan, “Mãos de Luz”

Barbara Bowers, “Qual é a Cor de Sua Aura?”

Brian Weiss, “A Divina Sabedoria dos Mestres”

Brian Weiss, “Muitas Vidas, Muitos Mestres”

Bruno Maureille, “Qu'est il Arrivé à L'Homme de Neandertal?”

Camille Flammarion, “L’Inconnu et les Problèmes Psychiques”

Carlos Torres Pastorino, “Técnica da Mediunidade”

Caroline Myss, “Anatomia do Espírito”

Claudio Zeus, “Umbanda sem Medo”

Charles Leadbeater, “O Plano Astral”

Charles Leadbeater, “Os Chakras”

Charles Leadbeater, “Os Espíritos da Natureza”

Doris Van Gelder, “O Mundo Real das Fadas”

Elisabeth Kübler-Ross, “A Roda da Vida”

Elisabeth Kübler-Ross, “Sobre a Morte e o Morrer”

Ernesto Bozzano, “Animali e Manifestazioni Metapsichici”

Fernando Frazão, “Lendas Portuguesas”

Francis Collins, “A Linguagem de Deus”

F. Rivas Neto, “Umbanda - A Proto-Síntese Cósmica”

Francisco Xavier e Heigorina Cunha, Espíritos André Luiz e Lucius, “Cidade do Além”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Ação e Reação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Evolução em Dois Mundos”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Libertação”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Missionários da Luz”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “No Mundo Maior”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Nosso Lar”

Francisco Xavier, Espírito André Luiz, “Os Mensageiros”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Deuses”

Geoffrey Hodson, “O Reino dos Devas e dos Espíritos da Natureza”

Gilberto Schoereder, “Revista Espiritismo & Ciência, Volume 4”

Gilson Teixeira Freire, “Ícaro Redimido”

Hemendra Banerjee, “Vida Pretérita e Futura”

Hercílio Maes, Espíritos Atanagildo e Ramatís, “Mensagens do Astral”

Hermínio C. Miranda, “Diversidade dos Carismas”

Ian Stevenson, “Twenty Cases Suggestive of Reincarnation”

Iassan Ayporê Pery, “Umbanda - Mitos e Realidade”

James Van Praagh, “Conversando Com os Espíritos”

James Van Praagh, “Espíritos Entre Nós”

J. Felipe Alonso, “Diccionario de seres fantásticos”

Jorge Angel Livraga, “Os Espíritos Elementais da Natureza”

José Lacerda de Azevedo, “Energia e Espírito”

José Reis Chaves, “A Reencarnação na Bíblia e na Ciência”

Larry E. Arnold , “Ablaze – Spontaneous Human Combustion”

Leal de Souza, "O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda"

Lee Carroll e Jan Tober, “As Crianças Índigo”

Léon Denis, “O Espiritismo e o Clero Católico”

Lobsang Rama, “Além do 1º Décimo”

Matta e Silva, “Umbanda de Todos Nós”

Matta e Silva, “Umbanda e o Poder da Mediunidade”

Narcí Castro Souza, “Projetando Luz - Um Guia de Aprendizado Espiritual”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “A Missão da Umbanda”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Umbanda Pé no Chão”

Norberto Peixoto, Espírito Ramatís, “Vozes de Aruanda”

Norman Vincent Peale, “O Poder do Pensamento Positivo”

Orígenes de Alexandria, “De Principiis”

Paracelso, “Tratado das Ninfas, Silfos, Gnomos, Salamandras e de Outros Seres”

Paracelso, “Philosophia Occulta”

Paul Davies, “A Mente de Deus”

Platão, “Fédon”

P. M. H. Atwater, “I Died Three Times in 1977 – The Complete Story”

Raymond Moody Jr., “Instantes da Eternidade”

Raymond Moody Jr., “Vida Depois da Vida”

Reginaldo Prandi, “A Dança dos Caboclos”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Tambores de Angola”

Robson Pinheiro, Espírito Ângelo Inácio, “Legião - Um olhar sobre o reino das sombras”

Robson Pinheiro, com a colaboração dos Espíritos Alex Zarthú e Joseph Gleber, “Energia”

Rubens Saraceni, Espírito Seiman Hamiser, “Génese Divina de Umbanda Sagrada”

Santo Agostinho, “Confissões”

Tereza Guerra, “Crianças Índigo e Cristal”

Tom Shroder, “Almas Antigas”

Vera L. Marinzeck de Carvalho, Espírito Patrícia, “Vivendo no Mundo dos Espíritos”

Zulma Reyó, “Guia Prático dos Chakras”

Capa: Layout do autor com imagens da Pixabay

Notes

[← 1]

Setenário significa que contém ou vale sete elementos ou unidades. No sentido aqui atribuído, refere-se à existência de uma lei universal em que o número sete está presente nas suas diferentes manifestações, como nos sete principais chakras, nos sete dias da semana, nas sete cores do arco-íris, etc.

[← 2]

Sensitivos – São indivíduos capazes de sentir a presença de espíritos ou vibrações provocadas por estes. Os sensitivos, também considerados médiuns, conseguem frequentemente diferenciar os espíritos mais desenvolvidos dos mais atrasados.

[← 3]

Centelhas divinas ou mónadas – São princípios divinos, incorruptíveis e sujeitos a evolução. A centelha divina, ao assumir uma individualidade quando encarna no ser humano, converte-se num Espírito.

[← 4]

Lobsang Rama é o pseudónimo do inglês Cyril Hoskin (1910-1981), autor de vasta obra literária consagrada ao ocultismo e aos mistérios do Além. Parte da sua vida foi no Tibete onde adquiriu profundos conhecimentos que transmitiu através dos seus livros, sendo “A Terceira Visão” a obra mais conhecida. Segundo Cyril Hoskin, o seu corpo passou a ser “ocupado” pela alma de Lobsang Rama, um Lhama tibetano que tomou a sua individualidade física.

[← 5]

Carlos Torres Pastorino (1910-1980), nascido no Rio de Janeiro, foi padre católico, convertendo-se mais tarde ao espiritismo. Possuidor de grande inteligência e de sólida cultura, publicou diversas obras, sendo as mais conhecidas “Minutos de Sabedoria” e “Técnica da Mediunidade”.

[← 6]

Extraído do livro “Ação e Reação”. Comunicação do Espírito André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

[← 7]

Extraído do livro “Libertação”. Comunicação do Espírito André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier.

[← 8]

A origem de Ramatís perde-se nos confins do tempo e do espaço, pois esse espírito luminoso provém, segundo alguns autores, do sistema solar de Sírius. Encarnando na Terra, esteve presente nos momentos mais cruciais da história do homem, vivendo no Egípto, Índia, China e Grécia, entre outros países e regiões. A sua última encarnação foi no século X, na Indochina. O Mestre Ramatís representa a síntese do conhecimento das culturas oriental e ocidental, desempenhando um papel muito importante na evolução da consciência crística da humanidade terrena, sendo os seus notáveis trabalhos psicografados por médiuns como Hercílio Maes e Norberto Peixoto, entre outros.

[← 9]

Norberto Peixoto (1963) é um médium brasileiro e escritor umbandista que se notabilizou pela psicografia das recentes obras do espírito Ramatís. Fundou a “Editorial Triângulo da Fraternidade” e é médium e dirigente da “Choupana do Caboclo Pery”, em Porto Alegre.

[← 10]

A linha de esquerda da Umbanda é formada por Exus e Pombagiras de Lei. São espíritos de Luz que trabalham ativamente em prol do bem e da caridade, desempenhando um papel muito importante no combate às forças trevosas, daí serem igualmente conhecidos como polícias do Astral.

[← 11]

Trecho da obra “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, de Leal de Souza. Jornalista e crítico literário, Leal de Souza (1880-1948), de nacionalidade brasileira, foi um profícuo escritor, tendo sido autor da obra “No Mundo dos Espíritos”, o primeiro livro sobre a Umbanda, publicado em 1925. Conviveu com o médium Zélio de Moraes. Como poeta, após o seu falecimento, foi psicografado por Chico Xavier.

[← 12]

Hercílio Maes (1913-1993), advogado e contabilista de origem brasileira, foi um famoso médium que psicografou diversos livros do Espírito de Ramatís, salientando-se, entre outros, “Mensagens do Astral”, “A Vida Além da Sepultura” e a “A Sobrevivência do Espírito”.

[← 13]

Extraído da letra do hino oficial da Umbanda, composto por José Manuel Alves, um português radicado no Brasil.

[← 14]

Citado de o “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 15]

Um estudo publicado pelo Instituto Astrofísico de Paris considera a possibilidade de existirem 160 mil milhões de planetas na Via Láctea, o que é assombroso. É qualquer coisa como 22 planetas da nossa galáxia por cada habitante terrestre! Por outro lado, se considerarmos que o Universo observável deverá ter cerca de 100 mil milhões de galáxias, então o número de planetas é... incomensurável! O referido estudo defende, ainda, que a maioria dos planetas da nossa galáxia deverão ter uma estrutura pequena e rochosa semelhante à da Terra.

[← 16]

Nas fileiras do bem também há magos e bruxos, mas que trabalham com a chamada magia branca, ou seja, praticam os seus conhecimentos magísticos respeitando as leis divinas e combatendo, muitas vezes, a magia negra.

Um macumbeiro pode ser alguém que faz feitiços (macumbas) para a prática do mal através da magia negra. Mas a palavra macumba reporta-se igualmente ao nome de um instrumento musical africano, assim como aos rituais religiosos de origem africana, com influência cristã, que são acompanhados de danças e cantos ao som de tambores.

[← 17]

Citado da obra “O Consolador”, do Espírito Emmanuel. Livro psicografado por Chico Xavier.

[← 18]

Matta e Silva (1917-1988), também conhecido como Mestre Yapacani, nasceu no Rio de Janeiro. Distinguiu-se como escritor, médium e foi o fundador da chamada “Umbanda Esotérica”. Escreveu importantes obras como “Umbanda de Todos Nós”, “Umbanda e o Poder da Mediunidade” e “Doutrina Secreta da Umbanda”, entre outras. Procurou, através das suas pesquisas e trabalhos publicados, defender a Umbanda como uma religião com bases científicas e filosóficas.

[← 19]

Citado da obra “O Consolador”, pelo Espírito Emmanuel. Livro psicografado por Chico Xavier.

[← 20]

Extraído de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 21]

Citado de “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec.

[← 22]

Alexandre Cumino é editor-chefe do Jornal de Umbanda Sagrada, tendo criado a primeira turma de “Teologia de Umbanda Sagrada”, responsável pela formação de milhares de umbandistas.

[← 23]

Citado de “A Missão da Umbanda”, do Espírito Ramatís. Obra psicografada por Norberto Peixoto.

[← 24]

Exú Mirim e Pomba Gira Mirim – Seres Encantados que se manifestam com o arquétipo de adolescentes. São entidades espirituais muito úteis nos trabalhos de amor e caridade da Umbanda.

[← 25]

Jurema – Tradição religiosa nordestina que utiliza uma variedade de acácia (chamada Jurema) como elemento sagrado no seu culto, além de cultuar os Orixás do panteão africano. Como muitas das religiões de origem popular, a Jurema sincretiza rituais indígenas, catolicismo e práticas de magia, entre outros. Os Mestres da Jurema são Encantados que se dedicam ao aconselhamento e cura dos pacientes que a eles recorrem. Diversos terreiros de Umbanda integram elementos da Jurema nas suas giras.

[← 26]

Catimbó – Originário das regiões nordestinas brasileiras, o Catimbó agrega um conjunto de ritos de pajelança, com práticas europeias de magia e de crenças fundadas no catolicismo. Nas sessões são cultuados os Santos católicos e Jesus Cristo, assim como as ervas sagradas e a árvore da Jurema.

[← 27]

José Bairrão é docente de Psicologia Social no Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Entre os diversos trabalhos de pesquisa e desenvolvimento de José Bairrão, são de salientar os estudos de etnopsicologia de comunidades religiosas afro-brasileiras.

[← 28]

Citado da obra “Opúsculos” - Volume V - Etnologia (Parte 1), de Leite de Vasconcelos. Considerado o maior filólogo português, Leite de Vasconcelos (1858-1941), notabilizou-se igualmente como etnógrafo, linguista, arqueólogo e escritor.

[← 29]

Cultos xamânicos – Conjunto de crenças ancestrais com o emprego de magia por parte de um xamã (curandeiro).

[← 30]

In: A Missão da Umbanda”, psicografado por Norberto Peixoto.

[← 31]

Paracelso (1493-1541), de seu verdadeiro nome Philipus T. B. von Hohenheim, foi um médico, alquimista e investigador suíço renascentista. A sua doutrina procura defender as afinidades existentes entre o corpo humano e o mundo exterior, baseando-se em métodos tidos como científicos, juntamente com outros do foro místico. Paracelso é considerado o pai da medicina, tendo sido um profundo conhecedor das energias da Natureza e na sua manipulação para fins benéficos.

[← 32]

Lívio Vinardi, doutorado em Física e Engenharia, é membro da Sociedade Científica Argentina e fundador da Biopsicoenergética. Profícuo investigador, conferencista e membro de diversas organizações internacionais relacionadas com a parapsicologia e o esoterismo, tem igualmente contribuído para o estudo da aura humana, mediante a criação de equipamentos eletromagnéticos destinados a esse fim.

[← 33]

Teósofo, médico, historiador e filósofo, Jorge Angel Livraga (1930-1991), nasceu em Buenos Aires. Dedicou-se ao longo da vida «a promover a fraternidade entre os indivíduos e os povos, a combater a miséria material e moral dos seus contemporâneos e a defender a liberdade de consciência e de expressão onde estas se vissem ameaçadas ou restringidas». Foi fundador da “Organização Internacional Nova Acrópole”, uma ONG consagrada à formação filosófica dos jovens e que está presente em mais de cinquenta países. Este distinto professor humanista publicou vários trabalhos sobre as antigas culturas e civilizações, romances, assim como ensaios filosóficos e reflexões sobre o mundo atual, além de diversos artigos.

[← 34]

Do livro “Mensagens do Grande Coração”, dos Espíritos Ramatís, Nikanor e Akenaton. Obra psicografada por América Paoliello Marques e Wanda B. P. Jimenez.

[← 35]

Obeah - Sistema religioso afro-caribenho que inclui ritos africanos, cubanos e do candomblé brasileiro. A prática do vodu haitiano e a influência do cristianismo estão igualmente presentes nesta religião. Os rituais incluem o uso de substâncias alucinogénias e de práticas ocultistas, como a magia.

[← 36]

Etólogo - Todo aquele que é versado em etologia. A etologia é a ciência que estuda o comportamento animal, estudo esse que é feito, preferencialmente, no ambiente natural onde essas espécies têm vida livre.